PARTE 2

4. INTELECTUAIS E O MSM:

Neste trecho da dissertação iremos abordar o papel dos intelectuais na sociedade de classes e situar a trajetória pública de alguns intelectuais do MSM, focando Olavo de Carvalho que figura efetivamente como o intelectual a frente do empreendimento. Buscamos situá-los em sua trajetória de vida, atentando para a constituição das relações sociais que os levarão à militância no MSM, na defesa conjunta desta visão de mundo.

Antes de podermos compreender plenamente o papel que o marxismo atribui aos intelectuais nas sociedades capitalistas avançadas (chamadas sociedades ocidentais em contraposição às sociedades orientais[1], o que não presume sua localização geográfica[2]), é necessário abordar introdutoriamente a questão do Estado e da hegemonia segundo Antonio Gramsci. Estes conceitos foram analisados por ele em uma situação onde se fazia urgente a revisão e autocrítica da atuação dos Partidos Comunistas na Europa ocidental – ele escreve dentro de uma cadeia fascista, tendo sido observador e partícipe do processo de derrota da classe trabalhadora no período. As estratégias desenvolvidas naquele momento, sob o signo da Terceira Internacional Comunista em processo de consolidação do stalinismo, eram marcadas pelo economicismo, pelo mecanicismo, pela cristalização do materialismo histórico dialético em doutrina determinista[3]. Christine Buci-Glucksmann recupera a urgência da autocrítica revolucionária, e como o autor irá avançar teoricamente tendo como base a análise das relações de força do período:

> Em 1920, na crise imediata do pós-guerra, que, de resto, provocou um desenvolvimento da burocracia estatal, de um "empreguismo dos pequenos-burgueses", agora desclassificados, Gramsci pensa que a situação revolucionária é capaz de "*abalar toda a superestrutura do capitalismo*". Mas após a vitória e depois a consolidação do fascismo, "a artilharia pesada do aparelho de Estado" finalmente triunfou sobre sua "ficção jurídica". A despeito de uma crise formidável, as superestruturas resistiram, reestruturando-se. Não cabe então *retomar* toda a análise do funcionamento infra-estrutura/superestrutura próprio do Ocidente, dos países capitalistas desenvolvidos? […] A estratificação complexa das relações Estado/sociedade, própria do capitalismo desenvolvido, não exige uma outra estratégia diferente da de outubro de 1917, estratégia que Gramsci pensava ser válida para a Itália

[1]Nas sociedades ocidentais "*a sociedade civil era largamente atomizada e a aparelhagem coercitiva estatal se apresentava como sujeito político coletivo fundamental na legitimação social da dominação burguesa*". NEVES, L. M. W.; SANT´ANNA, R. "Introdução: Gramsci, o Estado educador e a nova pedagogia da hegemonia". *In.* NEVES, L. M. W. *A nova pedagogia da hegemonia*: estratégias do capital para educar o consenso. São Paulo: Xamã, 2005. p. 22.

[2]As "*noções de 'Oriente' e 'Ocidente' que não deixam de ser 'objetivamente reais', ainda que, quando analisadas, demonstram ser nada mais que uma 'construção' convencional, isto é, 'histórico-cultural'*". GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 137.

[3]Sobre este processo ver FONTANA, J. *A história dos homens*. op. cit. p. 309-318.

> de 1920? A todas essas questões, Gramsci responderá através de uma *ampliação do conceito de Estado*[4].

Através da comparação estratégica entre o sucesso da revolução na Rússia em 1917 com o fracasso dos levantes do proletariado na Alemanha em 1919[5], cuja revolução era esperada desde Marx e Engels, levaram-no a buscar na ampliação, na complexificação, do Estado a principal diferença entre os dois processos. "*Nos países capitalistas desenvolvidos, a classe dominante possui reservas políticas e organizativas que ela não possuía na Rússia, por exemplo. Isso significa que as crises econômicas não tem repercussões imediatas no campo político*", incorrendo que "*a política está sempre atrasada em relação ao econômico. O aparelho de Estado é muito mais resistente que o que se imaginava, e ele consegue nos períodos de crise organizar muito mais fiéis ao regime que a crise permitiria supor*"[6].

Esta é uma das anotações mais fortes contra o determinismo economicista, que conjectura mecanicamente uma crise econômica como uma crise social, pois, desconsiderando a organicidade dialética entre a infraestrutura e a superestrutura, acaba por vezes presumindo uma crise econômica *necessariamente* como uma crise revolucionária. Reafirmando a leitura de Marx, de que as crises revelam as contradições insanáveis da estrutura social, não deixa de observar que "*forças políticas que atuam positivamente para conservar e defender a própria estrutura*", recorrendo a diversos esforços "*para saná-las dentro de certos limites e superá-las*"[7].

Trata-se de analisar o Estado em uma unidade complexa, o que o autor chamou de *integral*, e depois Buci-Glucksmann de *Estado ampliado*, sendo "*possível dizer, de que Estado = sociedade política + sociedade civil, isto é, hegemonia couraçada de coerção*"[8]. Este movimento ocorre como consequência da luta de classes, já que "*pôs-se um novo problema de hegemonia, isto é, a base histórica do Estado se deslocou. Tem-se uma forma extrema de sociedade política*", motivada "*ou para lutar contra o novo e conservar o que oscila, fortalecendo-o coercivamente, ou como expressão do novo para esmagar as resistências que encontra ao desenvolver-se, etc.*"[9]. Deste modo é possível para Gramsci afirmar, que "*na política, o erro acontece por uma inexata compreensão do que é o Estado (no significado integral: ditadura + hegemonia); na guerra, tem-se um erro semelhante,*

---

[4]BUCI-GLUCKSMANN, C. *Gramsci e o Estado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 67.
[5]Para maiores informações ver LOUREIRO, I. *A revolução alemã*, 1918-1923. São Paulo: UNESP, 2005.
[6]GRAMSCI, A. "La construzione del partito comunista". Turim: Eunadi, 1971. p. 121. *apud* BUCI-GLUCKSMANN, C. *Gramsci e o Estado*. Rio de Janeiro: op. cit. p. 67.
[7]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 37.
[8]Idem. p. 244.
[9]Ibidem. p. 262-263.

transportado ao campo inimigo (incompreensão não só do próprio Estado, mas também do Estado inimigo)"[10].

O Estado nas sociedades ocidentais não se faz e sustenta como uma única fortaleza, que assume como garantia de sua existência *somente* a coerção estatal, embora esta não possa ser minimizada[11], já que perpassa o processo, mas necessita ser entendido em suas ampliações, com a incorporação de reivindicações das classes subalternas, através do consenso ativo dos dominados. O estado torna-se "*todo o conjunto das atividades teóricas e práticas com as quais a classe dirigente justifica e mantém não somente a sua dominação, mas também consegue obter o consenso ativo dos dominados*"[12]. Em termos sintéticos: por Estado estrito (a sociedade política) compreende-se "*o aparelho governamental encarregado da administração direta e do exercício legal da coerção sobre aqueles que não consentem nem ativamente nem passivamente*"[13]. E por sociedade civil, o "*conjunto dos aparelhos privados de hegemonia – um dos terrenos da luta de classes em sociedades capitalistas modernas, sendo mesmo um dos espaços fundamentais da luta de classes em sociedades capitalistas*", caracterizado por estarem "*sob Estados de direito, com mercados eleitorais e conquistas (e reivindicações) democratizantes*"[14]. E está muito além de qualquer identificação mecanicista com seu governo, o que Gramsci afirma ser uma confusão típica da fase corporativa-econômica.

O Estado não se faz passível de mudanças consequentes sem a ruptura revolucionária, já que nele se dão os espaços da construção do consenso entre os dominantes – os espaços de disputas intraclasse da burguesia, mediadores de suas disputas pelo bloco no poder – e o convencimento dos dominados, pois, "*se a ampliação do Estado significa a incorporação seletiva de reivindicações populares, diz respeito também à construção de barreiras cada vez mais fortalecidas contra as lutas dos subalternos*"[15]. Para além de uma concepção instrumentalista, este é compreendido como órgão de um grupo social que o utilizará para crescer o máximo possível, mas que "*este desenvolvimento e esta expansão são concebidos e apresentados como a força motriz de uma expansão universal, de um desenvolvimento de*

---

[10]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 257.
[11]ANDERSON, P. "As antinomias de Gramsci". *In*. ANDERSON, P. *Afinidades seletivas*. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 46.
[12]GRAMSCI, A. "Note sul Machiavelli, sulla politica e sullo Stato moderno". Torino: Einaudi, 1966. p. 79. *apud* BUCI-GLUCKSMANN, C. *Gramsci e o Estado*. op. cit. p. 129.
[13]BIANCHI, A. *O laboratório de Gramsci*: filosofia, história e política. São Paulo: Alameda, 2008. p. 178.
[14]FONTES, V. "A sociedade civil no Brasil contemporâneo: lutas sociais e lutas teóricas na década de 1980" *In* LIMA, J. C.; NEVES, L. M. W. *Fundamentos da educação escolar no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Fiocruz/EPSJV, 2006. p. 201.
[15]FONTES, V. M. *Reflexões im-pertinentes*: história e capitalismo contemporâneo. op. cit. p. 231.

todas as energias 'nacionais'". O Estado é concebido como uma sucessão de equilíbrios instáveis entre classes e frações, onde "*os interesses do grupo dominante prevalecem, mas até determinado ponto, ou seja, não até o estreito interesse econômico-corporativo*"[16].

Esta leitura implica mudanças estratégicas profundas, já que para Gramsci, a hegemonia vem para superar nas sociedades ocidentais o conceito de revolução permanente[17], e a guerra de movimento é excedida pela guerra de posição[18]. Gramsci discute a hegemonia historicamente, pautando-se no processo de entrada do fordismo-taylorismo (ou americanismo) na Europa. Este buscou "*desenvolver em seu grau máximo, no trabalhador, os comportamentos maquinais e automáticos, quebrar a velha conexão psicofísica do trabalho profissional qualificado*"[19], objetivo em grande medida atingido:

> Na América, a racionalização do trabalho e o proibicionismo estão indubitavelmente ligados: as investigações dos industriais sobre a vida íntima dos operários, os serviços de inspeção criados por algumas empresas para controlar a "moralidade" dos operários são necessidades do novo método de trabalho. Quem ironizasse estas iniciativas (mesmo fracassadas) e visse nelas apenas uma manifestação hipócrita de "puritanismo" estaria se negando qualquer possibilidade de compreender a importância, o significado e o *alcance objetivo* do fenômeno americano, que é *também* o maior esforço coletivo até agora realizado para criar, com rapidez inaudita e com uma consciência do objetivo jamais vista na história, um tipo novo de trabalhador e de homem[20].

Assim, "*a hegemonia nasce da fábrica e necessita apenas, para ser exercida, de uma quantidade mínima* [no sentido de racional, do número necessário] *de intermediários profissionais da política e da ideologia*". Estes profissionais citados são característicos de uma "*sociedade 'racionalizada', na qual a 'estrutura' domina mais imediatamente as superestruturas*"[21], e que tem como função, através da "*estrutura maciça das democracias modernas, seja como organizações estatais, seja como conjunto de associações na vida civil*", organizar o consenso. Isto porquê "*um Estado vence uma guerra quando se prepara de modo minucioso e técnico no tempo de paz*"[22], atuando como força "civilizadora", pedagógica:

> Se todo Estado tende a criar e a manter um certo tipo de civilização e de cidadão (e, portanto, de conivência e de relações individuais), tende a fazer desaparecer certos costumes e atitudes e a difundir outros, o direito será o

---

[16]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. 41-42.
[17]Idem. p. 24.
[18]VACCA, G. *Guerra de posição e guerra de movimento*. Disponível em http://www.franca.unesp.br/GUERRA%20DE%20MOVIMENTO.pdf, acessado em 06.01.12.
[19]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 266.
[20]Idem. p. 266.
[21]Ibidem. p. 247-248.
[22]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 24.

> instrumento para esta finalidade (ao lado da escola e de outras instituições e atividades) e deve ser elaborado para ficar conforme a tal finalidade, ser maximamente eficaz e produtor de resultados positivos […] o Estado deve ser concebido como "educador" na medida que tende precisamente a criar um novo tipo ou nível de civilização. Dado que se opera essencialmente sobre as forças econômicas, que se reorganiza e se desenvolve o aparelho de produção econômica, que se inova a estrutura, não se deve concluir que os fatos da superestrutura devam ser abandonados a si mesmos […] O Estado, também neste campo, é um instrumento de "racionalização", de aceleração e de taylorização; atua segundo um plano, pressiona, incita, solicita e "pune"[23].

Esta difusão e aceitação ativa de uma visão de mundo, que não é sua, pelas classes subalternas (que "*estando historicamente na defensiva, não podem adquirir consciência de si a não ser por negações, através da consciência da personalidade e dos limites de classe do adversário*"[24]) é a chamada fase hegemônica, entendida de forma processual[25]. Quando busca historicamente o apogeu de determinado modo de ser, "*pode-se dizer que toda cultura tem o seu momento especulativo ou religioso, que coincide com o período de completa hegemonia do grupo social do qual é expressão*", que "*talvez coincida precisamente com o momento no qual a hegemonia real se desagrega na base, molecularmente, mas o sistema de pensamento, justamente por isso (para reagir à desagregação), aperfeiçoa-se dogmaticamente, torna-se uma 'fé' transcendental*"[26]. Este momento não pode ser compreendido descolado da luta de classes, já que transpassa a sociedade política, o Estado, e a sociedade civil organizada, através dos aparelhos privados de hegemonia:

> O fulcro do conceito gramsciano de sociedade civil – e dos aparelhos privados de hegemonia – remete para a organização e, portanto, para a produção coletiva, de visões de mundo, da consciência social, de formas de ser adequadas aos interesses do mundo burguês (a hegemonia) ou, ao contrário, capazes de opor-se resolutamente a este terreno dos interesses (corporativo), em direção a uma sociedade igualitária ("regulada") na qual a eticidade prevaleceria, como o momento eticopolítico da contra-hegemonia)[27].

Cada grupo social acaba por formar ao menos uma elite de intelectuais, que "*deve possuir a capacidade de organizar a sociedade em geral, em todo o seu complexo organismo de serviços, até o organismo estatal, tendo em vista a necessidade de criar as condições mais favoráveis à expansão da própria classe*", ou, levando em conta sua capacidade de exercer domínio econômico sobre as outras, toma a decisão de delegá-los, escolhendo "*'prepostos'*

---

[23]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 28.
[24]Idem. p. 190.
[25]Ibidem. p. 41.
[26]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 198-199.
[27]FONTES, V. *O Brasil e o capital-imperialismo*. op. cit. P. 133.

(empregados especializados) a quem confiar esta atividade organizativa das relações gerais exteriores à empresa"[28]. Em relação a função deste intelectual, Gramsci nos diz que "*todo grande político não pode deixar de ser também um grande administrador; todo grande estrategista, um grande tático; todo grande doutrinário, um grande organizador*", objeto de clivagem interna, avaliação pela qual "*julga-se o teórico, o formulador de planos por suas qualidades de administrador, e administrar significa prever as ações e as operações necessárias para realizar o plano, inclusive as 'moleculares' (e mais complexas, é óbvio)*"[29]. Sua capacidade organizativa coloca-se a serviço do partido buscando formar:

> Uma consciência coletiva, ou seja, um organismo vivo, só se forma depois que a multiplicidade se unifica através do atrito dos indivíduos: e não se pode dizer que o "silêncio" não seja multiplicidade. Uma orquestra que ensaia, cada instrumento por sua conta, dá a impressão da mais horrível cacofonia; *porém estes ensaios são a condição para que a orquestra viva como um só "instrumento"*[30].

Estes maestros, os intelectuais, têm sua importância no quadro geral das relações sociais afirmadas segundo uma distinção metodológica básica de Gramsci, que não valida qualquer "*critério de distinção no que é intrínseco às atividades intelectuais*", mas o desenvolvendo pelo e através do materialismo histórico dialético, ou seja, "*no conjunto do sistema de relações no qual estas atividades (e, portanto, os grupos que as personificam) se encontram no conjunto geral das relações sociais*"[31]. Historicamente, toda classe, "*todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais*", elementos ativos dotados de certas "*'especializações' de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a classe deu à luz*", aos quais cabe proporcionar "*homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político*". E cita como exemplo o empresário, que "*cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc.*". Estes intelectuais do novo "*grupo social 'essencial'*", nascido das raízes de uma "*estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento desta estrutura*", serão chamados de orgânicos, pois relacionados a um organismo social com a função de organizadores, dirigentes – uma relação indissociável da práxis.

Os intelectuais remanescentes do grupo dominante anterior, da ordem social anterior,

---

[28]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 15-16.
[29]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 285.
[30]Idem. p. 333. Grifos nossos.
[31]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 18.

os “*representantes de uma continuidade histórica*”[32], serão entendidos pela categoria de intelectual tradicional. E estes, mesmo representando um grupo superado, não são completamente relegados, pois como já abordado, “*nenhuma forma social jamais confessará que foi superada*”[33]. Por esta posição anterior, costumam ocupar postos relevantes na organização das relações sociais, continuidade inevitável, “*que não foi interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas*”. Os intelectuais tradicionais, através das redes que compõem e da consciência de “*sua 'qualificação'*”, apresentam-se “*a si mesmos como autônomos e independentes do grupo social dominante*” – eles não deixam de corresponder a sua função, mas alterando seu posicionamento, também alteram o quadro geral das relações de força, o que justifica socialmente esta categorização distinta – tendo “*consequências de grande importância no campo ideológico e político*”[34]. Gramsci compreende estas disputas, afirmando que “*uma das características mais marcantes de todo grupo social que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação e pela conquista 'ideológica' dos intelectuais tradicionais*”, posição que pode ser alcançada quanto mais rápido e ágil “*o grupo em questão for capaz de elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos*”.

A conceituação gramsciana de intelectual afirma-se contra a concepção burguesa de intelectual, definida pelo preenchimento de certos parâmetros ideais para tal caracterização, pois para Gramsci, ao contrário, “*em qualquer trabalho físico, mesmo no mais mecânico e mais degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, isto é, um mínimo de atividade intelectual criadora*”[35], sendo que, quando referencia-se a distinção entre o trabalho manual e intelectual, “*faz-se referência, na realidade, somente à imediata função social da categoria social dos intelectuais, isto é, leva-se em conta a direção sobre a qual incide o peso maior da atividade profissional específica, se na elaboração intelectual ou se no esforço muscular-nervoso*”, tornando impossível “*separar o homo faber do homo sapiens*”[36]. Isto o permite argumentar que é “*possível dizer que todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais*”, que “*as categorias especializadas para o exercício da função intelectual*” foram historicamente formadas “*em conexão com todos os grupos sociais, mas sobretudo em conexão com os grupos sociais mais importantes, e sofrem*

---

[32]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 16.
[33]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 37.
[34]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 16-17.
[35]Idem. p. 18-19.
[36]Ibidem. p. 52-53.

elaborações mais amplas e mais complexas em ligação com o grupo social dominante"[37]. Concluindo que, socialmente:

> A relação entre intelectuais e o mundo da produção não é imediata, como ocorre no caso dos grupos sociais fundamentais, mas é "mediatizada", em diversos graus, por todo o tecido social, pelo conjunto das superestruturas, do qual os intelectuais são precisamente os "funcionários". Seria possível medir a "organicidade" dos diversos estratos intelectuais, sua conexão mais ou menos estreita com um grupo social fundamental, fixando uma gradação das funções e das superestruturas de baixo para cima (da base estrutural para o alto) […] Estas funções são precisamente organizativas e conectivas. Os intelectuais são os "prepostos" do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político[38].

É preciso enfatizar esta questão, pois a relação dos intelectuais com a organização social não ocorre dissociada das classes sociais, alheia de sua posição de classe no modo de produção, sendo "*'mediatizada', em diversos graus, por todo o tecido social, pelo conjunto das superestruturas, do qual os intelectuais são precisamente os 'funcionários'*". Muitos autores utilizam a passagem acima para cindir a sociedade civil e política do mercado, do terreno da produção e distribuição. Isto tornaria o Estado, e seus funcionários alheios à estrutura, os tomando somente como responsáveis pela gestão das formas de exploração, reduzindo as relações sociais em uma base mecanizante, automática – para não dizer idealista. "*A elaboração das camadas intelectuais na realidade concreta não ocorre num terreno democrático abstrato, mas segundo processos históricos tradicionais muito concretos*", o que possui consequências diretas sobre sua relação com as classes sociais fundamentais. Os intelectuais não se consistem em casta, sendo que se sua diferenciação refere-se pela clivagem classista, nas sociedades ocidentais eles cumprem uma série de especializações, "*a própria função organizativa da hegemonia social e do domínio estatal dá lugar a uma certa divisão do trabalho e, portanto, a toda uma gradação de qualificações*"[39]. No exercício da dominação nem todos os intelectuais tem o mesmo peso, estando em constante batalha para sua afirmação como os agentes competentes para a gestão (ou "representação") dos interesses das classes. A função histórica dos partidos está entrelaçada com a capacidade dirigente de seus intelectuais:

> O problema da criação de uma nova camada intelectual, portanto, consiste em elaborar criticamente a atividade intelectual que cada um possui em determinado grau de desenvolvimento, modificando sua relação com o

---

[37]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 18-19.
[38]Idem. p. 20-21.
[39]Ibidem. p. 20-21.

esforço muscular-nervoso no sentido de um novo equilíbrio e fazendo com que o próprio esforço muscular-nervoso, enquanto elemento de uma atividade prática geral, que inova perpetuamente o mundo físico e social, torne-se o fundamento de uma nova e integral concepção de mundo […] O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloqüência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas numa inserção ativa na vida prática, como construtor, organizador, "persuasor permanente", já que não apenas orador puro – mas superior ao espírito matemático abstrato; da técnica-ciência e à concepção humanista retórica, sem a qual permanece "especialista" e não se torna "dirigente" (especialista + político)[40].

Como visto, estas questões ultrapassam este trecho, perpassando nossa dissertação. Aqui iremos buscar estabelecer paralelos entre a formação dos intelectuais do MSM, que em sua sequente ação política, constituiriam seu Estado Maior, os responsáveis maiores por afirmarem proposições que os demais escritores/militantes assumem como pressupostos para sua atuação política. Mas indiquemos, mesmo com o MSM afirmando certa autonomia (no sentido de não depender inteiramente da atuação de um único indivíduo), não prescinde de seu fundador e maior organizador, Olavo de Carvalho – em palavras claras, sem a participação deste provavelmente esta forma atual seria bem distinta. Iremos indagar sobre a trajetória pública deste, buscando entender sua origem social, formação intelectual e experiência profissional, sua vivência em aparelhos privados de hegemonia, e também a reinterpretação do seu passado, crucial já que parte desta leitura para constituir uma base de coerência para atuação política no presente.

4.1. Olavo de Carvalho:

Nosso intento aqui é traçar a trajetória pública de Olavo de Carvalho, não nos propondo investigar sua biografia, gênero que nos levaria a considerar como recorte temporal desta pesquisa o da vida do biografado, e exigiria, através de sua experiência privada buscar traçar paralelos com a constituição de suas posições políticas e ideológicas[41]. O que buscamos, através de linhas gerais de sua vivência, é atentar para alguns indícios sociais, que nos permitirão visualizar as etapas de sua formação, o "desenvolvimento necessário" para a atuação política posterior, atrelada ao MSM. Segundo Bourdieu:

Tudo leva a crer que o relato de vida tende a aproximar-se do modelo oficial

---

[40]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 53.
[41]Para mais detalhes sobre esta discussão ver: OLIVEIRA, F. R. de. *Trajetórias intelectuais no exílio*: Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vítor Ramos (1954-1974). Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2010. p. 21-27.

> da apresentação oficial de si, carteira de identidade, ficha de estado civil, *curriculum vitae*, biografia oficial, bem como da filosofia da identidade que o sustenta, quanto mais nos aproximamos dos interrogatórios oficiais das investigações oficiais – cujo limite é a investigação judiciária ou policial –, afastando-se ao mesmo tempo das trocas íntimas entre familiares e da lógica da *confidência* que prevalece nesses mercados protegidos [...] o objeto desse discurso é a apresentação *pública* e, logo, a oficialização de uma representação *privada* de sua própria vida, pública ou privada, implica um aumento de coações e de censuras específicas (das quais as sanções jurídicas contra as usurpações de identidade ou o porte ilegal de condecorações representam o limite)[42].

Basearemos este trecho da pesquisa em relatos autobiográficos, sendo que assim, temos de indicar para nosso leitor que a veracidade destes fatos escapa da nossa alçada (dada à centralidade de nosso objeto, o MSM, não pudemos recorrer a uma investigação detalhada destes personagens, buscando outros documentos que avalizariam ou não seus relatos), exatamente por sofrer, como na citação anterior, as censuras específicas típicas de uma apresentação pública. Isto implica que estamos conscientemente reproduzindo imagens atribuídas por estes à suas vivências, releitura que podemos, segundo Bourdieu, compreender como sendo *uma leitura ideológica de sua própria vida*: a criação "artificial" de sentido para sua vida, "*selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência, como as que implica a sua instituição como causas ou, com mais frequência como fins*"[43]. Não nos sentimos embaraçados diante deste procedimento, pois não produzimos nenhuma pergunta específica para investigar o passado dos intelectuais do MSM, buscando estritamente sublinhar em sua vivência sua origem e trajetória social (o que também implica que não poderemos abrir crítica explícita, a não ser buscando apresentar incoerências existentes em relatos destes).

Olavo Luiz Pimentel de Carvalho nasceu em Campinas (São Paulo), no dia 29 de abril de 1947. Atualmente casado, pela terceira vez, com Roxane Andrade de Souza[44], é pai de oito filhos: Heloísa, Luiz, Tales, Davi, Maria Inês, Percival, Leilah Maria e Pedro[45]. Foi o segundo filho do Luiz Gonzaga de Carvalho, que exercia como profissão a advocacia[46], enquanto sua mãe, Nicéa Pimentel de Carvalho, é apontada como tendo sido operária na indústria gráfica[47].

---

[42]BOURDIEU, P. "A ilusão biográfica". *In*. AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 188-189.
[43]Idem. p. 184-185.
[44]BERTOL, R. "Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho". *O Globo*. 25.05.00. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/acidental.htm, acessado em 13.11.11.
[45]CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. Rio de Janeiro: Editora da Faculdade Cidade, 1997. p. 86.
[46]ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.
[47]CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. op. cit. p. 86.

Sua primeira infância é marcada pela doença, uma infecção pulmonar[48], que, presumimos pela sua medicação (penicilina), desenvolveu-se em um tipo grave de artrite[49]. Passou sete anos acamado, período marcado pela vida familiar, "*a limitação e o tédio da vida doméstica, ora o aconchego dos braços de minha mãe e a inesgotável riqueza do mundo pequeno: eu tinha dezenas de miniaturas - soldados, bichos, carros*"[50] e principalmente pelo alegado desconhecimento do mundo exterior, que viria a "desapontá-lo":

> Depois, quando repentinamente tudo passou e saí para o mundo, ele era tão feio, tedioso e miserável que aí sim comecei a me sentir doente. A reserva de sonhos e imagens acumulada ao longo de anos de torpor físico revelou, então, sua utilidade. Com grande facilidade eu me isolava interiormente do cenário em torno, fugindo para um universo mais interessante, de minha própria invenção. Mas não era do tipo avoado. Desenvolvi uma habilidade incrível de fazer uma coisa pensando em outra, de manter uma ligação mínima com o ambiente para que ninguém percebesse que eu não estava ali. Na escola, simulava atenção com um centésimo do cérebro, enquanto os noventa e nove por cento restantes ficavam pensando em coisas lindas [...] Cheguei a ter longas conversas com as pessoas mais chatas do universo, fingindo eficazmente um interesse que as lisonjeava, enquanto por dentro fantasiava as criações mais extraordinárias, enredos inteiros repletos de aventuras, cavaleiros, princesas, castelos e dragões[51].

Após sua cura, relembra seu estranhamento nos primeiros contatos com o mundo exterior, especialmente o colégio: "*Embutido no uniforme, eu me parecia exteriormente com os demais meninos, mas por dentro era um bebê, simplório como um passarinho, por total ignorância não só dos pecados como também de tudo o mais*". Assinala a forte influência religiosa (revestida de um caráter místico) em sua educação, seja no colégio, onde indica que "*os professores leram-me trechos do Evangelho, que me comoviam até às lágrimas, mas daí, mediante uma lógica que me escapava, deduziam e me atribuíam a incumbência de confessar meus pecados*"[52], seja especialmente no período enfermo:

> As pessoas saudáveis vivem no mundo horizontal: quando mergulham na verticalidade, dormem e esquecem tudo. Não percebem que há ali outro espaço, tão real quanto o da agitação cotidiana: o universo do silêncio. O doente percebe claramente a passagem, a pulsação entre o oculto e o manifesto, o latente e o patente, o mistério e a claridade, bem como as rotações incessantes de sentido entre os seis pólos de uma cruz de três dimensões onde o homem está cravado no centro da esfera armilar do mundo.

---

[48]CARVALHO, O. de. "Um capítulo de memórias". *Diário do Comércio*. 23.06.08. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/080623dc.html, acessado em 27.02.12.
[49]CARVALHO, O. de. *Confissões de um brontossauro*. 24.10.03. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/blog/archives/000007.html, acessado em 08.01.12.
[50]CARVALHO, O. de. *O filósofo-mirim*. 26.02.04. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/blog/archives/000009.html, acessado em 08.01.12.
[51]CARVALHO, O. de. *Confissões de um brontossauro*. 24.10.03. op. cit.
[52]CARVALHO, O. de. "Um capítulo de memórias". *Diário do Comércio*. 23.06.08. op. cit.

> O signo da esfera armilar gravou-se em mim, sem nome, sem palavras, por fim sem imagens – pura latência interior–, antes mesmo que eu tivesse a menor consciência de qualquer ênfase religiosa que lhe estivesse associada. Reencontrei-o muitas vezes, mais tarde, nos ritos da Igreja, na arquitetura dos templos, na ordem interna das obras de arte, e em dois dos maiores livros escritos neste século: *O Simbolismo da Cruz*, de René Guénon, e *A Estrutura Absoluta*, de Raymond Abellio, que, uma vez lidos, se incorporaram definitivamente à minha concepção das coisas, como traduções verbais quase perfeitas de uma experiência primordial e arquetípica. Suponho que todos os homens tenham vivido essa experiência. Apenas, passando por ela demasiado rapidamente, não repararam nem na sua beleza, nem no seu alcance metafísico. Tão distraído e fútil é o ser humano, que somente a doença tem o poder de forçá-lo à contemplação. Mas nem toda doença serve: não pode ser breve e intensa como um desmaio, nem tão prolongada que leve ao entorpecimento da consciência. Só a doença consumptiva, que derruba sem adormecer, que enfraquece sem derrotar, produz aquela imobilidade paciente e serena em que a profundidade das coisas começa lentamente a revelar-se. Mais tarde, a sentença de Aristóteles – "A imobilidade gera a sabedoria" – retiniu em minha alma como uma verdade tão certa e tão alta, que nela reconheço a marca do sagrado[53].

Adolescente, já morando em São Paulo, tinha como interesse escolar principalmente a biologia e o latim, "*por influência de dois ótimos professores*". Aos dezessete anos, em 1965, começa a trabalhar no jornal *Notícias Populares*[54], e no ano seguinte teria se filiado ao Partido Comunista Brasileiro, "*pertenci à ala marighelista do PCB, assisti de perto à preparação do que viria a ser o movimento guerrilheiro*"[55], que viria a abandonar ao fim de 1968 por discordar da estratégia da luta armada. Este rompimento se deu de modo silencioso à época (aparentemente ele não chegara a formar-se quadro), mas marcante em sua biografia posterior: "*Eu, como todo brasileiro, primeiro tomei a posição e depois fui estudar o assunto. Quando estudei o assunto, descobri a cagada monumental que tinha feito*"[56]. Assinalemos que não faz sentido afirmar o abandono do PCB pela discordância sobre a passagem para luta armada, já que neste período os que abandonavam o partido o faziam para entrar na luta armada (a não ser que tenha abandonado o partido com os marighelistas antes da mudança estratégica e tenha omitido a informação)[57].

Trabalhando cinco horas por dia no jornal, neste mesmo período Carvalho frequentou como ouvinte aulas de filosofia, de estudos literários e de religiões comparadas na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e na Universidade de São Paulo (USP), onde posteriormente

---

[53]CARVALHO, O. de. *O filósofo-mirim*. 26.02.04. op. cit.
[54]BERTOL, R. "Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho". *O Globo*. 25.05.00. op. cit.
[55]CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. op. cit. p. 319.
[56]MATEVSKI, N. "Na base do doa a quem doer. Entrevista com Olavo de Carvalho". *Gazeta do Povo*. 20.06.04. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/entrevista_gazeta.htm, acessado em 13.01.12.
[57]A única referência externa encontrada sobre a passagem de Olavo de Carvalho pelo PCB foi em uma entrevista de Barbara Abramo para a revista *Trip*. BRESSANE, R. "Senhora do destino". *Trip*. nº. 138. Disponível em http://revistatpm.uol.com.br/49/vermelhas/home.htm, acessado em 03.03.12.

afirmou sair decepcionado[58]. Ingressou no curso de Filosofia no Conjunto de Pesquisa Filosófica da PUC do Rio de Janeiro, que cursou durante três anos, não o concluiu pelo fechamento do curso após a morte de seu principal promotor, o Padre Stanislavs Ladusãns, filósofo estoniano residente no Brasil. Segundo Carvalho, não deu prosseguimento aos seus estudos porque "*os outros cursos de Filosofia que eu conhecia neste país não me interessavam, pois eram demasiado ruins*"[59], mesmo tendo apresentado dois trabalhos de conclusão de curso durante o curso na PUC: *Estrutura e sentido da enciclopédia das ciências filosóficas de Mário Ferreira dos Santos* e *Leitura analítica da "crise da filosofia ocidental" de Vladimir Soloviev*. Estes "trabalhos de conclusão de curso" chamam atenção por terem sido supostamente apresentados antes da conclusão dos créditos habituais necessários para a possibilidade da defesa da pesquisa de conclusão, que geralmente obrigam a defesa no quarto ano do curso (matérias de pesquisa, tempo de orientação, matérias obrigatórias anteriores), dando a impressão de serem na realidade trabalhos relativos à disciplinas específicas.

Neste meio tempo ganha sua licença de jornalista, e já tendo constituído família, dedica-se ao trabalho em tempo integral. Passa pela *Folha da Manhã* como repórter, redator *copydesk*, setorista credenciado no Palácio do Governo (1967-1971); pela revista *Brasil-Israel* como crítico de filmes (1968); pelo *Cidade de Santos* como editor de notícias (1971-1972); pela revista *Atualidades Médicas* como editor de texto (1973-1974); pelo *Jornal da Tarde* do *Estado de S. Paulo* como editor assistente de notícias políticas (1973-1975); pelo *Jornal da Semana* como secretário de redação (1976-1977); e de 1977 até 2005 trabalhou como *freelance* em um sem número de revistas e jornais, como *Claudia*, *Nova*, *Contexto*, *Escola*, *Planeta*, *Sala de Aula*, *Escola*, *Bravo*, *República*, *Primeira Leitura*, etc.[60]. Segundo Carvalho "*na ditadura militar, com muitos amigos presos, torturados, mortos, percebi que o Brasil ia ladeira abaixo para as trevas. Achei que o melhor era me retirar e estudar para entender o que se passava. Isolei-me dos 20 aos 47 anos*"[61]. De acordo com seu *Curriculum Vitae*:

> Desde muito jovem iniciou seus estudos de filosofia, psicologia e religiões comparadas. Não tendo encontrado, na época, cursos universitários de boa qualidade sobre os tópicos que eram de seu interesse – e tendo recebido o Registro de Jornalista Profissional por tempo de serviço, de acordo com a legislação que então entrou em vigor –, abdicou temporariamente dos estudos universitários formais e buscou professores particulares e conselheiros

---

[58]BERTOL, R. "Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho". *O Globo*. 25.05.00. op. cit.
[59]CIDRAL, F. "Que é que você quer com a filosofia? Entrevista de Olavo de Carvalho". *Vidaqui*. 31.10.00. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/quee.htm, acessado em 13.01.12.
[60]CARVALHO, O. de. *Life and works*. Resumé. 15.09.11. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/english/1Resume.pdf, acessado em 14.01.12.
[61]BERTOL, R. "Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho". *O Globo*. 25.05.00. op. cit.

qualificados que o orientassem[62].

Entre estes professores, “*merecedores de sua mais profunda gratidão, por lhe haverem dado acesso a uma formação que jamais poderia adquirir numa universidade brasileira*”[63], destaca:

> - Juan Alfredo César Müller, psicólogo clínico diplomado pelo Instituto de Psicologia de Zurique e ex-aluno de Jung, L. Szondi e Marie-Louise von Franz; sob a orientação do Dr. Müller, estudou psicologia durante mais de dez anos; - Marcel van Cutsem, filólogo e erudito belga, residente em São Paulo, sob cuja orientação estudou línguas e literatura; - Lívio Vinardi, físico e esoterista argentino, sob cuja orientação estudou bioenergética, parapsicologia e assuntos afins. - Marco Pallis, religioso e erudito budista, residente em Londres, autor de *A Buddhist Spectrum*, *Peaks and Lamas* e *The Way and the Mountain*, livros clássicos na área das Religiões Comparadas. - José Khoury, erudito e filólogo libanês, de quem aprendeu princípios de língua árabe e história da civilização islâmica. -Martin Lings, diretor da Seção de Manuscritos Orientais do Museu Britânico, de quem recebeu orientação pessoal para o estudo de religiões comparadas[64].

Passa a década de setenta sem nenhuma participação pública, “*a partir de 1975, concentrou seus esforços no estudo das Artes Liberais – as sete disciplinas básicas para a formação dos letrados na Europa Medieval (Lógica, Retórica e Gramática; Aritmética, Música, Geometria e Astrologia)*”[65], e na década seguinte irá buscar afirmar seu nome como astrólogo. Segundo ele, seu primeiro contato com a astrologia fora “*uma casualidade. O Dr. Müller* [Juan Alfredo César Müller] *contratou-me na época em que eu trabalhava no Jornal da Tarde para redigir um curso de psicologia baseado em astrologia, já que era argentino e não dominava muito bem o português*”, sendo que “*depois destas aulas, um mundo sem limites se abriu para mim*”[66]. Lança cinco livros relativos ao tema nos anos 80, além de participar de uma série de revistas, traduções, organizações e apostilas. Segundo Carvalho:

> Não existe possibilidade alguma de entendimento de qualquer civilização antiga sem o conhecimento da Astrologia. O modelo de visão do mundo baseado nos ciclos planetários e nas esferas esteve em vigor durante milênios e isto continua a estar, de certo modo, no “inconsciente” das pessoas. Apesar de algumas deficiências no modelo astrológico, foi ele quem estruturou a humanidade pelo menos a partir do império egípcio-babilônico, o que

---

[62]ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.
[63]Idem.
[64]Ibidem
[65]Ibidem.
[66]TÓTORA, R. “Um acerto de contas com a astrologia. Entrevista de Olavo de Carvalho”. *Porto do Céu*. 01.06.00. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/astrologia.htm, acessado em 10.01.12. Para maiores informações sobre Juan Alfredo César Müller ver CENTRAL NACIONAL DE ASTROLOGIA. *Juan Alfredo César Müller*. 27.01.10. Disponível em http://cnastrologia.org.br/site/blog/2010/01/27/juan-alfredo-cesar-muller/, acessado em 10.01.11.

significa, no mínimo, cinco mil anos de história. A Astrologia é um elemento obrigatório, por isto quem não a estudou, não estudou nada, é um analfabeto, um estúpido[67].

Ao fim da década começa a dedicar-se ativamente à filosofia que, do mesmo modo que a astrologia, aparece "*por contingência*"[68] (na citação a seguir isto é revestido quase de um "destino manifesto" clarificado, que traria sua verdadeira função social como cidadão):

> Até os 35 anos, eu não falava de assuntos filosóficos com ninguém a não ser comigo mesmo; vivia numa solidão intelectual quase completa. Então, comecei a dar conferências para um pequeno grupo de estudantes. Eu também escrevia, mas apenas resumos para os meus alunos, e teria continuado de bom grado a fazer o mesmo a vida inteira se as circunstâncias não me tivessem tirado de minha solidão para fazer de mim uma espécie de inspetor da saúde mental dos intelectuais brasileiros. Estou feliz por ter abandonado a modéstia da vida solitária unicamente para fazer algo de útil e objetivo, sem concessões às minhas vaidades de juventude, as quais já estavam mortas[69].

Na tabela seguinte, sobre as apresentações públicas proferidas por Olavo de Carvalho, organizada por Roxane Carvalho é Érica Pinheiro, podemos observar seus desdobramentos posteriores mais claramente:

TABELA 3: Cursos, palestras e conferências de Olavo de Carvalho:

Título	Evento	Instituições promotoras	Local	Data
Introdução ao estudo das medicinas tradicionais	Seminário sobre sistemas culturais de saúde	Ministério da Previdência e Assistência Social e Secretaria de Estado da Saúde São Paulo	São Paulo	21.08.86
Saúde e cultura	Ciclo de debates medicina e cura	XVIII Encontro Científico dos Estudantes de Medicina	Universidade Estadual de Campinas	26.07.87
Introdução ao estudo das ciências tradicionais	Não consta	Não consta	Instituto de Biociências da USP	25.05.81
Felicidade e infortúnio	Palestra no I Simpósio de casamento e divórcio	Sociedade Brasileira de Szondi	São Paulo	26.04.80
Possibilidades e limites da pesquisa científica em astrologia	Palestra no ciclo Cosmo: realidade e ficção	SESC (Serviço Social do Comércio)	São Paulo	16.10.89
Introdução às artes liberais	Cinco palestras proferidas	Escola Dante Alighieri	Salvador	11.88
Ortega y Gasset	Palestra	Associação Pallas Athena	São Paulo	13.06.84

[67]TÓTORA, R. "Um acerto de contas com a astrologia. Entrevista de Olavo de Carvalho". *Porto do Céu*. 01.06.00. op. cit.
[68]ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.
[69]NEDELCU, D. "Entrevista com Olavo de Carvalho". *Rádio Nacional*. Bucareste, 12.11.98 http://www.olavodecarvalho.org/textos/nedelcu.htm, acessado em 10.01.12..

Título	Evento	Instituições promotoras	Local	Data
Introdução ao pensamento filosófico de Mário Ferreira dos Santos	Palestra	União Brasileira de Escritores	São Paulo	07.05.89
Simbolismo maçônico n'A Flauta Mágica de Mozart	Conferência pronunciada no Teatro Municipal de São Paulo	Orquestra Sinfônica Jovem Municipal de São Paulo	São Paulo	08.09.83
Ler e escrever: introdução ao Trivium	Curso privado	Não consta	Não consta	06-12.84
Introdução à vida intelectual	Curso	Instituto Santo André	Rio de Janeiro	03.87-03.89
O fim do ciclo nacionalista	Palestra	Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos	Rio de Janeiro	04.92
A violência como metáfora: o Silêncio dos Inocentes	Palestra no ciclo Violência contra a infância, comemorativo da Semana da Criança de 1993	Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo	São Paulo	1993
História essencial da filosofia	Curso em doze aulas	Casa de Cultura Laura Alvim	Rio de janeiro	06-09 e 10-12.93
Pensamento e atualidade de Aristóteles	Curso em vinte aulas	Casa de Cultura Laura Alvim	Rio de Janeiro	03-06. 94
Análise simbólica do filme Coração Satânico	Conferência no ciclo Leituras e linguagens	Universidade Estadual do Norte Fluminense	Campos	04.04.95
Aristóteles em nova perspectiva	Curso em doze aulas	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Católica de Salvador	Salvador	8-19.05.95
Filosofia e ensino da filosofia no Brasil	Conferência no Encontro estadual de estudantes de filosofia	Universidade Católica de Salvador	Salvador	10.06.95
A estrutura do Organon e a unidade das ciências do discurso em Aristóteles	Comunicação lida no V Congresso Brasileiro de Filosofia	Faculdade de Direito da USP	São Paulo	05.09.95
A arte de estudar	Quatro conferências	Instituto cultural Brasil-Alemanha	Salvador	11.95
Aristóteles em nova perspectiva	Três palestras	Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco	Recife	10-12.01.97
Situação presente da cultura brasileira	Conferência de lançamento do livro O imbecil coletivo	Teatro da Faculdade da Cidade	Rio de Janeiro	22.08.96
Empresariado e cultura	Conferência	Associação Gaúcha dos Advogados de Direito Imobiliário Empresarial	Não consta	10.05. 97
O futuro do pensamento brasileiro	Conferência	Instituto de Tropicologia da Fundação Joaquim Nabuco,	Não consta	13.03.97
Os mais excluídos dos excluídos	Conferência	UNESCO	Paris	23.05. 97

Título	Evento	Instituições promotoras	Local	Data
Introdução à lógica e à metodologia científica	Curso em cinco aulas	Escola Superior de Administração Fazendária da Delegacia da Receita Federal	Rio de Janeiro	13-17.04.98
Reparando uma injustiça pessoal	Conferência	Clube Militar do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	31.03.99
Filósofos brasileiros do século XX	Conferência	Casa de América Latina	Bucareste	08.09.99
Christianisme et globalisation	Conferência	Congresso *Latinité et nouvel ordre mondial*	Cluj-Napocca (Romênia)	06.98
Ser e poder: o problema fundamental da filosofia política	Conferência no congresso *United Nations intellectual leaders striving for the stable development of mankind*	ONU, Conference Room I	Nova Iorque	05.01.01
Censura e desinformação	Conferência	Clube Naval do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	27.11.01
Sobre a defesa nacional	Conferência no I Simpósio sobre Estratégia da Resistência e Mobilização da Vontade Nacional	Comando Militar da Amazônia	Não consta	07.12.01
Sistemas políticos contemporâneos	Conferência	Escola de Comando e Estado-Maior do Exército	Não consta	02.05.02
Argumento e prova em direito e ciência política	Curso	Instituto Brasiliense de Direito Público	Brasília	27.02-02.03.02
Educação liberal	Curso	Instituto Paraná Desenvolvimento	Não consta	03-05.02
Totalitarismo islâmico: herdeiro do comunismo e do nazismo	Palestra	Clube A Hebraica	São Paulo	24.05.04
O Brasil perante os conflitos da nova ordem mundial: oportunidades e desafios	Palestra	Ordem dos Advogados do Brasil-SP	São Paulo	06.08.04
Seminário de filosofia	Curso permanente	Instituto Olavo de Carvalho	Curitiba, São Paulo e Porto Alegre	Não consta
História Essencial da filosofia	Curso permanente	Instituto Olavo de Carvalho	Curitiba e São Paulo	Não consta

"*Pronunciou ainda vários outros cursos e conferências nas seguintes entidades: Associação Paulista de Medicina, SP, Universidade Estadual de Campinas, SP, Centro Educacional da Lagoa, RJ, Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos, RJ, Espaço Verdi, UERJ, Instituto Liberal, Instituto de História e Geografia Militar do Brasil, Clube Militar (Rio de Janeiro), Universidade Mackenzie (São Paulo), Casa de Cultura Laura Alvim, RJ, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, Associação Comercial do Rio de Janeiro, UNESCO (Paris), ONU (Nova York)*". FONTE: ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. Disponível em http://dennymarquesani.sites.uol.com.br/semana/olavcrvl.htm, acessado em 19.02.11.

A partir de 1989, com a formatação dos cursos permanentes, seus Seminários de

filosofia, “*diminuiu a atividade jornalística para se dedicar mais aos cursos, os Seminários de Filosofia, que dá duas vezes por mês no Rio e em São Paulo*”. Nestes cursos “*calcula ter tido cerca de cinco mil alunos e escrito umas dez mil páginas*”[70], sendo este momento em que começa a firmar-se como intelectual de certo renome. Segundo sua própria descrição o Seminário seria,

> [...] em primeiro lugar, um curso de filosofia (o único que pode ajudar você a praticar a filosofia em vez de apenas repetir o que outras pessoas, ilustres o quanto se queira, disseram a respeito dela. Mas, pela sua própria natureza, a filosofia não é um saber especializado sobre uma determinada classe de objetos: é uma atividade integral da inteligência que se volta sobre todos os campos do saber e da experiência em busca de sua unidade, de seu fundamento e de sua significação última para a consciência humana. Não há limites, portanto, para os conhecimentos especializados que possam se tornar necessários, como subsídios auxiliares, ao aprendizado e exercício da filosofia: a formação filosófica é, também e inseparavelmente, a abertura da inteligência à totalidade sistêmica dos conhecimentos humanos. Por essa razão, o *Seminário* é também um sistema de educação integral, com abertura para os seguintes campos de estudos, além da filosofia *strictu sensu* : 1. Religião comparada; 2. Letras e artes; 3. Ciências humanas; 4. Ciências da natureza; 5. Comunicação e expressão. Essa abrangência torna o Seminário uma espécie de *Introdução geral aos estudos superiores em sua totalidade* [...] Buscando constantemente o nexo entre conhecimento e autoconsciência, o filósofo (ou, o que é exatamente o mesmo: o estudante) submete-se à *disciplina da sinceridade* , que se torna, de maneira lenta, gradual e segura, um caminho de ascese espiritual: o desenvolvimento do *senso pessoal da verdade*.[71]

E o resume em seis tópicos de abrangência:

> 1º Um curso de filosofia. 2º Um sistema de educação integral. 3º Uma introdução geral aos estudos superiores. 4º Uma teoria e prática da interdisciplina. 5º Um caminho de ascese espiritual. 6º Um método de desenvolvimento da inteligência pessoal. Caso esses seis objetivos lhe pareçam grandes demais para poderem ser atingidos todos de uma vez, o próprio Seminário lhe mostrará que não é possível atingir nenhum deles separadamente: *filosofia* , *educação integral* ,*ampliação do horizonte cognitivo* , *unidade do conhecimento* , *ascese espiritual fundada na autoconsciência* e *desenvolvimento da inteligência humana* são, apenas, seis nomes de uma só e mesma coisa[72].

O Seminário irá ser o primeiro e maior passo para a consolidação de Carvalho como comentarista político. É através deste que passa a “trabalhar” como intelectual, podendo subsistir como colunista, escritor e palestrante (abandonando parte do trabalho técnico que

[70]ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.
[71]CARVALHO, O. de. *Que é o seminário de filosofia?* Disponível em http://www.seminariodefilosofia.org/o-que-e, acessado em 10.01.12.
[72]CARVALHO, O. de. *Que é o seminário de filosofia?* op. cit.

desenvolvia nas redações de imprensa e a astrologia)[73]. Será pelo desenvolvimento deste, e posterior desdobramento no Instituto Olavo de Carvalho, que ele irá centralizar seus esforços por reconhecimento. Segue-se uma tabela com os trabalhos editoriais realizados por Carvalho:

TABELA 4: Traduções e serviços editoriais de Olavo de Carvalho:

Obra e autor	Função	Cidade	Editora	Ano
A glândula tireóide: suas funções e disfunções, pelo Dr. José Carlos da Rosa (org.)	Preparação do texto	São Paulo	ESPE	1976
Tabu, por Allan Watts	Tradução	São Paulo	Editora Três	1978
Comentários à *Metafísica Oriental* de René Guénon, por Michel Veber	Edição e organização	São Paulo	Não consta	1983
Como vencer um debate sem precisar ter razão. A "dialética erística", por Arthur Schopenhauer	Texto e comentários	Rio de Janeiro	Topbooks	1997
As seis doenças do espírito humano, por Constantin Noica	Preparação e edição	Rio de Janeiro	Record	1999
Aristóteles, por Émile Boutroux	Preparação e edição	Rio de Janeiro	Record	2001
A origem da linguagem, por Eugen Rosenstock-Huessy	Preparação e edição	Rio de Janeiro	Record	2002
Estética como ciência da expressão e lingüística geral, por Benedetto Croce	Tradução	Rio de Janeiro	Record	Não consta
Do hábito, por Félix Ravaisson	Tradução inédita	Não consta	Não consta	Não consta
Teatro oficina: onde a arte não dormia, por Ítala Nandi	Edição e prefácio da 2a. edição	Rio de Janeiro	Faculdade da Cidade Editora	1997
O espírito das revoluções, por J. O. de Meira Penna	Edição	Rio de Janeiro	Faculdade da Cidade Editora	1997
O exército na história do Brasil. III volumes.	Editor	Rio de Janeiro; Salvador	Biblioteca do Exército e Fundação Emílio Odebrecht	1998
Ensaios reunidos de Otto Maria Carpeaux. III volumes.	Edição	Rio de Janeiro	Faculdade da Cidade Editora; Topbooks	1999-
A sociedade de confiança, de Alain Peyrefitte	Tradução e edição	Rio de Janeiro	Instituto Liberal do Rio de Janeiro; Topbooks	2000

FONTE: ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.

Já nos anos noventa irá lançar seus livros sobre política e filosofia, que atingem certa expressão e o ajudam a consolidar-se como colunista político "de direita". Seu primeiro lançamento em livro, contudo, nasce de uma polêmica com a Sociedade Brasileira para a Pesquisa Científica, que recusa a lançar um artigo seu sobre Aristóteles, e que toma certa

[73]Os valores cobrados atualmente pelo Seminário de filosofia são de: 1 mês R$ 35,00; 3 meses R$ 95,00; 6 meses R$ 180,00; ou mensalidades fixas de U$ 20,00. Pelo Curso *online* de filosofia são cobrados: 1 mês R$ 50,00; 3 meses R$ 145,00; 6 meses R$ 290,00 ou mensalidades fixas de U$ 30,00. SEMINÁRIO DE FILOSOFIA. *Assine já*. Disponível em http://www.seminariodefilosofia.org/assine, acessado em 13.01.12.

repercussão midiática[74]. No meio da querela Bruno Tolentino, poeta e amigo de Carvalho, o orienta a lançar um livro, o que resultou em *O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César* de 1995 (Tolentino assina o "prefácio"). Segundo Carvalho:

> Durante muito tempo eu mesmo publiquei meus livros, em tiragens pequenas, para um círculo de alunos e amigos. Em 1995, por insistência do Bruno Tolentino, lancei "O Jardim das Aflições" numa tiragem maior, por uma editora profissional. Aí, por uma coincidência, fui trabalhar na Editora da Faculdade da Cidade e lancei por lá "O Imbecil Coletivo", que deu uma encrenca dos diabos e me lançou em polêmicas de imprensa, que não procurei mas das quais não fugi e nas quais, graças a Deus, me saí muito bem[75].

Olavo de Carvalho irá emergir na imprensa no vácuo deixado pela morte de Paulo Francis em 1997, em plena conjuntura onde a grande mídia batalhava ostensivamente pela implementação do ultraliberalismo. Francisco Fonseca empreendeu uma obra de fôlego, onde analisou todos os editoriais da grande imprensa brasileira, a saber o *Jornal do Brasil*, *O Globo*, a *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, entre 1985 e 1992, sobre a formação da hegemonia ultraliberal, a agenda estratégica para a formação do consenso em torno deste:

> A exaustiva análise que procuramos empreender dos quatro jornais num período tão controvertido, em termos políticos, econômicos, sociais, ideológicos e internacionais, articulando-se a complexa conjuntura [...] houve imensa semelhança no modus operandi dos jornais em foco. O quarteto interpretou a chamada "onda neoliberal" de forma peculiar, mas teve como fio condutor a tentativa de estabelecer uma nova hegemonia, mediante a constituição de uma Agenda Ultraliberal, na qual a esfera privada obtivesse a precedência em relação ao Estado, o Capital sobre o Trabalho, e o (ultra)liberalismo – ao estilo de cada um – a primazia político-ideológica e cultural. Para tanto, os exemplos internacionais, tomados como uma tendência desejável e inescapável, foram magistralmente utilizados como forma de demonstrar a vitória do capitalismo liberal e o conseqüente "fim da história". Todos os que se opuseram, por qualquer motivo, a estas idéias foram desqualificados e deslegitimados, num processo autoritário e arrogante desenvolvido pelos periódicos[76].

A formação e consolidação desta hegemonia não dispensaram os funcionários responsáveis por ocupar as trincheiras ideológicas que "*são particularmente expressas nos jornais*"[77]: os intelectuais. Segundo Carla Luciana Silva, que examina a atuação partidária da revista *Veja* neste processo entre os anos de 1989 e 2002: "*nas readequações capitalistas, o neoliberalismo se construiria em torno de valores como 'moderno', avançado, vitorioso. Para*

---

[74]BERTOL, R. "Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho". *O Globo*. 25.05.00. op. cit.
[75]CIDRAL, F. "Que é que você quer com a filosofia? Entrevista de Olavo de Carvalho". *Vidaqui*. 31.10.00. op. cit.
[76]FONSECA, F. C. P. da. *O consenso forjado*: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2005. p. 327.
[77]Idem. p. 29.

que isso ocorresse seria necessário o convencimento daqueles que seriam os construtores do programa", exigindo a educação dos "*pequenos e médios proprietários, a pequena, média e alta burguesia*", ou seja, "*ensinar a classe dominante a manter sua dominação diante do novo quadro político e econômico, a 'nova ordem mundial'*". Isto porque naquele momento o ultraliberalismo "*estava ainda em construção enquanto hegemonia. Não era um fato dado, não foi imposto de forma simples, nem segundo fórmulas exatas*"[78].

Este espaço aberto, que era necessário e urgente preencher e consolidar, abriu caminho para vários comentaristas alinhados à direita, como Diogo Mainardi e Marcelo Sabino, da *Veja*, Reinaldo Azevedo do *Primeira Leitura*, Nelson Ascher, da *Folha de S. Paulo* e Ali Kamel e Arnaldo Jabor da *Rede Globo*[79]. Como assinala Carlos Nelson Coutinho, Olavo de Carvalho "*surgiu, com enorme respaldo dos meios de comunicação, um intelectual de extrema-direita, de uma agressividade completa contra o marxismo*"[80]. E não podemos deixar de citar que é nos anos noventa que ocorre a reestruturação do ramo jornalístico no Brasil, especialmente afetado pelas tecnologias da informação: além de diminuírem drasticamente o consumo do jornalismo impresso (tendência que é dada como irreversível) substitui-se mecanicamente o trabalho de uma série de especialistas, técnicos e mesmo jornalistas de renome, especialmente notada na demissão de correspondentes substituídos por notas de agências internacionais de notícias, geralmente empresas de origem estatal estrangeiras de jornalismo como a *British Broadcasting Corporation* (BBC) e a *Radio France Internationale* (RFI). O desemprego passa a ser determinante para corte de salários e assédio ideológico. Segundo Martins:

> Os jornalistas perderam sua segurança no emprego, essa também uma das razões pela direitização da profissão. A mídia empresa descobriu como aviltar a classe, seja explorando a vaidade de alguns, seja amedrontando a maioria com o desemprego. Fazer-se notar como dissidente é demissão certa. Os baixos salários, mantidos pela troca constante dos mais velhos por estagiários e recém-formados, forçando quem tem experiência a se tornar assessor de imprensa agravou o quadro. A expressão "jornalista independente" que poderia designar um jornalismo maduro e seguro é a demonstração de sua fraqueza – os jornalistas independentes, pagando como autônomos suas contribuições para a aposentadoria, arcando com seus seguros-saúde, sem garantias, não passam de frilas [trabalhadores "*free-lance*", que recebem por matéria ou fotografia vendida], ou estressados obrigados a aceitar qualquer

---

[78]SILVA, C. L. *Veja*: o indispensável partido neoliberal. Cascavel: Edunioeste, 2009. p. 20.

[79]GONÇALVES, M. A.; CARIELLO, R. "Direita na mídia". *Folha de S. Paulo*. 15.02.06. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/folha_de_s_paulo_destaca_ascensao_da_direita_na_midia, acessado em 14.01.12.

[80]VALOR ECONÔMICO. "Intelectuais em extinção. Entrevista com Carlos Nelson Coutinho". *Valor Econômico*. 24-26.11.00. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al0512200091.htm, acessado em 21.01.12.

> pagamento por suas matérias. Os grandes jornais não têm mais correspondentes fixos e se abastecem, quando algum fato exige, com reportagens enviadas por frilas internacionais ou, no máximo pelos chamados frilas fixos, cuja estabilidade depende das equipes que se sucedem nas redações centrais. Ganhar muito é arriscado, chama a atenção em todo plano de economia previsto pelo jornal[81].

Este poder de criação de intelectuais-funcionários, submetidos às novas condições de trabalho, sua rápida formatação como "formadores de opinião" dependeu ainda do alcance destas publicações. Segundo Luis Nassif: "*o Mainardi é um exemplo. Começou-se a criar um mito de que ele seria o novo Paulo Francis. Mas quando você vê as coisas que ele escreve... E não estou entrando em juízo de valor, mas em juízo de qualidade. De repente, você o transforma num personagem*". Estes são afirmados em seu valor como intelectuais através de seus pares: "*você tem o Sabino elogiando o Ali Kamel, que elogia o Mainardi, etc. Ou seja, cria-se dentro da imprensa um negócio fora das estruturas de controle dos jornais, grupos de autopromoção que são uma coisa mafiosa*". Articulação que também serve para a defesa contra possíveis intervenções de intelectuais não alinhados com a agenda destes aparelhos privados de hegemonia: "*destrói-se pessoa que não seja do grupo e passa-se a tentar criar reputações intelectuais. E quem são as novas personalidades intelectuais que surgem? Ali Kamel, Mário Sabino, Mainardi. É inacreditável! Mainardi!*"[82]. Como citado, podemos sem grandes temores justificar parte desta necessidade de novos intelectuais de direita pela morte de Paulo Francis, afinal este fora:

> [...] um dos maiores salários da imprensa brasileira, ocupando páginas inteiras na Folha de S. Paulo (por 14 anos) e O Estado de S. Paulo (durante sete anos), lidas com avidez por milhares de pessoas. Quando uma de suas incontinências verbais não fundamentadas lhe acarretou uma ação de indenização de 100 milhões de dólares, por parte dos diretores da Petrobras, chamados por ele de ladrões, Francis reagiu não como um jornalista, mas como um proprietário ameaçado. Seu patrimônio [...] incluía, além dos salários (US$ 20 mil no Estadão e provavelmente mais na Globo), dois apartamentos em Manhattan, a área mais valorizada de Nova York, US$ 3 milhões em conta bancária "e administrada, sabe-se hoje, por seu amigo Ronald Levinsohn, aquele da caderneta Delfin"[83].

---

[81]MARTINS, R. "Veríssimo: imprensa brasileira é de direita". *Direto da Redação*. 19.11.07. Disponível em http://www.diretodaredacao.com/noticia/verissimo-imprensa-brasileira-e-de-direita, acessado em 21.01.12.

[82]CINTRA, A.; LOBREGATTE, P. "A deterioração ética e moral do jornalismo. Entrevista com Luis Nassif". *Portal Vermelho*. 05.03.08. Disponível em http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=2796, acessado em 20.01.12.

[83]PINTO, L. F. "Paulo Francis e a bomba esquecida". *Observatório da Imprensa*. 04.05.10. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/paulo-francis-e-a-bomba-esquecida, acessado em 14.01.11. Para mais detalhes sobre Francis ver: BATISTA, A. B. "Paulo Francis e o cenário político-ideológico de 1989: Análise do discurso sobre o fim do socialismo no leste europeu' e 'o perigo Lula' no processo político-eleitoral brasileiro daquele ano". *Anais do Simpósio Nacional de História 2011*. Disponível em

Olavo, que estreitou contatos com Paulo Francis em seus últimos anos, lhe dedica o livro *Imbecil coletivo 1*[84]– lançado pela Editora da UniverCidade do Rio de Janeiro (o "*único centro de ensino superior em todo o mundo com erro de ortografia no nome*"[85]), que é de propriedade do mesmo Ronald Levinsohn que administrava parte dos bens de Francis. Os contatos com aquela faculdade foram frutíferos, inclusive Carvalho passou a utilizar seus espaços físicos para a realização do Seminário de filosofia entre de 1997 até 2001, sendo nomeado diretor de sua editora entre 1999 e 2001[86].

Levinsohn era o dono da Delfin crédito imobiliário, a maior caderneta de poupança do País, com cerca de quatro milhões de clientes, quando em 1982 estourou um escândalo envolvendo um acordo sobre a dívida desta com o Banco Nacional de Habitação (BNH), o "*grande escândalo financeiro que a ditadura não conseguiu encobrir*"[87]:

> Contra parecer técnico de sua Diretoria de Terras, contra avaliação de uma comissão oficial, a despeito de recomendação contrária de seu próprio presidente e à custa das demissões de um de seus diretores e de um assessor deste, o BNH – Banco Nacional da Habitação aceitou quitar as dívidas do Grupo Delfin, de cerca de Cr$ 70 bilhões, em troca de terrenos avaliados oficialmente em cerca de Cr$ 9 bilhões. A operação foi concretizada há duas semanas, aparentemente sem aprovação formal da diretoria do BNH (sete diretores mais o presidente José Lopes de Oliveira). Para contornar a relutância da diretoria, ela limitou-se a "tomar conhecimento" de uma decisão em nível ministerial – Ministro Mário Andreazza, do Interior; Delfim Neto, do Planejamento, Ernane Gavêas, da Fazenda –, mas antes disso demitiu-se o diretor de Poupança e Empréstimo, Lycio de Faria[88].

Com a divulgação pública do acordo, milhares de clientes promoveram uma corrida para retirar suas poupanças, o que fez "*que todo o sistema de cadernetas de poupança, que já tinha 40 milhões de depositantes espalhados em várias instituições financeiras independentes, fosse sendo incorporado pelos grandes bancos comerciais*"[89]. O processo

---

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300936846_ARQUIVO_AlexandreBatista-ANPUH2011-Completo.pdf, acessado em 20.02.12.

[84]Na página onde Carvalho divulga comentários positivos sobre sua obra constam duas referências de Paulo Francis. A primeira sobre o livro *Sobre Aristóteles em nova perspectiva*: "*Olavo de Carvalho vai aos filósofos que fizeram a tradição ocidental de pensamento, dando ao leitor jovem a oportunidade de atravessar esses clássicos*". E a segunda sobre *O imbecil coletivo 1*: "*Livro imperdível. Exijam dos livreiros*". CARVALHO, O. de. *Opiniões da crítica*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/critica.htm, acessado em 12.01.12.

[85]DINES, A. "Carta aberta aos alunos e professores da Univer$idade – UniverCidade". *Observatório da Imprensa*. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da270620011.htm, acessado em 13.01.12.

[86]CARVALHO, O. de. *Life and works*. Resumé. 15.09.11. op. cit,

[87]DINES, A. "Carta aberta aos alunos e professores da Univer$idade – UniverCidade". *Observatório da Imprensa*. op. cit.

[88]FOLHA DE S. PAULO. 30.12.82 *In*. MOLICA, F. *Dez reportagens que abalaram a ditadura*. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 311.

[89]ATTUCH, L. "A redenção da Delfin". *Istoé Dinheiro*. 05.04.06. Disponível em

durou anos, e expôs a troca de favores (ou como dito na época "*predominância de aspectos políticos*"[90]) que envolveu o escândalo, que parecia encerrado em 1991 quando um acordo com o Banco Central, onde era garantido que o empresário ficasse com o espólio da Delfin e pagasse a dívida em 13 anos, tendo dois de carência. Nenhum pagamento foi efetuado. A maneira agressiva que toca seus negócios, que Alberto Dines denunciou sobre a cobertura da mídia no caso Delfin, onde "*foram jornalistas abancados em postos-chave da mídia carioca e paulista – inclusive em jornais populares – que receberam generosos financiamentos para a compra de imóveis e, em troca, ofereceram-lhe a mafiosa proteção*", fica clara em entrevista do próprio Levinsohn:

> DINHEIRO – Numa entrevista recente, o professor Di Genio [João Carlos Di Genio, dono do curso e colégio Objetivo] o acusou de ter quebrado a poupança Delfin... LEVINSOHN – Ih, meu Deus do céu! Vinte anos atrás, ele era cafetão. Ele arranjava mulheres para congressistas e pessoas importantes em Brasília. Ele tinha um circo para festas na casa dele. Chamava mulheres, tinha um plantel. Então, vem agora querer tirar carta de honesto comigo? Eu devo honestidade a quem me julgou. Eu já fui julgado, absolvido, arquivado. Fui vítima de uma conspiração que um dia será devidamente esclarecida. Nunca quis briga com o professor Di Genio, mas Deus não me deu a virtude do medo [...] DINHEIRO – Como foi resolvida a questão da Delfin? LEVINSOHN – A empresa fechou com a alegação falsa de que havia patrimônio negativo. No dia em que foi liquidada, o patrimônio era positivo em US$ 200 milhões. E todos os depositantes receberam o dinheiro. Tenho uma dádiva de Deus de ter sobrevivido ao regime militar e ao coronel Mário Andreazza. DINHEIRO – Ele o perseguia? LEVINSOHN – Ele queria ser presidente, mas, num belo dia, perdeu a convenção da Arena e recebeu um telex de 3 metros e meio com os votos dos 42 deputados que não o apoiaram. Fui eu que mandei. Estamos quites. No caso Delfin, sou um sobrevivente. Tenho brigas com o Banco Central, mas são coisas que estão em julgamento e sobre as quais prefiro não falar[91].

Somente em 2006 o Superior Tribunal de Justiça julgou o último recurso do caso, inocentando o empresário: "*a venda dos terrenos ao BNH foi feita dentro da lei e a preço justo*"[92]. Neste período, o empresário já havia a muito retornado ao Brasil, sendo que a criação da UniverCidade[93] remonta a 1998, que em pouco tempo tornou-se uma das maiores empresas de ensino superior do país. Este crescimento deve-se às mudanças na legislação sobre o ensino superior feitas pelo Ministro Paulo Renato de Souza, no governo Fernando Henrique

---

http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/4843_A+REDENCAO+DA+DELFIN, acessado em 14.01.11.

[90]FOLHA DE S. PAULO. 30.12.82 *In*. MOLICA, F. *Dez reportagens que abalaram a ditadura*. op. cit. p. 315.

[91]ISTOÉ DINHEIRO. "Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn". *Istoé Dinheiro*. 28.05.03. Disponível em http://www.istoedinheiro.com.br/entrevistas/11477_QUEREM+MATAR+A+CONCORRENCIA+A+PAULADAS, acessado em 13.01.12.

[92]ATTUCH, L. "A redenção da Delfin". *Isto é Dinheiro*. 05.04.06. op. cit.

[93]UNIVERCIDADE. *Histórico*. Disponível em http://www.univercidade.br/ainstituicao/historia.asp, acessado em 15.01.12.

Cardoso, especialmente na autonomia que os centros universitários passaram a ter diante das faculdades privadas para abrir e fechar cursos. Segundo Levinsohn "*com uma simples carta para o Ministério da Educação, uma universidade pode pedir para se tornar um centro universitário*". Segundo o empresário, entendendo que "o *Brasil precisa de ensino de baixo custo para aqueles que estão segregados da sociedade e que só podem pagar 80 ou 100 dólares*"[94], e aproveitando esta nova oportunidade, seu centro universitário abriu uma série de cursos e turmas (só no primeiro ano de jornalismo a Univercidade teria vinte e uma turmas[95]), cobrando mensalidades "*em média, de 320 reais. Muitas universidades paulistas, que cobravam entre 800 reais e 900 reais, não ficaram nada satisfeitas*". Além disso, por ter suas rendas garantidas pela imensa quantidade de imóveis e fazendas que é proprietário Levinsohn pode levar a cabo uma estratégia de negócios agressiva, "*não me dedico a isso para ganhar dinheiro. Posso dizer que não perco nem ganho. Às vezes, falta algum e eu até coloco do meu. Estamos faturando R$ 100 milhões por ano, mas num modelo de equilíbrio*", eliminado a concorrência ou a forçando a baixar o nível do ensino oferecido, em especial no que refere-se à pesquisa (segundo ele a "*Constituição brasileira que é irreal e estabelece que o ensino não pode estar dissociado da pesquisa*"). Não nos cabe aqui aprofundar esta discussão, visto que ela resulta de embates intricados entre grupos e frações da burguesia brasileira, sendo que as fontes utilizadas correspondem exatamente a publicações de intelectuais ligadas às estas, como Attuch e Dines, além da fala pública de Levinsohn. Mas podemos sem grandes traumas afirmar que este último utiliza-se de seu empreendimento universitário de modo ostensivo a afirmar uma visão específica de mundo: "*a UniverCidade é uma ação para ajudar os outros e dar ao País o muito que o Brasil me deu. Fui beneficiário da transformação de um país que era uma porcaria em um país com uma economia de respeito*". Sendo que seus investimentos editoriais não seguiriam outra direção, "*estamos publicando livros, como do general Golbery do Couto e Silva, e do intelectual Jean-François Revel, para disseminar a cultura. Não é uma ação para ganhar dinheiro. A história das falências brasileiras tem dois campeões: as editoras e as livrarias*"[96].

Aqui não nos cabe trabalhar com todos lançamentos da editora[97], pois só a seção de ciência política da UniverCidade nos oferece um panorama dos pressupostos ideológicos que

---

[94]ISTOÉ DINHEIRO. "Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn". *Istoé Dinheiro*. 28.05.03. op. cit.

[95]DINES, A. "Carta aberta aos alunos e professores da Univer$idade – UniverCidade". *Observatório da Imprensa*. op. cit.

[96]ISTOÉ DINHEIRO. "Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn". *Istoé Dinheiro*. 28.05.03. op. cit.

[97]Para outras informações sobre seu catálogo ver UNIVERCIDADE. *Editora*. Disponível em http://www.univercidade.br/editora/index.asp#ciepol, acessado em 15.01.12.

defende:

TABELA 5: Lançamentos de ciência política da editora UniverCidade:

Autor	Título	Descrição
Augusto Frederico Schmidt	*Antologia política*	A obra contém 113 artigos publicados entre 1947 e 1965 em que o autor comenta os mais importantes fatos da época e faz observações sobre personalidades (lançada em parceria com a editora Topbooks)
Golbery do Couto e Silva	*Geopolítica e poder*	Assinado pelo general que criou o Serviço Nacional de Informações, o livro expõe seu pensamento político e inclui textos de importância histórica
Jaime Rotstein	*Contrato com o Brasil*	O livro é fruto de estudos sobre a conjuntura social, política e econômica brasileira, e contribui para uma reflexão sobre as deficiências e desafios da soberania nacional
Jean-François Revel	*A obsessão antiamericana* - causas e inconseqüências	O livro aborda as leis de Segurança Nacional, Segurança Pública e Segurança Nuclear sob o foco dos Direitos Fundamentais
Thomas Sowell	*Ação afirmativa ao redor do mundo* - estudo empírico	O livro debate as teorias, os princípios e efeitos da ação afirmativa nos Estados Unidos e em outros países, examinando as semelhanças e diferenças entre eles

FONTE: UNIVERCIDADE. *Editora*. Disponível em http://www.univercidade.br/editora/index.asp#ciepol, acessado em 15.01.12. Obviamente não somos contra a reedição de livros históricos de conteúdo político autoritário ou mesmo fascista, mas anote-se, que se estas são feitas sem o devido acréscimo de comentários que contextualizem, explicitem e critiquem seu caráter ideológico, só servem para fomentar os grupos políticos que os reivindicam – caso dos lançamentos da UniverCidade.

Não sem motivo, é quando adentra este círculo que Olavo de Carvalho consegue alcançar maiores audiências, *O imbecil coletivo* esgotou "*em três semanas a primeira edição da obra, e em quatro dias a segunda*"[98], sendo divulgado em capas de revistas, como a *República* de julho de 1997 (Ano 1, nº. 9)[99], e através das querelas públicas do autor com intelectuais de esquerda, e também de direita, assinale-se. "*Publiquei meu primeiro livro aos 48 anos. Comecei a lecionar numa universidade aos 50. Estreei como articulista no Globo aos 53, uma idade em que as tchurma só pensa em aposentadoria. Com 56, tenho planos que requerem quatro décadas de trabalho*"[100].

A tabela seguinte dá conta dos livros publicados por Olavo de Carvalho. Note-se a evolução de seus lançamentos, de livros sobre astrologia lançados por editoras minúsculas para os livros sobre política, em editoras de renome, e os livros que fazem esta mediação editorial, que tem certo caráter "psico-filosóficos-culturais-políticos":

[98]SOUZA, R. A. *Biografia*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/bio.htm, acessado em 10.01.12.
[99]MAIER, F. *Olavo "Denisovich" Carvalho*. 17.03.02. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/convidados/0132.htm, acessado em 19.01.12.
[100]CARVALHO, O. de. *Confissões de um brontossauro*. 24.10.03. op. cit.

TABELA 6: Livros publicados por Olavo de Carvalho:

Título	Cidade	Editora	Ano
Questões de simbolismo astrológico	São Paulo	Speculum	1983
Universalidade e abstração	São Paulo	Speculum	1983
O crime da Madre Agnes, ou: a confusão entre espiritualidade e psiquismo	São Paulo	Speculum	1983
Astros e símbolos	São Paulo	Nova Stella	1985
Fronteiras da tradição	São Paulo	Nova Stella	1987
Símbolos e mitos no filme "O silêncio dos inocentes"	Rio de Janeiro	Instituto de Artes Liberais/Stella Caymmi Editora	1992
Os gêneros literários: seus fundamentos metafísicos	Rio de Janeiro	Instituto de Artes Liberais/Stella Caymmi Editora	1992
O caráter como forma pura da personalidade	Rio de Janeiro	Astroscientia Editora/Instituto de Artes Liberais	1993
A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci	Rio de Janeiro	Instituto de Artes Liberais/Stella Caymmi Editora	1994
Uma filosofia aristotélica da cultura	Rio de Janeiro	Instituto de Artes Liberais/Stella Caymmi Editora	1994
O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César - Ensaio sobre o materialismo e a religião civil	Rio de Janeiro	Diadorim	1995
O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras	Rio de Janeiro	Faculdade da Cidade Editora e Academia Brasileira de Filosofia	1996
Aristóteles em nova perspectiva: introdução à teoria dos quatro discursos	Rio de Janeiro	Topbooks	1996
O futuro do pensamento brasileiro: estudos sobre o nosso lugar no mundo	Rio de Janeiro	Faculdade da Cidade Editora	1997
A longa marcha da vaca para o brejo & os filhos da PUC. O imbecil coletivo II	Rio de Janeiro	Topbooks	1998
Coleção história essencial da filosofia	São Paulo	É Realizações	2002-2006
A dialética simbólica - Ensaios reunidos	São Paulo	É Realizações	2006
Maquiavel ou a confusão demoníaca	Campinas	Vide Editorial	2011

Ainda editou as seguintes apostilas (distribuição interna no Instituto de Artes Liberais): *Seminário permanente de filosofia e humanidades*, em quarenta e dois fascículos, e *Pensamento e atualidade de Aristóteles*, em sete fascículos. FONTE: ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit.; LIVRARIA CULTURA. *Pesquisa sobre Olavo de Carvalho*. Disponível em http://www.livrariacultura.com.br/scripts/busca/busca.asp?palavra=olavo+de+carvalho&tipo_pesq=&tipo_pesq_new_value=false&tkn=0, acessado em 05.01.12.

E neste período Carvalho passa a trabalhar em uma série de revistas, jornais e editoras. Até 2001: diretor do Seminário de Filosofia na UniverCidade; de 1998 até 1999: diretor de texto para a Biblioteca do Exército, editando o livro *O Exército na história do Brasil*; de 1999 até 2001: editor de publicação da série Biblioteca de filosofia da editora Record; de 1999 até 2001: diretor da editora da UniverCidade; de 2000 até 2005: colunista semanal do jornal *O Globo*; de 2000 até 2005: colunista semanal do jornal *Zero Hora*; de 2002 até 2005: palestrante em Ética e Filosofia Política na Pós-Graduação em Administração Pública da PUC

Paraná; de 2005 até os dias de hoje: colunista semanal dos jornais *Diário do Comércio* e *Jornal do Brasil*[101].

O período entre 1996 e 2005, pode ser considerado o ápice da vida jornalística de Carvalho, não mais alcançará o mesmo número de colunas e publicações em jornais e revistas de alcance nacional do que nestes anos. Chega mesmo a discursar na UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e na ONU (parte do mesmo "governo mundial" que depois denunciará):

> [...] Olavo continuou a lecionar seus cursos de Filosofia na Universidade da Cidade e a escrever seus artigos, agora para vários jornais, como Jornal da Tarde, O Globo, Zero Hora, e revistas, como República e Época, além de promover palestras em todos os cantos de nosso País. O embate com a alcatéia "imbecil coletiva" não diminuiu, pelo contrário, aumentou – a exemplo das réplicas, tréplicas e kíloplas de Olavo com "Fedelli e seus fedelhos". Se fosse responder a todas as provocações, o dia para Olavo teria que ter 72 horas, o ano 1000 dias[102].

Em relação ao fim da parceria com Levinsohn em 2001 não nos cabe, como já dito antes, conjecturar motivos, assinalando que na disputa entre este e Alberto Dines sobre a UniverCidade[103], Carvalho irá posicionar-se da seguinte maneira em 30.06.01:

> 1. Após recalcitrar um pouco, no aguardo de provas que lhe enviei em seguida, o jornalista Alberto Dines me avisou por e-mail, ontem, estar persuadido de que não fui o autor dos ataques contra ele, e prometeu publicar isso na próxima edição do Observatório da Imprensa, terça-feira que vem, cancelando portanto as referências ofensivas que fez à minha pessoa. Para documentar o que se passou realmente por ocasião da querela entre a UniverCidade e o prof. Gianotti, enviei a Alberto Dines e publico logo abaixo o ensaio, infelizmente incompleto, "Crise da universidade ou eclipse da consciência?", que foi a minha resposta a Gianotti, publicada parcialmente na revista Livro Aberto, de São Paulo. Essa resposta, assinada, era de teor bem diverso daquela que logo a seguir saiu no Jornal do Brasil e que terminou por desencadear o conflito entre a UniverCidade e Alberto Dines. Não fui, não sou nem serei nunca o ghost writer de ninguém. 2. Como se depreenderá da leitura desse ensaio, minha posição no debate universidade pública versus universidade privada não coincide plenamente nem com a da UniverCidade nem com a da comissão Gianotti, endossada por Alberto Dines. No meu entender, embora haja lugar tanto para a universidade empresa quanto para a universidade repartição

[101]CARVALHO, O. de. *Life and works*. Resumé. 15.09.11. op. cit.
[102]MAIER, F. *Olavo "Denisovich" Carvalho*. 17.03.02. op. cit.
[103]Para maiores detalhes ver DINES, A. "Carta aberta aos alunos e professores da Univer$idade – UniverCidade". *Observatório da Imprensa*. op. cit.; ISTOÉ DINHEIRO. "Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn". *Istoé Dinheiro*. 28.05.03. op. cit.; e GENTILI, V. "Levinsohn vs. Veja". *Observatório da imprensa*. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da090520011.htm, acessado em 22.01.12.

> pública, nenhuma dessas duas fórmulas atende satisfatoriamente ao objetivo essencial da idéia de universidade, que é a preparação da elite intelectual. A primeira é orientada para o mercado de trabalho, a segunda para um conceito gramsciano, vil e oportunista, de "elite intelectual" compreendida como o novo "Príncipe" de Maquiavel, sinistro planejador de tramóias revolucionárias. Dito de outro modo, a primeira faz empregados, a segunda militantes. Nenhuma das duas pode produzir o tipo de cientista e erudito acadêmico que o país necessita para se afirmar como potência cultural – o primeiro passo (e não o último, como o concebe a miserável imaginação uspiana) da construção de uma autêntica soberania nacional[104].

Em maio de 1998 lança seu *site* (indicação própria, como já pontuado outras ferramentas da internet o marcam como lançado em 1999[105]), em conjunto com Marcelo de Polli (editor do *Wunderblogs*[106], que reunia uma série de blogueiros de direita[107] e que chegam a lançar um livro com reproduções dos *blogs*[108]), passando a atuar de modo intensivo na rede, utilizando este espaço, que como já indicamos ainda era incipiente para publicar trabalhos seus e de autores consagrados (no começo especialmente Otto Maria Carpeaux), fazer chamadas de seu Seminário de filosofia, logo depois agregando um fórum de discussão, etc. Em abril de 1999 foi ganhador do "*site* do mês" do guia de jornalismo da *Openlink*[109].

O *site* consta como o número 247.215 no ranking de tráfico global e de número 9.160 no ranking de tráfico brasileiro, ambos indicados pela ferramenta *Alexa*, a mais utilizada para avaliar informações sobre internet. Seu visitante médio gasta dois minutos para navegação neste, abrindo em média 2,2 páginas em cada visitação. Ainda indica que existem 631 outros *sites* que relacionam *links* para sua página pessoal[110]. Olavo de Carvalho, em texto sem data, chamado *Aos visitantes desta homepage*, faz uma síntese deste e um pedido:

> Há anos empreendo um combate cultural e político, de proporções nacionais, sem qualquer patrocinador, sem qualquer ajuda oficial ou privada. Aonde quer que me chamem para falar, vou e falo, independentemente de remuneração ou

---

[104]CARVALHO, O. de. *Aviso de Alberto Dines & considerações sobre a universidade*. 30.06.01. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/dines2.htm, acessado em 19.01.12.

[105]CARVALHO, O. de.; DE POLLI, M. *Homepage de Olavo de Carvalho*. 04.10.99. Disponível em http://web.archive.org/web/19991004034606/http://olavodecarvalho.org/, acessado em 19.01.12.

[106]Os blogs podiam ser acessados pelo site www.wunderblogs.com. Hoje ele encontra-se fora do ar. "*Difícil dizer exatamente onde aquele grupo se formou; talvez em algum instante da diáspora dos colunistas iniciais do Digestivo Cultural, ou do encontro deles com leitores e debatedores, ou ainda de uma lista de discussão, cujo moderador era o Polzonoff, que existiu na segunda metade de 2002*". LIMA, R. *Como era gostoso meu Wunderblog*. Disponível em http://www.nacaradogol.mondo-exotica.net/arquivo/002520.htm, acessado em 19.01.12.

[107]Ver MACHADO, C. E. "Para 'mentor' do Wunderblog.com, blogueiro tem ironia e falta de respeito". *Folha.com*. 03.07.04. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u45593.shtml, acessado em 19.01.12.

[108]SILVA, A. S.; ORTIZ, F.; DE POLLI, M. et all. *Wunderblogs.com*. São Paulo: Barracuda, 2004.

[109]CARVALHO, O. de.; DE POLLI, M. *Homepage de Olavo de Carvalho*. 04.10.99. op. cit.

[110]ALEXA. *Site info for www.olavodecarvalho.org*. 19.01.12. Disponível em http://www.alexa.com/siteinfo/olavodecarvalho.org#, acessado em 19.02.12.

> ajuda de custo, que às vezes vêm, às vezes não vêm. Por mim, eu continuaria assim, mas simplesmente não dá mais. Só neste mês, quando não parei em casa mais de dois dias – vivendo em aviões, hotéis e táxis, escrevendo artigos nos intervalos de mil e um cursos e conferências –, minhas despesas com telefone celular (só para dar um exemplo de despesa, entre outros) ultrapassaram 3 mil reais. É claro que ainda não paguei [...] É uma ironia cruel que difamadores profissionais, eles próprios amparados por partidos políticos, por ONGs, por empresários de grande porte (não há uma só publicação de esquerda neste país que não leve subsídios de fundações milionárias), espalhem na *internet* a mentira sórdida de que sou subsidiado por fulano ou beltrano. Não, ninguém me subsidia. Teriam a obrigação de fazê-lo, mas não o fazem. Se o fizessem, meu trabalho, que sem recursos já alcança repercussão bastante para espalhar o pânico entre a canalha intelectual esquerdista, produziria efeitos de maior envergadura ainda [...] Peço, portanto, que os visitantes desta *homepage* contribuam, na medida de suas possibilidades e da sua generosidade, para o prosseguimento deste trabalho. Qualquer contribuição, grande ou pequena, regular ou esporádica, será benvinda [...] Todas as contribuições irão para o Instituto Brasileiro de Humanidades, uma ONG regularmente constituída, de modo que poderão ser descontadas do imposto de renda. Desde já, obrigado[111].

Como indicado na citação, é de propriedade de Carvalho o Instituto Brasileiro de Humanidades, ou como prefere “membro fundador”[112], criado em 2001. Teve seu primeiro congresso (e aparentemente o único) em Vassouras, Rio de Janeiro, entre os dias de 16 e 18 de junho de 2000. A chamada do Congresso nos deixa clara a dominância de Carvalho sobre este:

> Ao longo de vinte e cinco anos de atividade pedagógica, Olavo de Carvalho deu cursos sobre temas diversos, em muitas cidades do Brasil e algumas do Exterior. Só muito raramente os cursos eram repetidos. Assim, os ensinamentos transmitidos pelo filósofo permaneceram dispersos entre grupos que não tinham qualquer comunicação entre si [...] Assim, pela primeira o público terá acesso a uma certa visão de conjunto do pensamento filosófico de Olavo de Carvalho. Essa visão é necessariamente experimental e provisória, principalmente por ter como objeto uma filosofia vivente, em constante estado de elaboração. Não sendo possível abranger todos os temas lecionados, o próprio Olavo de Carvalho fez uma seleção dos oito principais, designando como expositores oito alunos que tiveram a oportunidade de estudá-los mais detidamente[113].

O congresso foi organizado por Paulo Vieira da Costa Lopes e Nanci Galvão, do Rio de Janeiro, e por Edson Manoel de Oliveira Filho de São Paulo. Proclamado como sucesso, participaram deste, além de Carvalho, Alvaro Velloso de Carvalho, Ronaldo Castro de Lima

---

[111]CARVALHO, O. de. *Aos visitantes desta homepage*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/aosvisitantes.htm, acessado em 12.01.12.
[112]CARVALHO, O. de. *Pauteiro da USP*. 30.06.01. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/pauteiro.htm, acessado em 14.01.12.
[113]I CONGRESSO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE HUMANIDADES. *Primeira comunicação*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/congresso.htm, acessado em 19.01.12.

Jr., Lúcia de Fátima Junqueira, Henriette Fonseca, Fernando Manso, Alexandre Bastos, Pedro Sette Câmara, Marcelo de Polli, Luciano Saldanha Coelho, Nelson Lehman da Silva, Vera Márcia, Romeu Cardoso, Amílcar Rosa, Paulo Mello e o embaixador José Osvaldo de Meira Penna[114]. Após este primeiro Congresso não houve outras edições, aparentemente o Instituto como Organização Não Governamental (ONG), serve somente como instância de financiamento para Carvalho e para o MSM.

No ano de 2002 é fundado o MSM, momento em que Olavo de Carvalho passa a organizar uma série de intelectuais em torno do si, criando um instrumento poderoso para unificar organizativamente e ideologicamente à direita fascistizante. O *site* é bancado pela publicidade da Livraria Cultura[115], por doações através da ONG Instituto Brasileiro de Humanidades, como já discutido, e alegadamente pela Associação Comercial de São Paulo (ACSP)[116] – não encontramos nenhum indício que nos permita validar este último patrocínio, embora, seja necessário indicar que a ACSP sustenta e apoia abertamente Carvalho através de publicações e promoções. Isto pode ser observado no patrocínio de diversos seminários e palestras, como o lançamento de *Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil*[117], cuja introdução é de Carvalho:

> Vejo-me no dever de dizer essas coisas principalmente porque se aproxima a data do Seminário "Democracia, Liberdade e o Império das Leis", que a Associação Comercial de São Paulo vai promover no Hotel Cesar Business nos dias 15 e 16 de maio [de 2007], e porque tenho a certeza de que ali, pela primeira vez, intelectuais liberais e conservadores vão olhar de frente a questão da estratégia comunista continental em vez de refugiar-se nas teorizações usuais, tão corretas no conteúdo geral quanto deslocadas da situação política especial. O Seminário é uma antiga idéia minha que tive a sorte de soprar nos ouvidos certos e, sem grande ajuda da minha parte, frutificou graças à tenacidade do líder empresarial Guilherme Afif Domingos, do psiquiatra Heitor de Paola e dos combativos redatores do jornal eletrônico *Mídia Sem Máscara* (Paulo Diniz Zamboni, Edward Wolff, Graça Salgueiro e tantos outros), bem como da colaboração da Atlas Foundation for

[114]CARVALHO, O. de. *Sucesso total do I Congresso do Instituto Brasileiro de Humanidades*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/sucesso.htm, acessado em 19.01.12.

[115]Esta chega a cancelar seu contrato de publicidade em 2010, mas volta atrás na decisão. Mais informações ver: CARVALHO, O. de. *Livraria (in)Cultura agride covardemente o Mídia Sem Máscara*. Disponível em http://www.heitordepaola.com/imprimir_materia.asp?id_materia=2471, acessado em 20.01.12. CARVALHO, O. de. *Aviso*. Editorial. 12.03.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/editorial/11915-aviso.html, acessado em 20.01.12.

[116]Ver INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA. *Olavo de Carvalho* (verbete). Disponível em http://www.institutodefilosofia.com.br/pdf/grandes_fb.pdf, acessado em 20.01.12. Olavo de Carvalho nega este patrocínio. Ver FONSECA, E. "Entrevista de Olavo de Carvalho ao site Panorama mercantil". *Panorama Mercantil*. 07.07.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/entrevistas/12147-entrevista-de-olavo-de-carvalho-ao-site-panorama-mercantil.html, acessado em 19.02.12.

[117]CARVALHO, O. de. "Introdução". *In*. *Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil*. São Paulo: É Realizações, 2006. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/terraqueo.html, acessado em 19.01.12.

Economic Studies[118].

A ACSP mantém o *Diário do Comércio*, onde Carvalho escreve desde 2005. E será através deste emprego que ele poderá manter sua militância, já que naquele mesmo ano ele é demitido das revistas *Bravo!*, *Primeira Leitura* e *Época* e dos jornais *O Globo* e *Zero Hora*, o que pegou o próprio Carvalho de surpresa (ele na época rebate a carta de demissão do *Zero Hora* e instiga seus leitores a mandarem cartas para as revistas pedindo sua recontratação[119]). As explicações para as demissões supostamente seria ideológica:

> Nos vinte anos de governo militar, nunca vi um só jornalista ser expulso de toda a "grande mídia" brasileira por divulgar algum fato politicamente indesejado. Esse privilégio, que me lisonjeia ao ponto de me corromper a alma, ficou reservado para ser conferido à minha irrisória pessoa no período histórico imediatamente posterior, chamado, por motivos esotéricos, "redemocratização". Por informar ao público a existência do Foro de São Paulo e os laços mais que íntimos entre partidos políticos e quadrilhas de narcotraficantes e seqüestradores, fui chutado do *Globo*, da *Época*, da *Zero Hora*, do *Jornal do Brasil* e do *Jornal da Tarde*. O número dos que por esses e outros canais me chamaram de louco, de mentiroso, de desinformante, de teórico da conspiração e coisas similares conta-se como as estrelas do céu. Excluído do círculo das pessoas decentes, só encontrei um último abrigo neste bravo *Diário do Comércio*, onde me sinto cinicamente bem entre outros meninos malvados como Moisés Rabinovici, Roberto Fendt e Neil Ferreira[120].

A ACSP foi fundada em 1894 por Antonio Proost Rodovalho, sendo uma das mais antigas e bem consolidadas entidades patronais brasileiras[121]. É uma associação civil de direito privado, além de uma empresa prestadora de serviços – ela não cobra nenhuma contribuição compulsória de seus filiados[122]. Segundo o histórico oficial da Associação, sua missão se baseia em três fundamentos: o primeiro, "*unir os setores empresariais e trabalhar*

---

[118]CARVALHO, O. de. "Traição anunciada". *Diário do Comércio*. 08.05.06. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/060508dc.html, acessado em 20.01.12. Segundo Afif na apresentação da publicação *Digesto Cultural*: "*Nada melhor para caracterizar esta nova fase a DIGESTO do que apresentar as importantes contribuições estudadas no Seminário Internacional sobre Democracia Liberal, promovido pela Associação Comercial de São Paulo em parceria com a Atlas Foundation, o Mídia Sem Máscara e o Diário do Comércio em maio último, cujo tema Democracia, Liberdade e o Império das Leis, resume a linha editorial que se pretende dar à publicação*". DOMINGUES, G. A. *A nova Digesto cultural*. Disponível em http://www.dcomercio.com.br/especiais/outros/digesto/nova_digesto.htm, acessado em 10.01.12.

[119]DIVERSOS. *Cartas ao Globo e a Olavo de Carvalho*. Parte I. Cartas enviadas ao Globo. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/cartas_oglobo_oglobo.htm, acessado em 20.01.12.

[120]CARVALHO, O. de. "Escolha desgraçada". *Diário do Comércio*. 25.05.10. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/100525dc.html, acessado em 20.01.12.

[121]Para mais informações sobre a formação da ACSP e sua atuação inicial ver PERISSINOTTO, R. M. *Estado e capital cafeeiro*: burocracia e interesse de classe na condução da política econômica (1889-1930). Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1997. p. 180-195.

[122]COSTA, P. R. N. "Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. nº. 57. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v20n57/a07v2057.pdf, acessado em 20.01.12.

em defesa da livre iniciativa"; o segundo "*representar e expressar a opinião legítima e independente dos empresários de São Paulo, na busca dos melhores caminhos do desenvolvimento*"; e, por fim, "*prestar serviços de qualidade a seus associados*"[123] tendo como base o "*modelo de Gestão da Qualidade ISO 9001:2008*"[124]. Sua filiação é voluntária e aberta para todos os setores da economia:

> O quadro associativo da entidade reúne empresários representantes de todos os setores da economia, tais como: industriais, comerciantes, agros-pecuaristas, prestadores de serviços e profissionais liberais, de todos os portes e nacionalidades. Em perfeita sintonia com o desenvolvimento tecnológico, a ACSP dispõe de recursos humanos e técnicos que possibilitam a seus associados, independentemente de sua infra-estrutura tecnológica e informatização de processos, o acesso aos bancos de dados da instituição de maneira rápida e segura. Para grandes usuários a ACSP desenvolve soluções específicas, de acordo com suas necessidades[125].

Segundo Paulo Roberto Neves Costa, nos anos 90 "*entre os associados predominavam as pequenas e médias empresas do comércio e dos serviços. No final dessa década, o quadro de associados não mudou: 60% do setor de comércio, 20% de indústria e 20% de serviços e profissionais liberais*"[126]. A ACSP trabalhou para que sua imagem não estivesse ligada somente aos comerciantes, mas que agregaria "*todos os segmentos empresariais, ou melhor, os empresários de um modo geral, já que todos estariam envolvidos e atuando no âmbito da 'livre iniciativa'*". Nesta época, entendia-se "*que os grandes empresários tinham seus escritórios de representação política em Brasília, e que portanto, não precisavam das entidades, das quais os pequenos empresários dependiam*"[127], então foi crucial à associação apresentar-se como "*uma empresa prestadora de serviços e, de outro, como uma 'escola de civismo' e um espaço de formação de lideranças empresariais*"[128]. Seu programa de atividades do ano de 1990 traçava os seguintes objetivos para longo prazo:

> -representar "efetiva e eficientemente" todos os segmentos do empresariado; -defender e promover a livre iniciativa; -priorizar a atuação junto às micro, pequenas e médias empresas; -canalizar a capacidade de agregação da

[123]ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. *História*. Disponível em http://www.acsp.com.br/institucional/institucional_historia.html, acessado em 21.01.12.
[124]ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. *A ACSP*. Disponível em http://www.acsp.com.br/institucional/institucional.html, acessado em 21.01.12.
[125]ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. *História*. op. cit.
[126]COSTA, P. R. N. "Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. op. cit.
[127]COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil* (1984-1994). Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2003. p. 65.
[128]COSTA, P. R. N. "Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. op. cit.

> entidade para a promoção de um desenvolvimento econômico do país sob "o prisma da economia liberal"; -prestar serviços, institucionais ou não, ao empresariado, em especial ao associado[129].

Politicamente a associação não identificava-se partidariamente (embora estivesse envolvida diretamente com partidos, sobretudo nos anos 70 e 80[130]), sendo que "*episódios como as candidaturas de Paulo Maluf e Guilherme Afif Domingos aos cargos de governador e presidente da República são exceções isoladas que confirmam a regra*"[131], preferindo focar-se nas readequações à economia interna que as ações plenamente políticas. Seu comportamento "*tendeu a permanecer meramente reativo, não apenas no âmbito da política econômica, como também, e de forma mais intensa, em relação ao funcionamento das instituições políticas*"[132]. Mas um traço marcante em suas análises e opiniões é o anticomunismo (para eles a "revolução de 1964" acabara traída pelo seu burocratismo de cunho "bolchevique"[133]):

> Em suma, do final dos anos 1970 até meados dos anos 1990, a concepção de política da ACSP foi marcada pela idéia do fantasma da "esquerda", que existiria dentro e fora do governo; pela crítica à ação política isolada e pulverizada de empresários junto às autoridades; pelo tratamento dos conflitos e críticas ao governo vindas de outros setores da sociedade – em especial os trabalhadores –, como "baderna"; pelo reconhecimento da necessidade de atuar politicamente no novo contexto social, político e econômico da abertura política, embora não houvesse clareza do que isso significava; e, por último, pelo receio em relação às mobilizações, fossem da população em geral, fossem do próprio empresariado. Esta concepção de política era justificada exatamente pela democracia, ou pelo "regime democrático", que se consolidava. Apesar de todas as imprecisões e possíveis preconceitos, havia uma extrema convicção em relação aos seus próprios posicionamentos e análises. É isto o que mostra a avaliação do então presidente da ACSP, Guilherme Afif Domingos, sobre a conjuntura política de meados da década de 1980, para quem a entidade via a si própria como algo fora da "oligarquia" e do grupo que definia os rumos do país[134].

A ACSP não faz parte do planejamento direto dos rumos econômicos da classe dominante, acha-se em posição inferior à fração hegemônica da burguesia, o que os permite certa mobilidade de crítica e extremismo que não coadunaria com o papel desempenhado por

---

[129]COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil* (1984-1994). op. cit. p. 87.
[130]Idem. p. 338.
[131]COSTA, P. R. N. "Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. op. cit.
[132]COSTA, P. R. N. "Como os empresários pensam a política e a democracia: Brasil, anos 1990". *Opinião Pública*. nº. 2. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762005000200006&script=sci_arttext, acessado em 21.01.12.
[133]COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil* (1984-1994). op. cit. p. 197.
[134]COSTA, P. R. N. "Como os empresários pensam a política e a democracia: Brasil, anos 1990". *Opinião Pública*. nº. 2. op. cit.

aquela nos arranjos do bloco no poder. Embora tivessem "*seus interesses ao menos parcialmente garantidos pela política econômica e pelas formas institucionais da política, o regime político*". O "civismo" que defendiam os caracterizou de certo governismo, privilegiando "*o contato personalizado com os membros do Executivo e das instâncias burocráticas*"[135], em vez de manifestações abertas, que como visto, consideravam como parte da "baderna" do proletariado. Paulo Roberto Neves Costa conclui, resumidamente, que o comportamento político e ideológico da ACSP e também da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, de cunho sindical:

> [...] revelou que se trata do comportamento de uma determinada fração de classe social, a dos pequenos e médios empresários, cuja unidade, ainda que contemple algumas variações, se dá a partir dos seguintes aspectos comuns: 1) tipo de atividade econômica e volume de renda dos negócios, principalmente no que diz respeito à posição no processo de definição do modelo de desenvolvimento econômico; 2) posição em relação ao conjunto do empresariado, ou seja, não se tratava de uma fração hegemônica, e, portanto, ocupava posição subordinada em relação à definição das políticas de Estado e ao processo de constituição do regime político; e 3) forma de pensar a política e os padrões de ação política, o que remete à questão sobre as semelhanças nos padrões de ação política, a despeito da diversidade em relação à natureza, à história e ao funcionamento dessas duas entidades[136].

Este posicionamento ultrapassa o recorte temporal daquele pesquisador e reproduz-se pelos anos 2000, especialmente no que refere-se à ideologia da "livre iniciativa", que a própria associação "*constata e até procura discutir, mas tem dificuldade em enfrentar em termos de ação política mais intensa e agressiva*"[137], o que explica sem dificuldades o apoio e suporte financeiro a Olavo de Carvalho e intelectuais congêneres, inclusive quando estes iniciam a organização política para a oposição de cunho fascista[138], o que ultrapassaria em muito as necessidades dos jornais e revistas atreladas à fração burguesa do capital financeiro-especulativo, hegemônica dentro do bloco no poder desde os anos 90[139].

Naquele mesmo ano de 2005 das demissões, Carvalho mudou-se para os EUA – não

---

[135]COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil* (1984-1994). op. cit. p. 333-335.
[136]COSTA, P. R. N. "Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. op. cit.
[137]COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil* (1984-1994). op. cit. p. 344.
[138]O que de modo algum opõe-se ao chauvinismo várias vezes demonstrado pelo empresariado paulista. O próprio Afif, quando ocupava o cargo de Secretário de Emprego e Relações de Trabalho do governo do Estado de São Paulo, afirmou em evento na cidade de Mauá "*que os paulistas gostam mais de trabalhar do que os brasileiros de outras regiões*". SARTORATO, D. "Afif diz que só paulistas têm vontade de trabalhar". *ABDCD Maior*. 20.05.08. Disponível em http://www.abcdmaior.com.br/noticia_exibir.php?noticia=6774, acessado em 22.01.12.
[139]BOITO JR., A. *As relações de classe na nova fase do neoliberalismo no Brasil*. Disponível em http://www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/PIICdos.pdf, acessado em 22.01.12.

sabemos indicar se como resultado destas –, passando a residir em Richmond em Virginia, como correspondente do *Diário do Comércio* (onde a partir de 2008 passa a publicar um suplemento somente seu). Desde 2010, sua permanência naquele país é garantida por um visto categoria EB-1, concedido "*para estrangeiros com habilidades extraordinárias, aprovadas pelo governo Americano*"[140]. Em 2006, de sua casa nos EUA, Carvalho começa seu programa semanal de rádio, o *True Outspeak* (em português "Sinceridade de fato") utilizando a tecnologia de *streaming* para transmiti-lo pela internet. Ele tem duração de cerca de uma hora e abre participação para o público através de *e-mails*, telefone ou VOIP (*Voice over Internet Protocol*, Voz sobre IP, que permite o roteamento da conversação através da rede): "*este programa nasceu da pura impossibilidade de responder por escrito a dezenas de e-mails que me chegam por dia com consultas sobre livros, estudos, política, religião e filosofia. Dirige-se especialmente aos leitores e alunos que me enviam esses pedidos*"[141].

A ida para os EUA também impulsiona a fundação do *The Inter-American Institute for philosophy, government, and social thought* em 2010. Ele busca servir de base para a atuação de Olavo de Carvalho naquele país, especialmente através das traduções de materiais em português: "*sua primeira iniciativa será disponibilizar para estudantes Hispânicos ou Americanos traduções de uma grande parte do material em português originário do Seminário de Filosofia*"[142]. A tabela seguinte nos mostra os "correligionários" (tradução aproximada para "*fellows*") participantes daquele instituto:

TABELA 7: Correligionários do *Inter-American Institute*:

Membro	Cargo	Biografia resumida*
Olavo de Carvalho	Presidente do Instituto, Distinto Correligionário Sênior em Filosofia, Ciência Política e Humanidades	"*Olavo de Carvalho, nascido em 1947, é um filósofo e escritor Brasileiro que atualmente reside nos Estados Unidos após ter ensinado filosofia política na Universidade Católica do Paraná, Brasil, de 2001 até 2005. É autor de uma dúzia de livros sobre questões filosóficas e políticas, sendo um respeitado colunista seminal para uma vasta audiência em seu nativo Brasil e um público popular crescente neste país*"
Roberto Micheletti	Distinto Correligionário Sênior em Liderança Política e Governança Constitucional	"*Roberto Micheletti, nascido em 13 de agosto de 1943 é ex Presidente de Honduras (28 junho de 2009 – 27 janeiro de 2010). Ele sucedeu para a Presidência como resultado de uma crise constitucional criada pelo então presidente Manuel Zelaya em junho de 2009 em uma tentativa ilegal de alterar a Constituição nacional*"

[140]CARVALHO, O. de. *Life and works*. Resumé. 15.09.11. op. cit.
[141]CARVALHO, O. de. *Apresentação do True outspeak*. op. cit.
[142]"*Its first initiative will be to make available for interested Hispanic and American students translations of the huge amount of Portuguese materials originated from the Seminário de Filosofia's online philosophy program*". CARVALHO, O. de. "A word from our presidente". *The Inter-American Institute*. 04.06.10. Disponível em http://www.theinteramerican.org/about-us/mission-statement/128.html, acessado em 10.01.12.

Membro	Cargo	Biografia resumida*
Justice Tom Parker	Distinto Correligionário Sênior em Lei Constitucional e Jurisprudência	"*Justice Tom Parker foi o primeiro eleito para a Suprema Corte do Alabama em 2004; sendo reeleito para a Corte em 2010. Justice Parker é conhecido como o juiz mais conservador da Suprema Corte*"
Alejandro Peña-Esclusa	Distinto Correligionário Sênior em Política e Liderança em Direitos Humanos	"*Ex candidato à Presidência na Venezuela Alejandro Peña-Esclusa é um líder Latino Americano proeminente, amplamente respeitado por combinar experiência política com uma sólida fundação moral e intelectual em um tempo em que rapidamente aumenta o perigo geopolítico e ameaças de segurança sem precedentes na região*"
Herbert W. Titus	Distinto Correligionário Sênior em Lei Constitucional, Jurisprudência e Política Pública	"*Pesquisador, autor e conferencista conhecido nacionalmente, Herbert W. Titus é do Conselho Legal da empresa de William J. Olson. Ele ensinou lei constitucional, lei comum e outros temas por quase trinta anos em cinco diferentes Escolas de Direito aprovadas pela Associação Americana de Advogados*"
Dr. Judith Reisman	Distinto Correligionário Sênior em Estudos de Modas Sociais, Direitos Humanos e Análise Forense da Mídia	"*Dr. Judith Reisman é solicitada em todo mundo para falar, apresentar conferências, testemunhar e aconselhar indivíduos, organizações, profissionais e governos sobre Análise Forense da Mídia, a análise científica de imagens, fotografias, cartuns, ilustrações, pornografia e textos sobre assédio sexual de mulheres e crianças em seus lugares de trabalho, escolas e casas*"
Dr. Edwin Vieira, Jr.	Distinto Correligionário Sênior em Jurisprudência, Lei Constitucional e Lei Monetária	"*Edwin Vieira, Jr., possui quarto títulos de graduação de Harvard: A.B. (Universidade de Harvard), A.M. e Ph.D. (Escola de Graduação em Artes e Ciências de Harvard), e J.D. (Escola de Lei de Harvard). Por quase trinta e seis anos tem praticado direito, especializando-se em casos que trazem questões de lei constitucional*"
Dr. Paul Gottfried	Distinto Correligionário Sênior em Civilização Ocidental e História das Ideias	"*Paul Gottfried passou os últimos trinta anos escrevendo livros e gerando hostilidade entre os conservadores 'aprovados pela mídia'*"
Vladimir Tismăneanu	Distinto Correligionário Sênior em Ciência Política	"*Vladimir Tismăneanu, nascido em 04 de julho de 1951, é um cientista político, analista político, sociólogo e professor na Universidade de Maryland, romeno e estadunidense. Especialista em sistemas políticos e política comparada, ele é o diretor do Centro da Universidade de Maryland para o Estudo das Sociedades Pós-Comunistas*"
Jeffrey Nyquist	Distinto Correligionário Sênior em Ciência Política	"*Jeffrey Nyquist é um analista politico e escritor preocupado com a ameaça do totalitarismo global dominante e a queda do Ocidente*"
Dr. Ted Baehr	Distinto Correligionário Sênior em Estudos de Cultura, Mídia e Entretenimento de Massa	"*Ted Baehr é fundador e editor do Movieguide® (atualmente conhecido como www.movieguide.org) e presidente da Christian Film & Television Commission®*"

Membro	Cargo	Biografia resumida*
Dr. Ahmed Youssif El Tassa	Distinto Correligionário Sênior em Sinologia, Filosofia Clássica Chinesa e Medicina Chinesa	"*Dr. Ahmed Youssif El Tassa, MD, é um dos melhores pesquisadores mundiais sobre filosofia chinesa e medicina chinesa. Ele vive em Pequim, China, desde 1991. Dr. El Tassa é o primeiro ocidental a receber o título de Mestre em Filosofia Chinesa da Academia Chinesa de Ciências Sociais* […] *Depois e dez anos de pesquisa na mesma academia, e apesar de seu feroz ateísmo, ele defendeu com sucesso sua tese sobre a relação intrínseca entre corpo humano, alma e espírito, o que o permitiu ser o primeiro pesquisador não Chinês a receber o título de Professor de Filosofia Chinesa naquela instituição*"
Stephen Baskerville	Correligionário Sênior em Ciência Política e Direitos Humanos	"*Stephen Baskerville é Professor Associado de Governo na Universidade Patrick Henry e Pesquisador Correligionário no Centro Howard para Família, Religião e Sociedade e no Instituto Independent*"
Colonel Alfonso Plazas-Vega	Correligionário Sênior em Política e Liderança em Direitos Humanos	"*Coronel Alfonso Plazas-Vega é amplamente reconhecido como um dos líderes na luta contra as redes de guerrilha Marxistas que dominaram o tráfico ilegal de drogas no Hemisfério Ocidental e oprimiram mais de dez milhões de pessoas, não somente através do flagelo do crime urbano e da corrupção sistemática de funcionários públicos, mas também por inaugurar movimentos de guerrilha Marxista e terrorismo em vários países da América, seja no Norte, no Sul ou Central*"
Mina Seinfeld de Carakushansky	Correligionário Sênior no Estudo da Demanda Efetiva de Drogas e Políticas de Redução	"*Reconhecida através da América do Sul, da Europa e da América do Norte como uma liderança na batalha contra o vício em drogas e problemas sociais associados. Professora Carakushansky é Presidente dos Humanitários Brasileiros em Ação (BRAHA) e tem sido pelos últimos dez anos a Coordenadora Internacional do Formando Lideranças na América Latina para a Redução da Demanda de Drogas, um Programa da Rede de Prevenção de Drogas das Américas e da Fundação América Livre de Drogas*"
Steve Baldwin	Correligionário Sênior em Liderança Prática Política	"*Steve Baldwin é um líder veterano em todos os níveis de organização política conservadora, dos movimentos locais até a rede nacional entre os mais proeminentes líderes políticos, assim como um autor, um erudito e consultor político*"
Dr. Earle Fox	Correligionário Sênior em Filosofia da Ciência e Visão de Mundo do Monoteísmo Ético	"*Earle Fox é um padre Anglicano que recebeu seu título de Doutor em Filosofia em 1964 na Universidade de Oxford pesquisando a relação entre ciência e teologia*"
John Haskins	Correligionário Sênior para a Compreensão Pública da Lei, Propaganda e Revolução Cultural	"*John Haskins escreve e entrevista sobre sociedade, política, educação, religião, direitos dos pais e sabotagem de governos constitucionais pela esquerda e pela autointitulada 'direita'*".
Miguel Bruno Duarte	Correligionário em Filosofia e Ciência Política	"*Miguel Bruno Duarte é um Filósofo Português cujo trabalho é focado nas relações econômicas, políticas e religiosas do liberalismo clássico*"
John Wahl	Correligionário Júnior em Liderança Prática Política	"*John Wahl é apresentado como um ascendente estrategista politico e operativo de campanhas com impressionantes conquistas já em seus vinte e poucos anos*"

FONTE: THE INTER-AMERICAN INSTITUTE. *Fellows*. Disponível em http://www.theinteramerican.org/about-us/fellows.html, acessado em 20.01.12. Tradução nossa. *Resumo das biografias ofertadas pelo Inter-American Institute.

Como visto na tabela, Carvalho cercou-se de uma série de intelectuais e pessoas

renomadas nos EUA, mas ao contrário do que espera-se o *Inter-American Institute* não deslancha como *think tank* para a direita estadunidense, resumindo suas atividades cotidianas nas centralização da publicação de *blogs* dos autores citados e no suporte material para a realização do Seminário de filosofia em sua versão traduzida. Bem menos do que o intento desejado, tanto que a citação seguinte, onde Carvalho explica os motivos para sua ida aos EUA, funciona muito mais como um pedido de doações:

> Desde que cheguei aos EUA, em maio de 2005, assumi como dever pessoal, fora e independentemente do meu trabalho de correspondente jornalístico e da preparação do livro A Mente Revolucionária, informar ao maior número possível de jornalistas, intelectuais, empresários e políticos americanos a verdade sobre o estado de coisas no Brasil, a abrangência dos planos do Foro de São Paulo, a aliança entre partidos de esquerda e organizações criminosas, a colaboração ativa e essencial do governo Lula na revolução continental cujas personificações mais vistosas são Hugo Chávez e Evo Morales [...] Não quero me gabar dos resultados obtidos, mas sei que, na mídia conservadora e nos think tanks republicanos, já quase ninguém mais acredita na mentira idiota de que Lula é um antídoto à subversão chavista. Estou consciente de ter contribuído ativamente para sepultá-la. Mais dia, menos dia, notícias do falecimento chegarão ao governo americano, se é que já não chegaram[143].

Em 2009 é fundado o Instituto Olavo de Carvalho (IOC), idealizado por Luciane Amato, que o dirige segundo orientações de Carvalho e que conta com Simone Caldas como vice-diretora. Ele conta com um espaço físico na Rua Visconde do Rio Branco n^{o}. 449, no bairro Mercês em Curitiba:

> Na casa, linda e muito aconchegante – quem conhece a Luciane sabe do que eu estou falando –, há salas de aulas para grupos, salas de acompanhamentos individuais, sala de estudo de línguas, sala de música, biblioteca, sala de reuniões dos grupos de estudo; há ainda os jardins, as flores e plantas, os quadros e os mosaicos, os retratos de nossos mestres, as notas musicais vindas das aulas de música soando por todo o Instituto; há a nossa *Étoile*, uma linda boxer que cuida da casa; enfim, há ainda a administração, a recepção, a cozinha, o cantinho do café...[144]

O IOC oferece uma série de atividades pagas, divididos entre grupos de estudo, cursos, atendimentos individuais, palestras e eventos. Oferece três modalidades de associação, além dos cursos individuais. Os custos para associar-se são os seguintes (em valores mensais): associado tipo um de cento e dez reais (permite acesso a todo o *site*, exceto cursos *online* de

---

[143]CARVALHO, O. de. *Apelo urgente de Olavo de Carvalho a seus leitores brasileiros*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/donation.html, acessado em 22.01.12.
[144]CALDAS, S. *O instituto*. 08.08.10. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/o-instituto/quem-somos.html, acessado em 22.01.12.

idiomas); associado tipo dois de duzentos reais (permite acesso global ao *site*); associado tipo três de trezentos reais (permite acesso global a todas as atividades e financia bolsas de estudos para outros alunos). A justificativa para cobrança é que "*o Instituto é uma entidade sem fins lucrativos, não recebe nem jamais receberá qualquer forma de financiamento estatal, e se mantém exclusivamente das doações e do trabalho dos seus membros*"[145]. A tabela a seguir indica os preços mensais dos cursos "avulsos":

TABELA 8: Cursos oferecidos no Instituto Olavo de Carvalho e preços:

Opção de cursos (em andamento)	**Preço mensal**
Oficina de literatura	R$ 45,00
Grupo de estudos	R$ 75,00
Português	R$ 45,00
Latim	R$ 45,00
Grego	R$ 45,00
Poesia Módulo I – Introdução à poesia – 16 aulas	R$ 180,00
Poesia Módulo II – A Poesia de Camões – 16 aulas	R$ 180,00
Poesia Módulo III – Bocage – Parte I – 4 aulas	R$ 45,00
Poesia Módulo IV – Bocage – Parte II – 4 aulas	R$ 45,00
História da filosofia Módulo I – Dos Pré-socráticos aos Diálogos Platônicos – 17 aulas	R$ 180,00
História da filosofia Módulo II – Platão – 16 aulas	R$ 180,00
História da filosofia Módulo III – As leis de Platão – 16 aulas	R$ 180,00
Literatura Módulo I - Once more unto the breach, dear friends: poesia, história e a Henríada de William Shakespeare – 16 aulas	R$ 180,00
Literatura Módulo II – William Shakespeare – Parte II – 16 aulas	R$ 180,00
Francês Módulo I – Francês – 16 aulas	R$ 180,00
Francês Módulo II – Francês – 16 aulas	R$ 180,00
História Módulo I – História da inquisição – 4 aulas	R$ 45,00
História Módulo II – Educação monástica medieval – 8 aulas	R$ 90,00
História Módulo III – História das cruzadas – 4 aulas	R$ 45,00
História Módulo IV – Tópicos de arte medieval - Parte I – 8 aulas	R$ 90,00
História Módulo V – Tópicos de arte medieval - Parte II – 8 aulas	R$ 90,00
História Módulo VI – Idade média – Elementos estruturais – 8 aulas	R$ 90,00
Educação da imaginação Módulo I - A imaginação, seus elementos componentes e sua função cognitiva - 4 aulas	R$ 45,00
Educação da imaginação Módulo II - Os quatro discursos: do descritivo ao poético - 4 aulas	R$ 45,00
Educação da imaginação Módulo III - A estrutura geral da narrativa bíblica - 7 aulas	R$ 90,00
Educação da imaginação Módulo IV - As imagens e símbolos da bíblia (Parte I) e introdução a elementos de gramática - 4 aulas	R$ 45,00
Educação da imaginação Módulo V - As imagens e símbolos da bíblia (Parte II) e sua narrativa - 4 aulas	R$ 45,00
Educação da imaginação Módulo VI - A narrativa bíblica - 4 aulas	R$ 45,00
Educação da imaginação Módulo VII - Arquétipos: a literatura como desenvolvimento do mito - 4 aulas	R$ 45,00
Educação da imaginação Módulo VIII - O mito deslocado: a literatura - 4 aulas	R$ 45,00
Italiano - Módulo I - 16 aulas	R$ 180,00
Palestras - Ângelo Monteiro - A filosofia e a poesia	R$ 50,00
Palestras - Ângelo Monteiro – Autobiografia	R$ 50,00
Palestras - Ângelo Monteiro - Arte ou desastre	R$ 50,00

FONTE: INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Faça a sua inscrição nos cursos online do Instituto Olavo de Carvalho*. op. cit.

[145]INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Faça a sua inscrição nos cursos online do Instituto Olavo de Carvalho*. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/inscricoes.html, acessado em 22.01.12.

Os grupos de estudo funcionam desde 2009, em um primeiro momento sob orientação de Luciane Amato, dedicando-se ao estudo do latim; de história antiga, medieval, da Igreja e dos Estados Modernos; de autores clássicos da literatura; das ciências sociais e de arquitetura, música, poesia. Para o ano de 2012 os temas de estudo propostos são "*teoria e história da música e da arte, literatura brasileira, história do séc. XX e estudos luso-brasileiros*". Estes grupos dividem-se em o grupo de estudos literários, o grupo de estudos de filosofia, o grupo de "transcrição e edição" e o grupo de estudos de escritores.

O grupo de estudos de filosofia ("*aspirantes a filósofos*" como identificam-se) existe desde 2010 e é formado por treze pessoas. "*Atualmente o objetivo do grupo é preparar seus integrantes para a elaboração do trabalho de conclusão do Curso Online de Filosofia de Olavo de Carvalho*". O grupo de "transcrição e edição" é responsável por "*transcrever as aulas*", exercício para "absorção" do conteúdo e contribuição para o "*registro e documentação da obra filosófica de Olavo de Carvalho, cujas* [sic] *partes mais essenciais foram expostas, até hoje, apenas oralmente*"[146]. O grupo de estudos literários, também funciona desde 2010 e busca "*o enriquecimento do imaginário, através das trocas de experiências a respeito das obras lidas e estudadas, e uma maior compreensão do fenômeno literário, através do das obras de Northrop Frye, F.R. Leavis e Susanne Langer, entre outros*". Seus trabalhos ainda "*deram origem e alimentam o que hoje é feito na Oficina de Literatura do IOC*". O grupo de estudos de escritores busca analisar a vida e obra de escritores luso-brasileiros. Os autores analisados por eles até então seriam os seguintes: Machado de Assis, José Geraldo Vieira, Marques Rebelo, Ângelo Monteiro, Georges Bernanos, François Mauriac, Karen Blixen, Gertrud von le Fort, Jakob Wassermann e Camilo Castelo Branco[147].

Os cursos oferecidos no IOC são de idiomas, piano erudito, o "programa de enriquecimento instrumental", de suporte para aprofundamento e acompanhamento do curso *online* de filosofia e os atendimentos individuais (através do que chamam de *bio-iatria*). Os cursos de línguas são oferecidos pelos seguintes "instrutores": Bruno Yoshio Mori, de Alemão e Italiano; Simone Guimarães, de Francês; Fernando de Morais, de Inglês e Grego. O curso de piano erudito é dado por Luiz Alberto Santos. O chamado "programa de enriquecimento instrumental" é ofertado por Simone Caldas, e trata-se de um programa psicopedagógico elaborado por Reuven Feuerstein, "*para que qualquer pessoa seja capaz de aumentar suas*

---

[146]INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Pesquisa e estudos*. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/pesquisa-e-estudo.html, acessado em 23.01.12.
[147]Idem.

capacidades intelectuais, ampliando sua atuação social". O curso de suporte para o curso *online* de filosofia também é de responsabilidade de Simone Caldas, sendo seu objetivo "*auxiliar os alunos do Curso Online de Filosofia na coordenação das atividades de base propostas pelo filósofo Olavo de Carvalho*"[148].

Os atendimentos individuais são oferecidos por Luciane Amato e quatro alunos seus: Eduardo Dipp, Francisco Escorsim, Simone Caldas e Melina Rejaile. As aulas são sempre individuais, de duração de uma hora e meia, presenciais ou não (na sede do IOC ou através do Skype), não sendo admitido faltas. Os atendimentos individuais são tratados como "*o coração do Instituto Olavo de Carvalho*", espécie de "*suporte de que muitos necessitavam para o ingresso sério na vida intelectual proposta pelo Olavo; como paideia, formação integral voltada para o fortalecimento da consciência e expansão de seu horizonte; como ciência prática do sentido da vida*"[149]. A ofertadora do curso o define como:

> [...] sintetizada no termo que ela tomou emprestado de Julián Marías: *bio-iatria*, isto é, medicina das doenças biográficas [...] "somente juntei os muitos ensinamentos de Olavo de Carvalho, sobretudo em matéria de ética, psicologia e biografia, somei estudos de Marías, Lain Entralgo, Lavelle, Szondi, Frankl e outros, e, caso a caso, apliquei o que aprendi, isto é, adotei um método tutorial de ensino, partindo do ponto em que se encontrava cada um dos meus alunos ao chegar até mim e tentando fazer com que se realizasse nele a operação realizada em mim pela presença de Olavo de Carvalho." [...] Em todo caso, trata-se sempre de uma retificação de biografias através da educação verdadeira[150].

Estes atendimentos propõem uma verdadeira contrarrevolução moral dos alunos, tendo como objetivos:

> – a ampliação do imaginário e do horizonte de consciência; – o surgimento e fortalecimento de uma consciência moral; – o esforço para desfazer mentiras existenciais e contar direito a própria história; – o preenchimento de lacunas culturais, bem como a dissolução dos efeitos nocivos de uma pseudo-educação estúpida; – o fortalecimento da vontade; – a busca incessante da sinceridade existencial e da honestidade intelectual; – o estudo e aprofundamento dos temas que *realmente interessam* ao aluno, evitando a gratuidade e a aquisição de conhecimentos desacompanhada de comprometimento pessoal; – a abertura da alma para todos os aspectos da realidade, e sobretudo para a dimensão espiritual da existência humana[151].

---

[148]INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Cursos*. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/cursos.html, acessado em 23.01.12.
[149]INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Atendimentos individuais*. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/atendimentos.html, acessado em 23.01.12.
[150]Idem.
[151]Ibidem.

As palestras e eventos geralmente são internos "*desdobramentos de outras atividades desenvolvidas (como as reuniões de apresentação dos resultados dos grupos de estudos literários)*", abrindo a partir de dezembro de 2010, para palestrantes de fora, no caso deste primeiro evento, o poeta e ensaísta Ângelo Monteiro, que no dia dez daquele mês de dezembro palestrou sobre *Autobiografia* e no dia seguinte sobre *A filosofia e a poesia*[152].

Podemos concluir que o IOC concretizou-se em um espaço importante para a formação e constituição ideológica de futuros intelectuais, possíveis quadros para o MSM, sendo ainda o maior limitador para sua expansão a falta de recursos financeiros, embora tenham conseguido consolidar-se em torno de uma sede física. Os horários oferecidos são todos alternativos, ou seja, não conseguem preencher horários habituais para instituições de ensino, buscando os horários noturnos em função do mercado de trabalho, o que pode ser explicado, aparentemente, porque no mesmo local de funcionamento do IOC em horário comercial funciona uma loja de mosaicos. Do mesmo modo não há no seu *site* indicação se alguma parte das mensalidades destina-se para Olavo de Carvalho ou para o MSM. Esta independência financeira assinala a distância que buscam manter do Estado no seu processo educativo, nenhum dos seus cursos é regulamentado e do mesmo modo nenhum de seus "instrutores" possui formação pedagógica consequente: dos quadros indicados que pudemos apurar Melina Rejaile é formada em Comunicação Social (Jornalismo) pela faculdade Tuiuti[153], Francisco Escorsim é formado em Direito pela PUC Paraná[154] e Eduardo Dipp é formado em Direito pela Universidade Federal do Paraná e Especialista em Psicomotricidade Relacional[155]. Na imagem seguinte vê-se o IOC e a loja de mosaicos Ghellere, de propriedade de Luciane Amato, esposa de Ronaldo Bohlke:

---

[152]INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Palestras e eventos.* Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/palestras-e-eventos.html, acessado em 23.01.12

[153]"*Participação em banca de Melina Abou Rejaile e Leandro Taques. Top Cristã. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Tuiuti do Paraná*". MOLIANI, J. A. *Curriculum lattes*. Disponível em http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=N539772, acessado em 23.01.12.

[154]Também mantem o blog *A elegância vai ao cinema* e escreve para o *Paraná Online*. Ver ESCORSIM, F. *Por que elegância?* Disponível em http://cinemaelegante.blogspot.com/2005/03/por-que-elegncia.html, acessado em 23.01.12. ESCORSIM, F. "A seriedade de Alegria". *Paraná Online*. 19.10.07. Disponível em http://www.parana-online.com.br/colunistas/201/50421/?postagem=A+SERIEDADE+DE+IALEGRIAI, acessado em 23.01.12.

[155]MADRETERNA. *4º oficina de música e arte católica*. Releases da área de expressão. Disponível em http://www.zizafernandes.com/oficina/releaseexpressao.php, acessado em 23.01.12.

FIGURA 3: Instituto Olavo de Carvalho e loja de mosaicos Ghellere:

FONTE: GOOGLE STREET VIEW. *R. Visconde do Rio Branco, 449*. Mercês, Curitiba. Foto de junho de 2011. Disponível em http://maps.google.com.br/maps?q=visconde+do+rio+branco+449+curitiba&um=1&ie=UTF-8&hq=&hnear=0x94dce408143850cf:0x80007abc7f4cfdff,R.+Visc.+do+Rio+Branco,+449+-+Merc%C3%AAs,+Curitiba+-+PR,+80410-000&gl=br&ei=NKsdT7DiGMvo2gXuydH0Cw&sa=X&oi=geocode_result&ct=title&resnum=1&ved=0CCYQ8gEwAA, acessado em 23.01.12.

Em 2011 é lançada a livraria virtual do Seminário de filosofia[156], em parceria com o Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico (CEDET), empresa especializada em desenvolver franquias de livrarias virtuais[157]. É um espaço para a venda de livros escolhidos por Olavo de Carvalho e colaboradores. Em verificação feita no dia 09.07.11 possuíam quase mil livros para venda, de mais de quarenta editoras. Destas, sem dúvida as que mais se destacam são as que alinham-se ao perfil do Seminário, como a “É Realizações”, com mais de cento e vinte livros para venda; a Topbooks com mais de cem livros, a Mises Brasil com mais de quarenta livros; e a Vide Editorial com cinco livros[158].

A editora “É realizações”, de propriedade de Edson Filho (um dos organizadores do congresso do Instituto Brasileiro de Humanidades) criada em 2000 e localizada em São Paulo, é responsável pelo lançamento de autores como Alejandro Peña Esclusa, Eric Voegelin, Heitor

[156] LIVRARIA SEMINÁRIO DE FILOSOFIA; CEDET. *Quem somos*. Disponível em http://livraria.seminariodefilosofia.org/sobre-o-site/informacoes-gerais/quem-somos.html, acessado em 25.01.12.

[157] CEDET. *Livrarias virtuais CEDET*. Disponível em http://www.cedet.com.br/index.php?/CEDET/Informacoes-para-Clientes/livrarias-virtuais-cedet.html, acessado em 25.01.12.

[158] LIVRARIA SEMINÁRIO DE FILOSOFIA. *Livros à venda*. Disponível em http://livraria.seminariodefilosofia.org, acessado em 09.07.11.

de Paola, Mário Ferreira dos Santos, Olavo de Carvalho, Paulo Mercadante, etc[159]. Seu proprietário é casado com Angela Zogbi de Oliveira, que vem de uma próspera família de banqueiros, o que, segundo Edson "*o dinheiro dela ajuda, claro. Ela acredita no meu projeto e está junto comigo, senão eu não teria condições de investir a longo prazo*" – em 2011 o investimento total da "É Realizações" foi de seis milhões de reais. Além disto, conta com investidores para coleções específicas, caso da Biblioteca René Girárd (que até 2013 pretende ter 60 títulos) e que teria o custo de um milhão e quinhentos mil reais: "*a É teve o apoio da fundação americana Imitatio, bancada pelo milionário Peter Thiel, cofundador do PayPal, investidor do Facebook* [...] *mas, conta o editor, a Imitatio só entrou com R$ 200 mil – menos de 15% do total*". Segundo o seu proprietário a editora não possuí "*uma proposta ideológica. Diz que é, antes, uma cartada pragmática, uma vez que, opina, o nicho é dominado por autores marxistas*". A É Realizações lançou vários livros de Olavo de Carvalho, que também ofereceu cursos no espaço que a editora mantém em São Paulo, mas seu proprietário e ele "*romperam por 'problemas pessoais'*"[160].

A editora Topbooks foi criada em 1990 por José Mário Pereira ("*nascida às vésperas das eleições de 1990 com a publicação de três economistas em campanha – Roberto Campos, Delfim Netto e César Maia*"[161]) no Rio de Janeiro, e ficou nacionalmente conhecida com o lançamento da autobiografia de Roberto Campos (*A lanterna na popa*) em 1994. Como narra Pereira:

> "Eu não tinha dinheiro nem para comprar o papel e havia duas grandes editoras interessadas em publicar suas memórias, mas o Roberto gostou da proposta que fiz: dividiríamos os lucros em 50% para cada um, e eu ainda trabalharia como pesquisador, divulgador, e o que mais ele precisasse". O papel Pereira comprou a crédito, tendo por avalistas poderosos como Roberto Marinho e Israel Klabin. "O dono da empresa de papel não acreditava, ligou para a secretária deles para ver se era verdade"[162].

A editora tem mais de 300 livros em seu catálogo, e é difícil não notar certo caráter conservador nos lançamentos da Topbooks, mas a crítica não pode ser generalizada, ela denota mais a postura de convivência intelectual de José Mário Pereira, "*capaz de reunir num mesmo acontecimento figuras tão dispares quanto Roberto Marinho e Luís Carlos Prestes, e*

---

[159] É REALIZAÇÕES. *Catálogo*. Disponível em http://www.erealizacoes.com.br/editora/catalogo.asp, acessado em 25.01.12.
[160] VICTOR, F. "O que é, que é?". *Folha de S. Paulo*. 12.01.12. Disponível em http://www.erealizacoes.com.br/clipping/2012/Folha_Ilustrada_07-01-2012.pdf, acessado em 25.01.12.
[161] TOPBOOKS. *A editora*. Disponível em http://www.topbooks.com.br/, acessado em 25.01.12.
[162] QUEM. "Estante estrelada - José Mario Pereira: a vida dele dá um livro". *Quem*. 14.11.03. Disponível em http://www.topbooks.com.br/frMateria_QUEM_141103.htm, acessado em 25.01.12.

continuar querido pelos dois"[163], que uma postura ideológica da editora. Esta postura de "convivência política" de Pereira permite para a Topbooks abarcar parcerias extremamentes ecléticas ao longo dos anos, inclusive abrindo espaço para a direita fascista (todos os livros de Carvalho lançados pela Topbooks são em parceria com a já citada UniverCidade). Suas principais parcerias foram com a Academia Brasileira de Letras, com a Fundação Biblioteca Nacional, com a Fundação Roberto Marinho, com a Fundação Casa de Rui Barbosa, com a UniverCidade e com o *Liberty Fund*, estadunidense[164]. Este último

> [...] criado em 1960 por Pierre F. Goodrich, um milionário de Indianápolis, que apostava nos livros como o melhor meio de deter a expansão do comunismo. Dedicada à reflexão e ao debate sobre a liberdade, a fundação de Goodrich, que era advogado e empresário, manteve-se atuante mesmo após a sua morte, em 1973, e vem publicando edições primorosas dos maiores clássicos do pensamento ocidental[165].

A Mises Brasil é o braço editorial do Instituto Ludwig von Mises Brasil (versão brasileira, mas reclamam, não subordinada ao estadunidense *The Ludwig von Mises Institute*[166]) fundado em 2008. Este busca:

> I - promover os ensinamentos da escola econômica conhecida como Escola Austríaca; II - restaurar o crucial papel da teoria, tanto nas ciências econômicas quanto nas ciências sociais, em contraposição ao empirismo; III - defender a economia de mercado, a propriedade privada, e a paz nas relações interpessoais, e opor-se às intervenções estatais nos mercados e na sociedade O IMB acredita que nossa visão de uma sociedade livre deve ser alcançada pelo respeito à propriedade privada, às trocas voluntárias entre indivíduos, e à ordem natural dos mercados, sem interferência governamental. Portanto, esperamos que nossas ações influenciem a opinião pública e os meios acadêmicos de tal forma que tais princípios sejam mais aceitos e substituam ações e instituições governamentais que somente: a) protegem os poderosos e os grupos de interesse, b) criam hostilidade, corrupção, e desesperança, c) limitam a prosperidade, e d) reprimem a livre expressão e as oportunidades dos indivíduos[167].

Presidido por Hélio Beltrão Filho, o instituto gerencia uma série de atividades em torno da propaganda da escola austríaca de economia: textos, um *blog* coletivo, colunistas, entrevistas, vídeos, biblioteca virtual, loja virtual (que possuí desde camisetas e chaveiros até livros) além de organizar diversos encontros e congressos. Os livros, fora os oferecidos

---

[163] PONTES, I. "Vocação: editor". *Tribuna da Imprensa*. 12.12.03. Disponível em http://www.topbooks.com.br/frMateria_TI_121203.htm, acessado em 25.01.12.
[164] TOPBOOKS. *A editora*. op. cit.
[165] QUEM. "Estante estrelada - José Mario Pereira: a vida dele dá um livro". *Quem*. 14.11.03. op. cit.
[166] MISES INSTITUTE. *Daily*. Disponível em http://mises.org/, acessado em 26.01.12.
[167] MISES BRASIL. *Sobre nós*. Disponível em http://www.mises.org.br/About.aspx, acessado em 26.01.12.

gratuitamente pela biblioteca virtual[168] (também disponibilizam *links* para pesquisas acadêmicas com mesmo enfoque[169]), são vendidos com preços muito mais baixos que costuma-se encontrar no mercado[170] – seus lançamentos contam com parcerias com a É Realizações e o Instituto de Estudos Empresariais. São quase em sua totalidade traduções de livros de economistas ultraliberais feitas por seus próprios integrantes. Destes destacam-se Hélio Beltrão, Rodrigo Constantino, Wagner Lenhart, Alexandre Barros, Fabio Barbieri, Rosely Sayão, Klauber Cristofen Pires e Ubiratan Iorio (os dois últimos também colunistas do MSM)[171].

A Vide editorial é a menor de todas as editoras trabalhadas, tornando-se relevante por ser a responsável pelo último lançamento de Carvalho, *Maquiavel ou a confusão demoníaca* de 2011. A editora nasce em 2009 em Campinas, e é o braço editorial do "movimento" da Vigilância Democrática (VIDE), sendo que seu *site*, tal qual ao da livraria virtual do Seminário de filosofia, também é desenvolvido e gestado em parceria com a CEDET[172].

A VIDE, que faz parte da rede extrapartidária do MSM, declara como sendo seus, entre vários, os seguintes princípios:

> - Somos partidários da democracia representativa como a forma de governo que melhores resultados apresenta até os nossos dias [...] - Para isso é preciso ter em vista, continuamente, o necessário aperfeiçoamento da representação como instrumento e suporte da opinião pública, sendo viável incorporar instrumentos diretos de manifestação como forma de contribuir para o melhor desempenho do representante [...] - Entendemos por Direitos e Liberdades Fundamentais, aqueles que se afirmam perante o Poder Público ou terceiros devendo, obrigatoriamente, fazer respeitar os limites inalienáveis do direito à Vida; à livre expressão do Pensamento e Opinião; à garantia da Propriedade; à Igualdade perante a Lei; à Privacidade; à Segurança pessoal e familiar, sem prejuízo de outros de natureza correlata ou complementar [...] - Defendemos o Estado de Direito, onde todos os indivíduos, governantes e cidadãos comuns, estejam submetidos ao mesmo conjunto de leis; - Acreditamos que a contrapartida da Liberdade a que todos temos direito é a Responsabilidade [...] - Confiamos no Mérito como valor e na Igualdade de Oportunidades, excluídas as discriminações de qualquer espécie, como condição para uma sociedade justa, sadia e harmoniosa [...] - Consideramos a existência de uma Imprensa Livre, responsável, independente, sem tutelas e protegida de coações políticas e econômicas um requisito absolutamente indispensável em qualquer

[168]Estão disponíveis vinte e oito livros para download. MISES BRASIL. *Biblioteca*. Disponível em http://www.mises.org.br/Ebooks.aspx?type=99, acessado em 26.01.12.
[169]Estão disponíveis sete *links* para pesquisas acadêmicas. MISES BRASIL. *Trabalhos acadêmicos*. Disponível em http://www.mises.org.br/Ebook.aspx?id=38, acessado em 26.01.12.
[170]Dos 29 livros disponíveis a média de preço é de cerca de 24 reais (os livros mais caros são de outras editoras). MISES BRASIL. *Loja virtual*. Disponível em http://www.mises.org.br/Products.aspx, acessado em 26.01.12.
[171]Para a lista completa de autores ver MISES BRASIL. *Autores*. Disponível em http://www.mises.org.br/Authors.aspx?type=articles, acessado em 26.01.12.
[172]Ver nota 428.

país que se queira verdadeiramente democrático[173];

No mesmo manifesto, contando com o direcionamento da "divina providência", ainda declaram que: primeiro, "*que todo cidadão livre tem o direito e a responsabilidade de se opor a quaisquer manobras do poder político no sentido de adquirir atributos autoritários, independente do seu viés ideológico*"; segundo, "*que todo ser humano deve ter preservado o seu direito à legítima defesa incluídos, para esse fim, o acesso aos meios materiais necessários*"; terceiro "*que a corrupção e o fisiologismo político crescentes na vida nacional são grandes obstáculos ao bom desempenho do sistema democrático*" e que por isto "*devem ser combatidos sem meias palavras através da efetiva transparência de todos os procedimentos da vida pública*"; e por fim, de modo mais explícito, "*que a oposição aos direitos e liberdades fundamentais e as tentativas de submissão do estado a interesses de pessoas ou associações devem ser combatidas em todas as suas formas*"[174].

Até então o manifesto não mostra-se explícito, o que ocorre quando a VIDE explica melhor este último ponto em relação à esquerda, que para eles "*de fato, todos os movimentos políticos de esquerda são inerentemente anti-democráticos e em grande parte autoritários. O apoio destes movimentos a regimes democráticos é apenas uma concessão tática*", o que seria proclamado "*abertamente por todos os partidos e movimentos importantes de esquerda no Brasil*"[175]. Em relação à direita: termo que para eles, no Brasil é "*ainda associado a conservadorismo, nacionalismo e autoritarismo. Todas essas associações são apenas fruto de distorções culturais provenientes de uma educação sofrível e aparelhada*", já que supostamente existiriam "*direitistas que são progressistas, revolucionários, globalistas, liberais e libertários*"[176]. Neste sentido cabe explicitar que as diferenças entres estes conceitos da ciência e prática política são abertamente gritantes, e que não dizem respeito a meras abstrações, mas a representações de grupos sociais em luta – a diferença entre libertários e liberais, para situarmos somente um destes absurdos, ultrapassa a semântica. Estas "assemelhações" propostas são argumentações ideológicas provenientes de uma leitura binária da realidade (especialmente marcada entre conservadores e reacionários, discussão que realizamos no capítulo final desta dissertação). O mesmo servindo ao seu verbete para os "revolucionários":

---

[173]VIDE. *Manifesto*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/VIDE-Informacoes-Gerais/Documentos-VIDE/manifesto-do-vide.html, acessado em 26.01.12.
[174]Idem.
[175]VIDE. *Esquerda*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete-Ideologia/esquerda.html, acessado em 26.01.12.
[176]VIDE. *Direita*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete-Ideologia/direita.html, acessado em 26.01.12

> O termo Revolucionário é utilizado para designar todos aqueles que são favoráveis à mudanças radicais nas tradições e leis. O revolucionário considera que o estado atual das coisas está completamente errado e que tudo deve ser mudado. O revolucionário tem pouco ou nenhum respeito pelas leis e tradições e geralmente justifica suas atitudes imorais e ilegais com a inversão de conceitos consagrados. Por exemplo: é comum ver um revolucionário redefinir o termo democracia a seu bel prazer para dar apoio a ditaduras. Converse com um socialista revolucionário que você perceberá rapidamente que os únicos argumentos que possui são fruto de conceitos distorcidos[177].

Entre os artigos publicados em sua página (muitas vezes copiados com autorização de outros *sites* ou *blogs*) encontram-se André Gonçalves Fernandes, Luís G. Pereira, Raphael Farinazzo, César Kyn, Roberto Fendt (do Mises Brasil) e Joel Pinheiro da Fonseca (vencedor do primeiro Premio Mises Brasil na categoria artigos[178]), além de uma série de autores do MSM, como Tibiriçá Ramaglio, Olavo de Carvalho, Ipojuca Pontes, Percival Puggina, Marcus Boeira, Klauber Cristofen Pires, etc.[179] (a VIDE também é membro da UnoAmérica de Alejandro Peña Esclusa[180]).

E são responsáveis por uma série de eventos, maioria em parceria com a Fundação Liberdade e Cidadania[181], entidade de pesquisa e propaganda do Partido Democratas (DEM)[182], e atualmente presidido pelo Deputado Federal José Carlos Aleluia. Nestes eventos são comuns os nomes de Sandra Cavalcanti, Pedro Salomão José Kassab, Ricardo Vélez Rodrigues, do Deputado Federal Guilherme Campos, Antonio Roberto Batista, Paulo Roberto de Oliveira Kramer, Antônio Paim, Dário Jorge Giolo Saadi, César Kyn d´Ávila, Djalma Moreira de Carvalho Filho, Eiiti Sato, Roberto Fendt, Luiz Alberto Machado, dentre vários[183].

A VIDE editorial possui poucos livros lançados, fora o já citado livro de Carvalho, os seguintes: *Marxismo e descendência* de Antonio Paim, *Da guerra à pacificação: a escolha colombiana* de Ricardo Vélez Rodrigues, *O enigma quântico* de Wolfgang Smith (com prefácio de Carvalho) e *A psicologia do sentido da vida* de Izar Aparecida de Moraes

---

[177] VIDE. *Revolucionário*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete-Ideologia/revolucionario.html, acessado em 26.01.12.
[178] TAVARES, N. *Instituto Mises Brasil divulga o resultado do I Prêmio IMB*. 01.03.10. Disponível em http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=631, acessado em 26.01.12.
[179] VIDE. *Artigos*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/, acessado em 26.01.12.
[180] VIDE EDITORES. *UnoAmérica*. 19.12.08. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/Editoriais/unoamerica-uniao-de-organizacoes-democraticas-da-america.html, acessado em 18.03.12.
[181] VIDE. *Editoriais*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/Editoriais/, acessado em 26.01.12.
[182] FUNDAÇÃO LIBERDADE E CIDADANIA. *A fundação*. Disponível em http://www.flc.org.br/fundacao.asp, acessado em 26.01.12.
[183] VIDE. *Editoriais*. op. cit.

Xausa[184]. Em seu *site* disponibilizam para a consulta *online* o *Dicionário de filosofia e ciências culturais*, de Mário Ferreira dos Santos e o *Dicionário de obras básicas da cultura ocidental* de Antonio Paim[185]. Assinalemos, que Vélez Rodrigues e Paim foram intelectuais orgânicos do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF) e de sua revista, a *Convivium*, junto com nomes como Adolpho Crippa, Creusa Capalbo, Miguel Reale, Nelson Saldanha e Paulo Mercadante[186] – o integralista Gumercindo Rocha Dórea foi secretário da revista por anos[187]. O Instituto e a *Convivium* foram responsáveis pela constituição e luta por um determinado sentido de história, sua "história das ideias", que amputava a dialética e mitigava a luta de classes, atuando em convergência com a ditadura civil militar empresarial. Segundo Jurucê, a:

> [...] IBF/Convivium possuía todo um trabalho militante que ultrapassa a "mera" disseminação ideológica nas páginas de seus aparelhos de informação. Este aparelho de hegemonia filosófico da burguesia possuía uma atividade militante ampla – organizativa/diretiva/educativa – que extrapolava a aparência de organização puramente filosofante que sua intelectualidade disseminava e buscava lhe imprimir. Sua atuação se igualava a de um partido político, mas com um "nicho", um campo de batalha mais específico: o da "filosofia", da **hegemonia filosófica**, que, por sua vez, se desdobrava na formação política, na agência de notícias, na prática organizativa-diretiva-educativa do aparelho de informação revista Convivium[188].

Desta síntese da trajetória da vida pública de Olavo de Carvalho, onde buscamos enfatizar sua formação e constituição das relações sociais que possibilitaram sua atividade militante nos últimos vinte anos, podemos observar sua ascensão, em termos sociais e de *status*. Na infância, pela presença contínua da mãe e mesmo pelo tratamento recebido em seus anos enfermo, a penicilina (do mesmo modo que sua formação inicial em colégios católicos), podemos indicar que Carvalho nasce em uma família da nova pequena burguesia, e mesmo dotada de certa influência ou contatos sociais, visto a dificuldade que existia para a obtenção do medicamento no período. Também podemos observar sua origem social através das representações que constitui, pois mesmo quando Carvalho afirma ter nascido em família empobrecida, que justifica na necessidade do trabalho materno para complementar o orçamento familiar com os rendimentos do pai advogado, relembra a atitude deste perante

---

[184]VIDE EDITORIAL. *Vide editorial*. Disponível em http://www.videeditorial.com.br/Psicologia/A-Psicologia-do-Sentido-da-Vida/index.php?option=com_virtuemart&page=shop.browse&category_id=40&Itemid=55, acessado em 26.01.12.
[185]VIDE EDITORIAL. *Índice do Dicionário de obras básicas da cultura ocidental*. Disponível em http://www.videeditorial.com.br/dicionario-obras-basicas-da-cultura-ocidental/indice/indice.html, acessado em 26.01.12.
[186]GONÇALVES, R. J. M. *História fetichista*: o aparelho de hegemonia filosófico Instituto Brasileiro de Filosofia/Convivium (1964-1985). Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2009. p. 88-89.
[187]Idem. p. 102.
[188]Ibidem.

outros estratos sociais:

> Meu pai, Luiz Gonzaga de Carvalho, tinha um jeito muito especial de ser amável, humilde e atencioso com os mendigos da sua cidadezinha, que o adoravam. Isso era tanto mais notável porque ele sabia muito bem ser grosso quando queria, especialmente com pessoas importantes. Tinha até um estilo de insultar absolutamente original, artístico mesmo, o qual copio na parca medida dos meus talentos[189].

Sua formação erudita formal foi marcada pela necessidade do trabalho, encontrando-se desde a adolescência já ligado à imprensa, exercendo funções menores. Após o fechamento do curso de Filosofia da PUC do Rio de Janeiro, Carvalho segue a vida de trabalhador intelectual “de segundo escalão” sem maiores destaques, que foi possibilitada pelo recebimento da carteira de “prático”. Para o sustento da prole, que por sinal não é pequena, consolidou-se como um intelectual “técnico”, como visto nas funções que desenvolveu em diversas redações e editoras: editor de reportagem, editor de texto, secretário gráfico, secretário de redação, editor de política, editor de economia, colaborador ocasional, tradutor, organizador de texto, etc.

Quando aparece a chance de “especializar-se” elege a astrologia, responsável por parte de sua subsistência durante as décadas de setenta e oitenta. A mudança para a filosofia, e dela para a política, foi seu grande “pulo do gato”, primeiro afirmando-se em pequenos círculos influentes (como pode ser visto pelos primeiros locais de suas palestras e cursos), para através destes depois alçar maiores públicos. Alçando espaços na imprensa, visibilidade garantida através de suas articulações, sua base como “filósofo” autodidata, sem formação acadêmica consequente, o permitiu ir além dos meros comentários políticos de um jornalista “prático”, trazendo novos elementos analíticos para a criação do seu discurso ideológico e uma série de conhecimentos específicos, especialmente acerca de intelectuais e acadêmicos (brasileiros e estrangeiros), que se são pouco visíveis em publicações de circulação nacional, menos ainda são criticados de maneira incisiva. O debate intelectual acadêmico no Brasil não é nem de longe de visibilidade ou alcance nacional. Carvalho diversas vezes fora ridicularizado por responder acusações com citações de autores praticamente desconhecidos, a ponto de tornar-se parte da “caricatura” deste:

> Quando menino Olavo tinha o hábito não de brincar com as outras crianças, mas de bater boca e refutar tudo que elas diziam. Eis um relato de quando Olavo tinha 9 anos: Menina: - Olavo, vamos brincar de médico? Olavo: - Certo (examina a menina). Menina: - Então o que eu tenho doutor? Olavo: -

[189]CARVALHO, O de. “A nova religião nacional”. *Diário do Comércio*. 26.03.07. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070326dc.html, acessado em 14.01.12.

> Veja bem, eu analisei você e conclui que você tem câncer, gota e celulite! Menina: - Quê?! A gente só tá brincando! Como você é chato! Olavo: - Ora, cala a boca sua burra! Eu sei o que eu tô falando, eu estudo esse negócio já faz 7 anos! Quer discutir comigo é?! Você que só conhece as asneiras que sua mãe e o farmacêutico te falam! Eu já li mais de 80 bulas de remédio[190]!

Mas é exatamente através deste tipo de prática que ele afirmou seu *status* de intelectual perante seus pares de direita – embora mantenha detratores entre estes, suas proposições afirmativas gerais "pegaram", tornaram-se referência, especialmente sua hipótese maior (que para ele é confirmada): a existência de um movimento revolucionário de cunho gramsciano, o permitiu tomar posição de destaque nas formulações anticomunistas brasileiras, tornando-se parte integrante do imaginário da direita nacional, assim como a percepção de uma suposta hegemonia que a esquerda brasileira manteria sob a Universidade e a vida cultural.

A partir da metade da década de noventa, Olavo de Carvalho alcança o auge de sua carreira, escrevendo para os maiores jornais e revistas do país e chegando até a discursar na ONU e na UNESCO – condicionada diante da necessidade do combate ideológico contra a esquerda, seus movimentos sociais e partidos, especialmente o Partido dos Trabalhadores (PT), diretamente marcada pela necessidade da reprodução do discurso anticomunista. Esta posição era compartilhada pelo conjunto da burguesia durante os anos noventa, e gradativamente irá diluir-se entre as suas frações com o processo de inserção plena na ordem pelo PT, seja através das negociações diretas com a burguesia em suas gestões municipais e através da Central Única dos Trabalhadores, CUT (os acordos tripartites iniciam-se já em 1993[191] e este tipo de negociação amplia-se especialmente com os planejamentos conjuntos com a Federação das Indústrias de São Paulo a partir da segunda metade daquela década[192]), seja pela mudança do caráter de classe da direção (o chamado campo majoritário) do próprio partido[193]. Do mesmo modo os acirramentos das tensões entre as frações da burguesia na implantação de políticas ultraliberais, evidenciadas na segunda gestão de Fernando Henrique Cardoso, cindiram o apoio unificado aos partidos identificados com a classe dominante, o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e o antigo Partido da Frente Liberal (PFL),

---

[190]DESCICLOPÉDIA. *Olavo de Carvalho* (verbete). Disponível em http://desciclopedia.ws/wiki/Olavo_de_Carvalho, acessado em 19.01.12.

[191]OLIVEIRA, M. E. de. *Sob o signo do "novo sindicalismo"*: das mudanças de identidade e de estratégia, na trajetória do PT e da CUT, à consolidação do populismo sindical no Governo Lula. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2008. p. 18.

[192]BOITO JR., A. "Burguesia no governo lula". *Crítica Marxista*. nº. 21. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/critica21-A-boito.pdf, acessado em 29.01.12.

[193]COELHO, E. Uma esquerda para o capital: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998). op. cit.

atual Democratas. Segundo Francisco de Oliveira:

> A Era FHC [Fernando Henrique Cardoso] começou apoiando-se numa indefectível aliança de classes, para o qual o paradigma classista ainda retinha todo seu poder heurístico. Mas a via neoliberal escolhida não foi o produto da aliança: ao contrário, a aliança foi o produto da escolha neoliberal. Ou, em outras palavras, nunca os aliados "atrasados", ACM [Antônio Carlos Magalhães] *et caterva*, deram o tom do governo FHC. O centro irradiador do consenso que FHC liderou era seu próprio grupo, o PSDB como partido, e o núcleo universitário-burguês-plutocrático como vanguarda. A base eleitoral formou-se com o êxito do Plano Real. Mas FHC detonou a unidade do núcleo que lhe dava sustentação, com as radicais mudanças operadas na propriedade do capital, e a estagnação produzida pelo "modelo" escolhido, de inserção na globalização, destruiu o apoio eleitoral. Em outras palavras, o paradigma classista, válido para o primeiro período da aliança, foi pelos ares. O que sobrou foi uma enorme indeterminação na política, que é o nome próprio do caleidoscópio. A vitória de Lula é o produto direto dessa indeterminação[194].

E o próprio PT explorou as fissuras operadas na classe dominante, "*essa insatisfação do grande capital industrial durante a campanha eleitoral*", ao enfatizar a "produção" contra a "especulação", tentando "*introduzir uma cunha no interior do bloco no poder, mostrando à grande burguesia industrial interna que ela tinha porque apoiar a candidatura Lula*"[195]. Mesmo com o apoio seletivo da burguesia, o anticomunismo não desvaneceu, pelo contrário, conheceu uma ascensão midiática:

> A hipótese aqui assumida é que as mídias não aderiram a Lula [...] Em algum momento, quando as pesquisas de intenção de voto mostravam o estrago nas outras candidaturas e a inapetência eleitoral de José Serra, as grandes mídias certamente fizeram acordos com o candidato petista. A Rede Globo, particularmente, detentora de volumosa dívida externa, mudou de posição, e um dia depois da eleição apresentou o programa do "caminho de Garanhuns" de um predestinado. Mas aqui já estava em desenvolvimento a estratégia de fazer o agora presidente eleito reconhecer os interesses de classe de quem manda na sociedade. O interessante é que a cobrança do programa classista que se faz a Lula, sobretudo pela *Folha de S.Paulo* e pelo âncora Boris Casoy, passou a funcionar em sentido contrário: é uma armadilha e uma advertência para receber de volta do presidente a reiteração dos compromissos de respeito aos contratos, pedra de toque anunciada na "Carta ao Povo Brasileiro"[196].

A partir do momento em que os capitalistas o reconhecem como representante autorizado e competente para a gestão do Estado capitalista brasileiro (e assinalemos, isto se fez confirmado definitivamente após os casos de corrupção dos mandatos presidenciais de

---

[194] OLIVEIRA, F. de. "O enigma de Lula: ruptura ou continuidade?" *In*. ESTANQUE, E.; SILVA, L. M. e; VÉRAS, R.; FERREIRA, A. C.; COSTA, H. A. (orgs.) *Mudanças no trabalho e ação sindical*: Brasil e Portugal no contexto da transnacionalização. São Paulo: Cortez, 2005. p. 97.

[195] BOITO JR., A. "Neoliberalismo e relações de classe no Brasil". *Idéias*. nº. 1. Disponível em http://www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/PIICdos.pdf, acessado em 29.01.12.

[196] OLIVEIRA, F. de. "O momento Lênin". *Novos Estudos CEBRAP*. nº. 75. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002006000200003&script=sci_arttext, acessado em 29.01.12.

Luís Inácio da Silva). A hegemonia ultraliberal tornou-se ainda mais efetiva sendo que, então, o anticomunismo passa a não mais representar as mesmas necessidades: se antes ele era utilizado como base comum para a tentativa de constituição de uma oposição unificada contra o governo, assim tolerando e assimilando a formação e organização de novos intelectuais e militantes radicais, especificamente na pequena burguesia e nova pequena burguesia, neste novo momento ele dilui-se, tornando-se elemento de pressão da burguesia que dá sustentação ao governo, elemento ideológico de controle social sobre este. Não sem motivo, este é o momento das demissões de Carvalho em 2005 de uma série de revistas e jornais, sendo que vieram a ocupar estes espaços indivíduos como Mário Sabino, Diogo Mainardi ou Reinaldo Azevedo, cujas atuações ideológicas não são direcionadas para a organização partidária. Neste momento Carvalho já possuía articulações suficientes para a manutenção de sua militância, garantida principalmente pela Associação Comercial de São Paulo. Com a fundação do MSM ele radicaliza sua prática política anterior, passando a agregar e refinar projetos de cunho chauvinistas e fascistizantes, militando abertamente por partidos e organizações de novo tipo, que não se colocassem somente contra uma possível ascensão da esquerda, mas contra qualquer abertura democratizante permitida pela burguesia.

Entendemos que esta apresentação da trajetória de vida pública de Olavo de Carvalho, é crucial, por ser o principal intelectual do MSM, que articula os demais em torno de uma militância comum, assumindo a função de liderança maior, suas opiniões e percepções servem como crivos para o formato e conteúdo do MSM. Mas este não poderia ser gerido e sustentar-se em atuação partidária sem a constituição efetiva de um Estado maior, para coordenar o trabalho através de diversas instâncias em torno de objetivos comuns. Para tanto, os intelectuais participantes deste Estado maior serão os os intelectuais que terão suas proposições tomadas como estruturantes para a atuação dos demais militantes do MSM. Podemos identificá-los através de alguns fatores: trajetória pública anterior, o “peso” do curriculum, caso de Heitor de Paola, Ipojuca Pontes e Denis Rosenfeld; pela “especialização” de alguns intelectuais sobre dados aspectos da realidade social, ou seja, apropriando-se de pressupostos de Carvalho ou dos outros citados, “aperfeiçoaram” estes ao tratar de um tema específico, a ponto de tornarem-se referências nestas discussões até pelos primeiros: caso de Graça Salgueiro no que refere-se à América Latina e de Julio Severo sobre família, aborto e homossexualismo – excluem-se deste quadro “especialistas” como Marcus Boeira (comentarista sobre direito) ou Nivaldo Cordeiro (sobre atualidades e filosofia), por estes não terem se afirmado como referências maiores sobre os temas. Do mesmo modo excluímos nomes como Klauber Cristofen Pires ou Ubiratan Iorio, cuja importância é mais notada na

articulação do MSM com outros grupos e institutos (no caso dos dois evidentemente em relação ao Instituto Millenium e ao Von Mises Brasil). A existência da distinção hierárquica entre estes intelectuais, mesmo que de modo informal, corrobora nossa hipótese de que o MSM entende-se e atua como partido, não como empreendimento individual de Carvalho, o que discutiremos no capítulo seguinte.

5. O MSM COMO PARTIDO:

"Militância, por seu lado, não se cria da noite para o dia.
Ela começa com círculos muito pequenos de intelectuais que, por anos,
nada fazem senão discutir e discutir, analisando diariamente,
com minúcia obsessiva, uma conjuntura política na qual não têm o mínimo poder de interferir.
É do seu debate interminável que emergem, aos poucos,
certas maneiras de pensar e falar que, consolidadas e simplificadas
em esquemas repetitivos, se tornam espontaneamente a linguagem dos insatisfeitos em geral.
Quando estes aceitam a linguagem do núcleo intelectual como expressão de suas queixas
(por mais inadequada que essa linguagem seja objetivamente),
é então que começa o adestramento da militância propriamente dita.
De início suas iniciativas podem parecer deslocadas e pueris,
mas elas não visam a alcançar nenhum resultado objetivo:
são apenas ação imanente, destinada a consolidar a militância.
Isto é tão importante, tão vital, que todo movimento político sério
tem de começar sacrificando eleições e cargos ao ídolo da solidariedade militante".

Olavo de Carvalho, "A falta que a militância faz**".** *Diário do Comércio*. 05.07.10.

Neste capítulo da dissertação iremos apresentar ao nosso leitor a constituição do MSM como partido. Para tanto abordaremos a conjuntura de seu surgimento e dos anos de nosso recorte temporal; sua autocaracterização como observatório de imprensa (ou como preferem *media watch*); apresentaremos seus intelectuais (seus editores e colunistas); sua estratégia para inserção política e formação de seus militantes através da internet, ou seja, que estratos sociais pretendem atingir e como; o modo pelo qual particularizam seu discurso político. Para nós, todos estes tópicos referem-se à sua constituição como partido – mesmo que não consolidando-se no formato parlamentar formal, é construído com este sentido (sua não formalização como partido eleitoral é explicada pela conjuntura em que existe, pois indiquemos, o capitalismo e a desigualdade social no Brasil nunca foram tão propícios para a burguesia quanto na última década, ou seja, não há ainda a necessidade imediata de institucionalizar-se a direita fascista). Ou como eles próprios afirmam, a etapa atual é da ação através de "*círculos muito pequenos de intelectuais que, por anos, nada fazem senão discutir e discutir, analisando diariamente, com minúcia obsessiva, uma conjuntura política na qual não têm o mínimo poder de interferir*"[197].

Afirmar o MSM como um partido é compreender como uma associação da sociedade civil cumpre uma ação partidária: através de seus intelectuais organiza e dissemina um discurso político ideológico; forma quadros e militantes de base, além de arregimentar simpatizantes utilizando como estratégia principal a guerra de posições, ou seja, organizativamente atuando em uma série de organizações e frentes (sua rede extrapartidária), que visam operar ofensivamente em momentos de crise aberta. Este "momento de crise", a crise de hegemonia de Gramsci, é tratado como horizonte de expectativa para o MSM, ou seja, um espaço para sua atuação plena. Neste sentido, a crise aberta

[197]CARVALHO, O. de. "A falta que a militância faz". *Diário do Comércio*. 05.07.10. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/100705dc.html, acessado em 05.10.10.

se apresenta, dentro do discurso do MSM, como o momento onde todas as forças políticas iriam apresentar-se "desmascaradas" o que justificaria toda sua organização durante os anos.

Assim, a compreensão do conceito de partido político formulado por Gramsci é fundamental para situar o MSM. O autor irá caracterizar tanto partidos burgueses de seu tempo quanto pensar criticamente a estrutura e os princípios do partido revolucionário, que chama de "moderno Príncipe". *Iremos tratar de maneira ampla o conceito gramsciano de partido, especialmente porque esta leitura é compartilhada pelo MSM, que a irá absorver e deturpar, visando apresentar-se como o partido "antirrevolucionário" por excelência, o que exigiria para esta condição de combate formatação inversamente semelhante*[198] – assinalemos que o próprio Carvalho pediu a inclusão de seu nome na "bibliografia" do *website Gramsci e o Brasil*, dedicado à pesquisas nacionais que referenciem o marxista sardo[199]. Este trecho é essencialmente teórico, onde buscamos apresentar o referencial gramsciano de modo mais fiel possível, já que esta questão não esgota-se neste capítulo, mas perpassa toda a dissertação.

Para Gramsci os partidos políticos são "*uma nomenclatura de classe*", atuando para a expansão do grupo social do qual se originam[200]. São organizadores, "*os organismos que, na sociedade civil, não só elaboravam as diretrizes políticas, mas educavam e apresentavam os homens supostamente em condição de aplicá-las*"[201], o que já inicialmente não os resume à formalidade eleitoral burguesa: "*os 'partidos' podem se apresentar sobre os nomes mais diversos, mesmo sob o nome de antipartido e de negação dos partidos*"[202]. Gramsci identifica esta pluralidade de formas possíveis assinalando historicamente que, na Itália do Pós-Primeira Guerra, "*pela falta de partidos organizados e centralizados, não se pode prescindir dos jornais: são os jornais, agrupados em série, que constituem os verdadeiros partidos*"[203], embora reconhecendo que "*as revistas são estéreis se não se tornam a força motriz e formadoras de instituições culturais de tipo associativo de massa, isto é, cujos quadros não são fechados*"[204]. Aos partidos políticos, cabe um papel histórico que torna "*evidente que, para o partido que se propõe anular a divisão em*

[198]Em entrevista Carvalho, quando perguntado, se "*não existe nada que o senhor goste nas idéias de esquerda?*" respondera que "*a pergunta é um pouco simplória. 'A esquerda' é uma tradição cultural e política com mais de duzentos anos de existência, coisa de uma complexidade e riqueza quase inabarcáveis, e, mesmo que se esforçasse muito para fazer só porcaria, teria necessariamente de produzir alguma coisa boa nesse ínterim, ao menos por equívoco. Quando penso 'a esquerda', o que vem à minha mente é algo de imensamente mais vasto do que aquilo que se entende pelo termo nesse favelão intelectual que é o Brasil. 'A esquerda' é, por exemplo, Charles Péguy, é Jules Michelet, é John Ruskin, é Heinrich Heine, é José Ingenieros. Nem o mais empedernido dos reacionários pensaria em jogar tudo isso fora. Quantas páginas de Lênin, de Marx, de Gramsci, não li com grande satisfação! Faça a sua pergunta a algum cabo eleitoral, não a um homem de estudos*". FONSECA, E. "Entrevista de Olavo de Carvalho ao site Panorama mercantil". *Panorama Mercantil*. 07.07.11. op. cit.

[199]CARVALHO, O. de. *Gramscianos enfezadinhos, uni-vos!*. 26.12.98. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/enfeza.htm, acesssado em 29.03.12.

[200]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 313.

[201]Idem. p. 341-342.

[202]Ibidem. p. 326.

[203]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 218.

[204]Idem. p. 237.

classe, sua perfeição e seu acabamento consistem em não existir mais, porque já não existem classes e, portanto, suas expressões”[205]. Sua importância advém de sua responsabilidade na “*elaboração e na difusão das concepções de mundo, na medida em que elaboram essencialmente a ética e a política adequada a elas*”, funcionando “*quase como 'experimentadores' históricos de tais concepções*”[206]. O trecho abaixo, em que Gramsci retorna para Maquiavel para compreender o partido como correlato do Príncipe, capaz de operar a superação do estado das coisas, sublinha a sua importância na contemporaneidade:

> No mundo moderno, só uma ação histórico-política imediata e iminente, caracterizada pela necessidade de um procedimento rápido e fulminante, pode se encarnar miticamente num indivíduo concreto: a rapidez só pode tornar-se necessária diante de um grande perigo iminente, grande perigo que cria precisamente de modo fulminante, o fogo das paixões e do fanatismo, aniquilando o senso crítico e a corrosividade irônica que podem destruir o caráter “carismático” do *condottiero* (o que aconteceu na aventura de Boulanger). Mas uma ação imediata desse tipo, por sua própria natureza, não pode ser ampla e de caráter orgânico: será quase sempre do tipo restauração e reorganização, e não do tipo peculiar à fundação de novos Estados e de novas estruturas nacionais e sociais (como era o caso no *Príncipe* de Maquiavel, onde o aspecto de restauração era só um elemento retórico, isto é, ligado ao conceito literário da Itália descendente de Roma e que devia restaurar a ordem e a potência de Roma), será de tipo “defensivo” e não criativo original, ou seja, no qual se supõe que uma vontade coletiva já existente tenha se enfraquecido, dispersado, sofrido um colapso perigoso e ameaçador, mas não decisivo e catastrófico, sendo assim, necessário reconcentrá-la e fortalecê-la; e não que se deva criar uma vontade coletiva *ex novo*, original, orientada para metas concretas e racionais, mas de uma concreção e racionalidade ainda não verificadas e criticadas por uma experiência histórica efetiva e universalmente conhecida[207].

Assim sendo, as ações imediatistas não suprem as necessidades a serem superadas, o que só é possível através da ação “*ampla e de caráter orgânico*” que decorrerá do seu caráter de classe, do seu projeto histórico. Como bem nota Igor Santos, “*um partido formalmente existente pode não exercer nenhuma atividade de organização de 'vontades coletivas' e não se constituir como parte ativa de certa classe, isto é, pode não se constituir como partido político para as classes*”[208]. Para cumprir sua função, o partido revolucionário, “*o moderno príncipe, o mito-príncipe não pode ser uma pessoa real, um indivíduo concreto, só pode ser um organismo; um elemento complexo de sociedade no qual já tenha tido início a concretização de uma vontade coletiva reconhecida e afirmada parcialmente na ação*”. E sua forma, só se fará efetiva, se vinculada ao desenvolvimento histórico de cada formação social, pois é “*a primeira célula na qual se sintetizam germes de*

---

[205]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 313.
[206]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p. 105.
[207]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 16.
[208]SANTOS, I. G. “A ‘eficiência real’: apontamentos de Gramsci para uma história/concepção dos partidos políticos”. *Anais V CEMARX*. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt2/sessao2/Igor_Santos.pdf, acessado em 19.03.11.

vontade coletiva que tendem a se tornar universais e totais"[209].

Evidentemente, o grupo social de que o partido é partícipe "*não é isolado; tem amigos, afins, adversários, inimigos*". Sendo então, reafirmamos, "*somente do quadro global de todo o conjunto social e estatal*" se poderá obter a justa compreensão sobre "*a história de um determinado partido*", já que "*terá maior ou menor significado e peso precisamente na medida em que sua atividade particular tiver maior ou menor peso na determinação da história de um país*"[210] – inclusive, em dada determinada conjuntura da relação de forças, partidos "*representam um só grupo social na medida em que exercem uma função de equilíbrio e de arbitragem entre os interesses de seu próprio grupo e os outros grupos, fazendo com que o desenvolvimento do grupo representado ocorra com o consenso e com a ajuda dos grupos aliados*" – assinalando que "*com o partido totalitário, estas fórmulas perdem o significado e são assim minimizadas as instituições que funcionavam segundo tais fórmulas*", e que esta "*própria função é incorporada pelo partido, que exaltará o conceito abstrato de 'Estado' e procurará de vários modos dar a impressão de que a função 'de força imparcial' continua ativa e eficaz*"[211]. Novamente segundo Santos, a peculiaridade metodológica de Gramsci, oferece

> ao invés das tão freqüentes histórias de partidos políticos que perseguem resoluções, teses, textos de polêmicas, etc., que mais configuram uma história das idéias, o italiano, sugere que a reconstituição deva ser feita na tentativa de realçar a relação entre partido e sua base; entre partido e outros partidos; entre os partidos e os movimentos sociais. Essa sugestão aparece na sua proposição de análise da "eficiência real" do partido. Dessa maneira, a nosso ver, a luta de classes é alçada ao seu papel principal e permite a aparição de novos sujeitos na história dos partidos políticos que, na maioria das vezes, ficam circunscrita apenas ao "estado maior" partidário[212].

Cabe aos partidos políticos selecionarem "*individualmente a massa atuante, e esta seleção opera-se simultaneamente nos campos prático e teórico, com relação tão mais estreita entre teoria e prática quanto mais seja a concepção vitalmente e radicalmente inovadora e antagônica aos antigos modos de pensar*", que através de sua atuação, acabarão por formar "*os elaboradores das novas intelectualidades integrais e totalitárias, isto é, o crisol da unificação de teoria e prática entendida como processo histórico e real*", ou seja, que a formação de seus militantes "*se realize através da adesão individual e não de modo 'laborista', já que se trata de dirigir organicamente 'toda a massa economicamente ativa' – deve-se dirigi-la não segundo velhos esquemas, mas inovando*". E a pedagogia política "*só pode tornar-se de massa, em seus primeiros estágios, por intermédio de uma elite na qual a concepção implícita da atividade humana já se tenha tornado,*

---

[209]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 16.
[210]Idem. p. 87-88.
[211]Ibidem. p. 59.
[212]SANTOS, I. G. "A 'eficiência real': apontamentos de Gramsci para uma história/concepção dos partidos políticos". *Anais V CEMARX*. op. cit.

em certa medida, consciência atual coerente e sistemática e vontade precisa e decidida”[213]. Devendo-se compreender “*o caráter 'doutrinário' estritamente entendido de um grupo*” através de “*sua atividade real (política e organizativa) e não pelo conteúdo 'abstrato' da própria doutrina*”, do mesmo modo, que “*chama-se 'doutrinário' porque representa não só interesses imediatos mas também aqueles futuros (previsíveis) de um certo grupo*”, o sendo “*em sentido pejorativo quando se mantém numa posição puramente abstrata e acadêmica e não se esforça por organizar, educar e dirigir uma força política correspondente, de acordo com as 'condições já existentes ou prestes a aparecer'*”[214].

Esta indicação de Gramsci é importante, pois, embora reafirme papel de direção do partido, não perde a perspectiva de que o chamado partido de quadros é necessário somente como um de “*seus primeiros estágios*”. Ele não rompe com a posição de Lênin, mas determina a estratégia pelo desenvolvimento econômico, político e social de cada formação social, assinalando que nas sociedades “ocidentais” um partido de quadros, formado somente por revolucionários profissionais, não seria capaz de assumir as responsabilidades de condutor da guerra de posição. “*A luta ideológica contra o extremismo de esquerda deve ser travada contrapondo-se a tal extremismo a concepção marxista e leninista do partido do proletariado como partido de massa*”, demonstrando-se “*a necessidade de que ele adeque sua tática às situações com o objetivo de poder transformá-las, de não perder o contato com as massas e de conquistar zonas de influência cada vez maiores*”[215].

Ele indica três grupos de elementos confluentes para a construção do partido revolucionário. O primeiro “*um elemento difuso, de homens comuns, médios, cuja participação é dada pela disciplina e pela fidelidade, não pelo espírito criativo e altamente organizativo*”. O segundo, “*o elemento de coesão principal que centraliza no campo nacional que torna eficiente e poderoso um conjunto de forças que, abandonadas a si mesmas, representariam zero ou um pouco mais*”, sendo “*este elemento é dotado de força altamente coesiva centralizadora e disciplinadora e também (ou melhor, talvez por isso mesmo) inventiva*”. E, por fim, “*um elemento médio, que articule o primeiro com o segundo elemento, que os ponha em contato não só 'físico', mas também moral e intelectual*”. Estes três elementos confluentes, quando atingidas suas “proporções definidas”, permitem ao partido alcançar “*o máximo de eficiência*”[216]. Firmadas estas clivagens:

> […] pode-se dizer que um partido não pode ser destruído por meios normais quando, existindo necessariamente o segundo elemento, cujo nascimento está ligada a existência das condições materiais objetivas (e, se este segundo elemento não existe, qualquer raciocínio é vazio), ainda que em estado disperso e errante não podem

[213]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 105.
[214]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 275.
[215]GRAMSCI, A. *Escritos políticos*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 346-347.
[216]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 315-318.

> deixar de se formar os outros dois, isto é, o primeiro que necessariamente o terceiro com sua continuação com seu meio de expressão. Para que isto ocorra, é preciso que se tenha criado a convicção férrea de que uma determinada solução dos problemas vitais seja necessária. Sem esta convicção não se formará o segundo elemento, cuja destruição é mais fácil em virtude de seu número restrito, mas é necessário que este segundo elemento, mas é necessário que este segundo elemento, se destruído, deixe como herança um fermento a partir do qual volte a se formar […] O critério para julgar este segundo elemento deve ser procurado: 1) naquilo que realmente faz; 2) naquilo que prepara na hipótese de sua destruição. É difícil dizer qual dos dois fatos é o mais importante. Como na luta deve-se sempre prever a derrota, a preparação dos próprios sucessores é um elemento tão importante quanto tudo o que se faz para vencer[217].

Estes pontos são cruciais para compreender e impedir o processo de burocratização do partido. "*Criando chefes para si, os próprios operários criam com as próprias mãos, novos patrões, cuja principal arma de domínio reside na superioridade técnica e intelectual, e na impossibilidade de seus mandantes exercerem um controle eficaz*". Com a possibilidade de fazer da política carreira, somada a "*complexidade progressiva da atividade política, em virtude da qual os líderes dos partidos se tornam cada vez mais profissionais e devem ter noções cada vez mais amplas, um tato, uma prática burocrática e, freqüentemente, uma esperteza cada vez mais ampla*", escolhendo isolar-se da base e "*dando margem à flagrante contradição que se manifesta nos partidos avançados entre as declarações e as intenções democráticas e a realidade oligárquica*". Gramsci compreende que "*se não existe diferença de classe*", desde que "*a orquestra não crê que o regente seja um patrão oligárquico*", a questão torna-se técnica, "*de divisão do trabalho e de educação, isto é, a centralização deve levar em conta que nos partidos populares a educação e o 'aprendizado' político se verificam em grande parte através da participação dos seguidores na vida intelectual*", sendo que uma possível solução para o fenômeno, poderia "*ser encontrada na formação de um estrato médio o mais numeroso possível entre os chefes e as massas, que sirva de equilíbrio para impedir os chefes de se desviarem nos momentos de crise radical e para elevar sempre mais a massa*"[218].

A estrutura deste partido deveria dar-se tal qual "*o comando do maestro: acordo prévio alcançado, colaboração, o comando como uma função distinta, não hierarquicamente imposta*"[219]. O que torna a disciplina "*certamente, não como acolhimento servil e passivo de ordens, como execução mecânica de uma tarefa (o que, no entanto, também será necessário em determinadas ocasiões, como por exemplo, no meio de uma ação já decidida e iniciada)*", e sim como a "*assimilação consciente e lúcida da diretriz a realizar. Portanto, a disciplina não anula a personalidade em sentido orgânico, mas apenas limita o arbítrio e a impulsividade irresponsável,*

---

[217]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 318-319.
[218]Idem. p. 166-167.
[219]Ibidem. p. 273.

para não falar da fátua vaidade de sobressair"[220]. Esforço que nos traz novamente para a centralidade do partido político neste processo, que para a classe trabalhadora é "*nada mais do que o modo próprio de elaborar sua categoria de intelectuais orgânicos, que se formam assim, e não podem deixar de formar-se, dadas as características gerais e as condições de formação, de vida e de desenvolvimento do grupo social dado*", no que concerne ao "*campo político e filosófico, e não no campo da técnica produtiva*". E ainda "*para todos os grupos, é precisamente o mecanismo que realiza na sociedade civil a mesma função desempenhada pelo Estado, de modo mais vasto e mais sintético, na sociedade política*", atuando como elemento de "*soldagem entre os intelectuais orgânicos de dado grupo, o dominante, e intelectuais tradicionais; e esta função é desempenhada pelo partido precisamente na dependência de sua função fundamental, que é a de elaborar os próprios componentes*". Estes "*elementos de um grupo social nascido e desenvolvido como 'econômico'*", irão, através do partido político, ser treinados "*em intelectuais políticos qualificados, dirigentes, organizadores de todas as atividades e funções inerentes ao desenvolvimento orgânico de uma sociedade integral, civil e política*"[221].

Os intelectuais não se constituem uma casta, sua diferenciação se daria pela clivagem classista, mas, nas sociedades ocidentais, essa clivagem se dá através de uma série de especializações, "*a própria função organizativa da hegemonia social e do domínio estatal dá lugar a uma certa divisão do trabalho e, portanto, a toda uma gradação de qualificações*"[222]. Portanto, estas distinções acabam por nos indicar, que no exercício da dominação nem todos os intelectuais tem o mesmo peso, que como já indicado em relação à organização do partido, estes estão em constante batalha para sua afirmação como os agentes competentes para a gestão (ou representação) dos interesses das classes fundamentais, e mesmo existindo disputas, há estabelecida uma hierarquia que determina as funções específicas de cada intelectual, ou grupo de intelectuais no exercício da hegemonia. A função histórica dos partidos, e em especial do revolucionário, como visto está entrelaçada com a capacidade dirigente de seus intelectuais, o que torna o partido uma escola de vida estatal:

> Se o Estado representa a força coerciva e punitiva de regulamentação jurídica de um país, os partidos, representando a adesão espontânea de uma elite a tal regulamentação, considerada um tipo de convivência coletiva para a qual toda a massa deve ser educada, devem mostrar em sua vida particular interna terem assimilado, como princípios de conduta moral, aquelas regras que no Estado são obrigações legais. Nos partidos, a necessidade já se tornou liberdade, e daí nasce o enorme valor político (isto é, de direção política) da disciplina interna de um partido e, portanto, o valor de critério que tem tal disciplina para avaliar a força de expansão dos diversos partidos. Deste ponto de vista, os partidos podem ser considerados escolas da vida estatal. Elementos de vida dos partidos: caráter (resistência aos

[220] GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 308-309.
[221] GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 24.
[222] Idem. p. 21.

> impulsos das culturas ultrapassadas) honra (vontade intrépida ao sustentar o novo tipo de cultura e de vida), dignidade (consciência de operar por um fim superior), etc.[223].

Cabe então, ao moderno Príncipe, ter "*uma parte dedicada ao jacobinismo (no significado integral que esta noção teve historicamente e deve ter conceitualmente), como exemplificação do modo pelo qual se formou concretamente e atuou uma vontade coletiva que, pelo menos em alguns aspectos, foi a criação ex novo, original*". Sendo o terreno em disputa para a construção de um novo Estado, "*a vontade coletiva e a vontade política em geral no sentido moderno, a vontade como consciência operosa da necessidade histórica, como protagonista de um drama histórico real e efetivo*". Dividindo suas tarefas, para a atuação racional dentro de uma formação social, em duas direções, "*uma das primeiras partes deveria precisamente ser dedicada à 'vontade coletiva', apresentando a questão do seguinte modo: quando é possível dizer que existem as condições para que se possa criar e se desenvolver uma vontade coletiva nacional-popular?*", para posteriormente produzir "*uma análise histórica (econômica) da estrutura social do país em questão e uma representação "dramática" das tentativas feitas através dos séculos para criar esta vontade e as razões dos sucessivos fracassos*". O "*Príncipe toma o lugar, nas consciências, da divindade ou do imperativo categórico, torna-se a base de um laicismo moderno e de uma completa laicização de toda a vida e de todas as relações de costume*", em cujo desenvolvimento "*subverte todo o sistema de relações intelectuais e morais, uma vez que seu desenvolvimento significa de fato que todo ato é concebido como útil ou prejudicial, como virtuoso ou criminoso*"[224], tendo como medida o próprio partido. Assim, se constrói como o formador por excelência do homem novo, responsável pela construção de um novo modo de ser:

> O moderno Príncipe deve e não pode deixar de ser o anunciador e o organizador de um reforma intelectual e moral, o que significa, de resto, criar o terreno para um novo desenvolvimento da vontade coletiva nacional-popular no sentido de uma forma superior e total de civilização moderna. Estes dois pontos fundamentais – formação de uma vontade coletiva nacional-popular, da qual o moderno Príncipe é ao mesmo tempo o organizador e a expressão ativa e atuante, e reforma intelectual e moral – deveriam constituir a estrutura do trabalho[225].

Cabe ao partido também a função de polícia política, que Gramsci compreende no processo de superação da estratégia de revolução permanente. "*A técnica política moderna mudou completamente após 1848, após a expansão do parlamentarismo, do regime associativo sindical e partidário, da formação de vastas burocracias estatais e 'privadas' (político-privadas, partidárias e sindicais)*", assim como as "*transformações que se verificam na organização da polícia*", para

[223]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 267.
[224]Idem. p. 16-19.
[225]Ibidem. p. 18.

além "*do serviço estatal destinado à repressão da criminalidade, mas também do conjunto das forças organizadas pelo Estado e pelos particulares para defender o domínio político e econômico das classes dirigentes*". Este movimento tornou, não só os partidos políticos, mas como "*outras organizações econômicas ou de outro gênero*" em "*organismos de polícia política, de caráter investigativo e preventivo*"[226]. Mas esta atuação policial tem uma determinação social, como Gramsci nota:

> […] a questão deve ser posta em outros termos; ou seja, sobre os modos e as orientações com que se exerce essa função. O sentido é repressivo ou expansivo, isto é, de caráter reacionário ou progressista. Um determinado partido exerce sua função de polícia para conservar uma ordem externa, extrínseca, freio de forças vivas da história ou a exerce no sentido de levar o povo a um novo nível de civilização, da qual a ordem política e legal é uma expressão programática? De fato, uma lei encontra que a infringe; 1) entre os elementos sociais reacionários que a lei alijou do poder; 2) entre os elementos progressistas que a lei reprime; 3) entre os elementos que não alcançaram o nível de civilização que a lei pode representar. Portanto, a função de polícia de um partido pode ser progressista ou reacionária[227].

E a reforma cultural não ocorre dissociada de um novo programa econômico, o qual "*é exatamente o modo concreto através do qual se apresenta toda reforma intelectual e moral*". Sem que se alterem drasticamente as relações sociais no mundo da produção, não "*pode haver reforma cultural, ou seja, elevação civil das camadas mais baixas da sociedade*"[228]. E o epicentro desta reforma moral e intelectual só pode ser o partido:

> Assinalei de outra feita que, numa determinada sociedade, ninguém é desorganizado e sem partido, desde que se entendam organização e partido num sentido amplo, e não formal. Nesta multiplicidade de sociedades particulares, de caráter duplo – natural e contratual ou voluntário –, uma ou mais prevalecem relativamente ou absolutamente, constituindo o aparelho hegemônico de um grupo social sobre o resto da população (ou sociedade civil), base do Estado compreendido como aparelho governamental-coercitivo. Ocorre sempre que os indivíduos pertencem a mais de uma sociedade particular e muitas vezes as sociedades que estão essencialmente (objetivamente) em contraste entre si. Uma política totalitária tende precisamente: 1) a fazer com que os membros de um determinado partido encontrem neste único partido todas as satisfações que antes encontravam em uma multiplicidade de organizações, isto é, a romper todos os fios que ligam estes membros a organismos culturais estranhos; 2) a destruir todas as outras organizações ou a incorporá-las num sistema cujo único regulador seja o partido. Isto ocorre: 1) quando um determinado partido é portador de uma nova cultura e se verifica uma fase progressista; 2) quando um determinado partido quer impedir que uma outra força, portadora de uma nova cultura, torne-se "totalitária"; verifica-se então uma fase objetivamente regressiva e reacionária, mesmo que a reação não se confesse como tal (como sempre sucede) e procure aparecer como portadora de uma nova cultura[229].

---

[226]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 78.
[227]Idem. p. 307-308.
[228]Ibidem. p. 18.
[229]Ibidem. p. 253-254.

Retomando, os partidos políticos: são os organizadores avançados das classes e suas frações, afirmados como sua expressão avançada, necessários, atuando sobre estas para desenvolvê-las; podem existir sob a forma jurídica de partidos ou não; são os organismos responsáveis por formarem os intelectuais destes grupos sociais, selecionando-os entre a massa e preparando-os para a vida estatal; são os formuladores e experimentadores de projetos históricos, buscando convertê-los em "vontade coletiva"; comportam o conflito, já que formuladores do consenso por excelência entre seu próprio grupo social; tomam o caráter de imperativo categórico, responsáveis pela reforma moral e intelectual do homem; tem validade histórica, já que mensurados pela sua eficiência real, dependentes do reconhecimento como expressão de um grupo social, e passível do fenômeno do transformismo; contém uma estrutura organizativa interna propositiva, seu Estado-maior (que pode ou não fazer parte do partido em si, como no caso de uma força dirigente externa), e uma hierarquia interna composta na relação entre seus quadros e a massa militante (dialética intelectuais-massa), cabendo ao partido formar um exército organicamente preparado para os momentos de crise; formam uma rede partidária; são organismos preventivos de polícia política, defendendo determinada ordem política; não podem ser destruídos por meios normais.

5.1. Criação e afirmação do MSM:

O MSM foi criado em 2002, sendo sua primeira publicação em 8 de agosto daquele ano, como acusado pelo *Internet Archive Wayback Machine*[230]. Já nesta primeira "edição" (o modo pelo qual contabilizam suas publicações é similar ao de um jornal) contou com a participação de cinquenta e três colunistas, tendo como editores responsáveis Diego Casagrande[231] e Olavo de Carvalho. O MSM organizou-se em torno deste último, que além de editor e responsável pelo seu *Quem somos*, vinha publicando há algum tempo artigos de vários colunistas em sua página pessoal (que segundo a mesma ferramenta de arquivos, tem sua primeira página publicada em 1999[232]). Foram creditados como responsáveis: "*editor: Olavo de Carvalho; Concepção e design: Olavo de Carvalho; Desenvolvimento e ASP: Arley Lobato; Edição e manutenção: Maria Inês P. de*

[230]Serviço de arquivamento *online*. As páginas do MSM consultadas se encontram disponíveis em INTERNET WAYBACK MACHINE. *Consulta por www.midiasemmascara.org*. http://web.archive.org/web/*/http://www.midiasemmascara.org, acessado em 13.10.10.

[231]Jornalista gaúcho, que já trabalhou no Zero Hora, RBS TV, TVCOM, Rádio Gaúcha e Rede Pampa de Comunicação. Recebeu diversos prêmios e menções honrosas e publicou os livros *Porto Alegre - 48 horas sob terror* e *Vanguarda do Atraso - Ameaças à liberdade de expressão durante o governo do PT no Rio Grande do Sul*. Trabalha hoje em dia na Band News e apresenta e dirige o programa diário Opinião Livre em Porto Alegre. WIKIPEDIA. *Diego Casagrande*. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Diego_Casagrande, acessado em 12.12.10. O autor mantém o blog http://diegoreporter.blogspot.com/.

[232]INTERNET WAYBACK MACHINE. *Consulta por www.olavodecarvalho.org*. disponível em http://web.archive.org/web/20020802221943/www.olavodecarvalho.org/, acessado em 13.10.10.

Carvalho; Redação: Roxane Andrade de Sousa, Maria Inês de Carvalho e Josiane de Carvalho".

Mesmo com esta estrutura organizada, e já contando com articulistas de direita renomados, cujas publicações na época somavam um número significativo de jornais e revistas, o MSM é caracterizado como projeto particular, de responsabilidade supostamente individual: Olavo de Carvalho seria o maior encarregado, junto com sua família: o "*MÍDIA SEM MÁSCARA é um empreendimento pessoal, de escala familiar como uma padaria ou uma quitanda. A redação constitui-se de mim, de minha esposa e de duas das minhas filhas*". E as participações destes colunistas seriam de "*amigos que trabalham de graça, por generosidade, patriotismo e senso do dever*", acrescentando um sentido de abnegação e heroísmo para o empreendimento: *"pouco nos importa a desproporção de forças. Quando os grandes se acovardam, os pequenos têm de dar o exemplo*"[233]. Anotemos, esta teatralidade discursiva sobre o fardo autoinfligido é típica de anticomunistas renomados da história brasileira, sendo o trecho seguinte de óbvia semelhança com os lamentos do Almirante Pena Boto Jr. ou Plínio Salgado:

> […] no Brasil, só eu e mais dois ou três amigos, isolados e sem dinheiro, temos tentado enfrentar o monstro. O ódio que desaba sobre nós por isso, a covardia e a mesquinhez dos expedientes a que homens poderosos têm recorrido para nos calar, a má vontade surda e cega - quando não a ironia e a chacota - que os indiferentes e alienados opõem aos nossos esforços, são indescritíveis[234].

Este caráter de responsabilidade enfaticamente individualista, que Carvalho atribui ao seu empreendimento, aos moldes de Schumpeter[235], busca invocar a imagem mítica do pequeno burguês em luta pela ascensão social pela via do *self-made men*, que começa sua vida com uma quitanda, uma padaria (anotemos, nisto incorreram em impressionante exatidão, explorando a própria família como mão de obra), que enxerga apenas em si mesmo, em seu trabalho, a responsabilidade por seu destino, pelo seu fracasso ou sucesso. Assim, criar o MSM exigiu em primeiro lugar a propriedade privada de um espaço, seu *site* ou sítio, que embora seja inicialmente de um valor irrisório, pode valorizar-se, tornando-se uma referência, que "*não serve apenas como um fator de desenvolvimento econômico*". Para eles, a propriedade privada "*serve principalmente para o cidadão dar um chute*

---

[233] CARVALHO, O. de. *Quem somos*. Disponível em http://web.archive.org/web/20021028120828/www.midiasemmascara.org/quem.asp, acessado em 13.10.10.

[234] Idem.

[235] "*Podemos definir empreendedorismo ou função empresarial como o atributo individual de perceber as possibilidades de lucros ou ganhos eventualmente existentes. Ora, como isso se constitui em uma categoria de ação, esta pode ser encarada como um fenômeno empresarial, que põe em destaque as capacidades perceptiva, criativa e de coordenação de cada agente. O empreendedor é aquele indivíduo que percebe que uma determinada idéia poderá lhe proporcionar ganhos e se empenha para desenvolvê-la na prática. O fato de esse indivíduo ser ou não um empresário (no sentido de ser diretor ou dono de uma empresa), no momento em que nasce sua boa idéia, não é, portanto, relevante para que possamos defini-lo como empreendedor*". IORIO, U. *João, Maria, José, empreendedorismo e intervencionismo*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/economia/11466-joao-maria-jose-empreendedorismo-e-intervencionismo.html, acessado em 13.10.10.

no traseiro de quem ouse se meter na sua vida ou bulir com os seus filhos”[236]. A propriedade privada é tratada como a determinação para a existência de seus proprietários como indivíduos, e que ameaçada, necessita de um combate que ultrapassa em muito o espaço da padaria ou da quitanda, sendo que então é função do MSM perseguir todo e qualquer sujeito do corpo social que negue à propriedade esta função social. Nestes termos resume-se qualquer tentativa de reforma no estatuto da propriedade privada é tomada como atalho histórico para seu fim, sua dissolução – e consequente proletarização dos proprietários. Esta confusão é proposital e importante, pois permite ao MSM atribuir o mesmo sentido teleológico tanto para reformistas quanto para radicais (sejam quais forem os taxados destes rótulos), os combatendo como atores com estratégias distintas, mas em busca de um mesmo fim histórico: o comunismo, o fim definitivo da propriedade privada (toda e qualquer, não somente dos meios de produção). Que fique claro, o anticomunismo é o maior de seus motes, é o unificador central para sua atuação política.

Em segundo lugar foi necessário dotar o MSM de um conjunto de habilidades, que para além da mera capacidade da escrita, se deu pela especialização, pelo conhecimento específico acerca da realidade social, determinado pelo mercado, e anotemos dividido entre quem interessa a sua existência (quem necessita que determinado produto esteja em circulação), e seu público consumidor propriamente dito (que confundem-se mas não são necessariamente de um mesmo grupo social). Neste caso específico não trata-se de um público pagante, mas que é levado a consumir ativamente o projeto político divulgado pelo empreendimento. Só que a simples leitura – ou mais uma aba aberta em seu navegador – não garante o resultado esperado. Este público é levado a interagir, antes por meio de e-mails, depois comentários na própria página do texto, e por fim, como opção, doando dinheiro para a manutenção e reprodução do *serviço prestado*. Chamamos a atenção para a ideia deste “serviço prestado”, pois é assim que em diversos momentos o MSM irá se definir, este serviço qualificado como de *segurança*: de prevenção e de ataque contra os inimigos do *status quo*, mas tendo seu poder de ataque restrito, já que determinado pela conjuntura, pelo tamanho da corrente, para seguir a metáfora utilizada por Gilberto Calil para categorizar os integralistas no Pós-Guerra como *cães de guarda da burguesia*[237].

Olavo de Carvalho, cuja trajetória de vida já tratamos, há décadas trabalhava como intelectual a serviço da classe dominante. A tabela seguinte nos permite visualizar, através dos periódicos em que publicava em 2002, algumas relações constituídas por ele:

[236]PIRES, K. C. *Vamos trabalhar juntos?* 12.02.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/cultura/10789-vamos-trabalhar-juntos.html, acessado em 08.10.10.
[237]CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. Tese de Doutorado. Niterói: UFF/UNIOESTE, 2005.

TABELA 9: Periódicos em que Olavo de Carvalho publicava em 2002:

Publicação	*Sites* (alguns já fora do ar)	Comentário de Olavo de Carvalho
O Globo	http://www.oglobo.com.br	"*Artigos semanais*"
Época	http://www.epoca.com.br	"*Artigos semanais*"
Bravo!	http://www.revbravo.com.br	"*Leia lá os artigos de Olavo de Carvalho e de outros jornalistas da pesada: Bruno Tolentino, Sérgio Augusto, Millôr Fernandes e tutti quanti...*"
Jornal da Tarde	http://www.jt.com.br	"*Traz todos os artigos de Olavo de Carvalho publicados no Jornal da Tarde de São Paulo*"
Zero Hora	http://zerohora.clicrbs.com.br/	Não consta descrição
Folha de S. Paulo	http://www.folha.com.br/	Não consta descrição
Leader	http://www.iee.com.br/leader/	"*Revista dos liberais de Porto Alegre – os mais combativos que existem no Brasil – com artigos de J. O. de Meira Penna e Olavo de Carvalho*"
Libertárias	http://13571113.vila.bol.com.br/shikida/index-2.html	"*Revista on-line de Claudio Shikida, 'um espaço para a divulgação de opiniões muitas vezes ignoradas pela maliciosa estratégia do silêncio'*"
O Expressionista	http://www.bsnet.com.br/usr/chiuso	"*Inteligente jornal on-line de Santos, SP*"
Mídia Sem Máscara	http://www.midiasemmascara.org	"*Jornal on-line com o objetivo de desmascarar a mídia brasileira*"

FONTE: CARVALHO, O. de. *Links*. Disponível em http://web.archive.org/web/20021209160006/http://olavodecarvalho.org/links.htm#2, e http://www.olavodecarvalho.org/semana/arquivo_2002.htm, acessados em 09.10.10.

Até aí, nada surpreendente, dado que as seis ou nove famílias que comandam o oligopólio sobre a mídia brasileira[238] sempre puderam arrogar-se de empregar intelectuais de esquerda, fossem acadêmicos, jornalistas, escritores, cartunistas, etc., paternalmente chamados por estes proprietários como "os nossos comunistas" – cuja interferência sobre o projeto editorial destas empresas obviamente era nula ou mínima (a não ser no sentido de justificar algum tipo de neutralidade jornalística, etc.). Mas então apresentemos a opinião de seu principal intelectual, Olavo de Carvalho, sobre seus empregadores:

> Se algo aprendi nos dezesseis anos que decorreram desde meus primeiros avisos sobre a mais vasta e silenciosa trama revolucionária que já se viu no mundo, foi que a "burguesia" é a classe mais indefesa que existe. Acovardada perante o prestígio dos vigaristas intelectuais mais baixos e sórdidos, ela se apega a qualquer pretexto para enxergar, no inimigo que planeja assassiná-la, todas as virtudes mais róseas e fictícias e evitar assim o confronto com uma realidade temível. O famoso "aparato ideológico da burguesia", de que falam os marxistas, jamais existiu. Ele é apenas uma projeção invertida do próprio aparato ideológico revolucionário, destinada a impedir, mediante a denúncia preventiva de maquiavelismos imaginários, que um dia um real aparato burguês de autodefesa venha a existir. Quando a burguesia, pelo menos brasileira, consente em dizer algo em seu próprio favor, ela o faz com tanta discrição e delicadeza que dá a impressão de estar disputando com o adversário mais bondoso e compreensivo do mundo, e não com as "máquinas de matar" que os

[238] GIANNOTTI, V. "Comunicação e hegemonia. A batalha da hegemonia exige convencimento e força". *Brasil de Fato*. 18.10.11. Disponível em http://www.brasildefato.com.br/content/comunica%C3%A7%C3%A3o-e-hegemonia, acessado em 14.11.11.

> revolucionários se orgulham de ser[239].

Esta citação é importante, pois situa temporalmente o sentido de suas intervenções políticas, especialmente iniciadas a partir de 1993. Daí em diante o que se lê é uma torrente de afirmações típicas de Carvalho sobre a conjuntura social brasileira, onde considera tanto a sociedade política quanto a sociedade civil como sequestradas pelos "revolucionários", resumidos na figura "*dos vigaristas intelectuais mais baixos e sórdidos*", os quais a burguesia não se importaria em combater, contentando-se em somente administrar a produção e os investimentos financeiros na busca do lucro. Ou seja, ele interpreta o Estado e a sociedade civil como instâncias idealizadas, dissocia a ideologia da sua relação real com a estrutura produtiva econômica, configurando-se então em meros locais para a "batalha das ideias", o que não interessaria ao empresário brasileiro, que ingenuamente (sem ninguém para abri-lo os olhos) confiaria sua manutenção ao "*adversário mais bondoso e compreensivo do mundo*", que na realidade prepararia assim, através do seu aparato ideológico, o terreno para que os revolucionários venham a apresentar-se como realmente são: as "*máquinas de matar*", que "*se orgulham de ser*". Obviamente, esta é uma deturpação frágil por ser geral, mas que apresenta claramente a existência da crise provocada pelo inimigo infiltrado e corroborada pela inconsequência da classe dominante, especialmente a brasileira, em permitir sua existência: seria "comprovada" a acusação na gestão do Estado capitalista pelo Partido dos Trabalhadores e na grande mídia pelo seu desinteresse em alinhar-se abertamente aos estratos mais reacionários da burguesia na luta contra os elementos ideológicos "externos" que estariam destruindo as "bases civilizacionais do Ocidente judaico-cristão", como a família, a Igreja, a comunidade, etc.

Deixemos claro, esta preocupação com que Olavo de Carvalho analisa a burguesia brasileira é retribuída por esta, que o dota de meios e rendimentos para levar esta luta adiante (presumimos que a retribuição financeira não é tão farta assim, o próprio reclama bastante sobre sua subsistência) – como já dito sua permanência nos EUA é financiada pelo Diário do Comércio, veículo de imprensa da Associação Comercial de São Paulo, onde o autor publica uma coluna e um suplemento próprio desde 2008. Segundo Guilherme Afif Domingos, presidente desta associação:

> A decisão de publicar a separata do Diário do Comércio com os principais artigos escritos por Olavo de Carvalho neste jornal visa permitir que as idéias, opiniões, informações e conclusões desse filósofo, jornalista, conferencista, escritor e, sobretudo, polemista, possam alcançar um número maior de brasileiros [...] Os textos apresentados revelam a vasta cultura do autor, sua imensa capacidade de se informar e, principalmente de analisar as informações, seu raciocínio lógico e argumentação racional e, muitas vezes, sua contundência na defesa de suas posições. Como liberais, acreditamos no confronto das idéias, mas, infelizmente, o que se assiste no Brasil, é a predominância quase esmagadora, tanto na mídia, como nos

[239]CARVALHO, O. de. "A burguesia indefesa". *Diário do Comércio*. 17.08.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/editorial/7949-a-burguesia-indefesa.html, acessado em 08.10.10.

ambientes universitários, de uma única corrente de pensamento [supostamente de esquerda], que, por ser muitas vezes diferenciada por nuances, leva a maioria dos observadores a acreditar que existe um debate verdadeiro[240].

Cabe-nos apresentar, de modo sintético, a conjuntura que determinou a necessidade da existência de um agrupamento partidário como MSM, a demanda criada pelo tipo de discurso político que propagam. O MSM surge como parte de uma onda maior, mundial, de partidos fascistas que acompanham a crise do capital – ou melhor, sua inevitável crise sob o capital-imperialismo (o que discutiremos em um capítulo específico adiante). No Brasil, com eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002, este tipo de discurso emerge rapidamente, revestido de um anticomunismo justificado como "preventivo", atentando para esta mudança no bloco no poder, novidade na autocracia burguesa brasileira. Lula marcou sua trajetória e identidade política como um ex operário surgido das lutas sindicais durante a ditadura civil militar empresarial, e membro fundador do maior partido de esquerda já existente no país, o Partido dos Trabalhadores, e da Central Única dos Trabalhadores, a CUT, cujo histórico de lutas marcaram profundamente a experiência da classe trabalhadora no Brasil nas décadas de oitenta e noventa. O partido durante a década de noventa irá passar por um processo de transformismo, abandonando o caráter classista e de superação do capitalismo pelo socialismo, por um reformismo em conformidade com o capital, do mesmo modo a CUT de uma central combativa passou a gerenciar os conflitos entre capital e trabalho. Não nos cabe aqui focar este processo, mas sublinhar que o PT em 2002 já não oferecia nenhum perigo evidente ao *status quo*[241]. Como muito bem assinala David Maciel:

> De um projeto de "revolução dentro da ordem" cujos desdobramentos carregavam as potencialidades de uma "revolução contra a ordem", para usarmos os conceitos de Florestan Fernandes, PT e CUT migraram para um projeto de "reforma dentro da ordem" que evoluiu posteriormente para a "reprodução da ordem" nos marcos do padrão de acumulação neoliberal e da autocracia burguesa reformada. No entanto, nesta fase este movimento transformista carregava uma particularidade importante, pois a cooptação de PT e CUT se baseou muito mais na capacidade que a autocracia burguesa demonstrou de condicionar e modelar sua ação política e social do que na incorporação de aspectos de seu projeto no programa político das classes dominantes[242].

---

[240]DOMINGOS, G. A. *Informar e estimular o debate*. Disponível em http://www.dcomercio.com.br/especiais/outros/mundo_real/03_prefacio.htm, acessado em 10.09.10.

[241]Não nos cabe abordar profundamente o processo de transformismo do PT, mas indicamos as seguintes pesquisas: IASI, M. L. *As metamorfoses da consciência de classe*: o PT entre a negação e o consentimento. São Paulo: Expressão Popular, 2006; COELHO, E. *Uma esquerda para o capital*: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998). op. cit. GARCIA, C. *PT: da ruptura com a lógica da diferença à sustentação da ordem*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2008. OLIVEIRA, M. E. de. *Sob o signo do "novo sindicalismo"*: das mudanças de identidade e de estratégia, na trajetória do PT e da CUT, à consolidação do populismo sindical no Governo Lula. op. cit. BOITO JR., A. "A burguesia no governo Lula". *Crítica Marxista*, op. cit.

[242]MACIEL, D. "Hegemonia neoliberal e trabalhadores no governo Lula". *Anais Marx e o marxismo 2011*: teoria e prática. Disponível em http://www.uff.br/niepmarxmarxismo/MM2011/TrabalhosPDF/AMC401F.pdf, acessado em 10.12.11.

Isto fica evidente na *Carta aos brasileiros* redigida naquele mesmo ano, e que foi o "*billet doux eleitoral de Lula para a comunidade empresarial, e a chave mestra para o acesso do PT às transações de porta fechadas com bancos e empreiteiras durante a campanha*"[243] – o ápice do processo transformista do partido. Entre vários compromissos políticos contidos nesta, destacam-se a manutenção da estabilidade econômica e política, estímulo à criação de um mercado interno de consumo de massas, a realização de reformas estruturais, o respeito aos contratos e obrigações com os organismos internacionais e a manutenção do equilíbrio fiscal. Dias entende que

> ao longo dos seus primeiros anos o PT tinha um diferencial em relação aos demais partidos. Propunha-se como partido acoplado aos movimentos sociais sem abandonar a via parlamentar. Repito: nos primeiros anos. O debate do pacto social, tanto no PT quanto na CUT, registrou a negativa da militância. Do mesmo modo, a ida ao Colégio Eleitoral. A crescente institucionalização do partido, que caminhou *pari passu* ao seu sucesso eleitoral, foi alterando um velho debate entre "partido de quadros e de massas". A perda das referências internacionais por parte dos trabalhadores foi utilizada progressivamente para pavimentar o caminho de uma compreensão da cidadania liberal desprovida de determinações classistas[244].

Nos dois mandatos de Lula (2002-2010), a combinação entre as políticas econômicas extremamente favoráveis ao capital financeiro, "*regime de metas de inflação, política de superávit primário, taxas de juros elevadas, câmbio valorizado*", e o retorno do financiamento estatal do grande capital, integrando as grandes empresas brasileiras na dinâmica imperialista, associadas às políticas sociais "compensatórias", de transferência direta de renda impuseram uma série de mudanças diretas para o capital no Brasil. No âmbito do capital financeiro o Brasil passou a ser protagonista de negociações, utilizando as políticas financeiras de Estado como objeto de barganha, o que aliado ao financiamento estatal, marcadamente através da figura do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), e uma política externa "independente", propiciaram, segundo Maciel, "*uma nova etapa do capitalismo brasileiro*", que seria caracterizada "*pelo aprofundamento do padrão de acumulação dependente-associado* [...] *sob comando do grande capital externo, encarnado na forma das empresas transnacionais e do capital financeiro*" [245]. Já as transnacionais brasileiras, em especial atuantes na América Latina e na África, excluem o médio e pequeno capital, mas articulam-se mais claramente ao Estado – que subsidia e prepara o campo político, econômico e jurídico para sua atuação – ao mesmo tempo em que operam capital bancário, financeiro e o grande capital industrial monopolista nacional. "*O Brasil está em*

---

[243]"*Lula's electoral billet-doux to the business community, and the key broker for the PT's backdoor transactions with banks and construction firms during the campaign*". ANDERSON, P. "Lula´s Brazil". *London Review of Books*. Vol. 33, nº. 7, 31.03.2011. Disponível em http://www.lrb.co.uk/v33/n07/perry-anderson/lulas-brazil, acessado em 10.09.11. Tradução nossa. *Billet doux*: carta de amor em francês.
[244]DIAS, E. F. "Democrático e popular?". *Outubro*. nº. 8. São Paulo: Instituto de Estudos Socialistas, 2003. p. 18-19.
[245]MACIEL, D. "'Melhor impossível': a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula". *Universidade e Sociedade*. nº. 46. Brasília: ANDES-SN, 2010. p. 120-122.

terceiro lugar no ranking das 100 empresas de países 'emergentes' com o potencial para desafiar empresas transnacionais estadunidenses e européias […] *São 14 as empresas com origem no Brasil, somente atrás de empresas da China e da Índia*”[246].

Este desenvolvimento está profundamente enraizado no Estado, seus dois grandes pilares são a política de crédito e política externa brasileira. Sobre a política de crédito é crucial a mudança de estatuto do BNDES em 2003, visando “*apoiar empresas com capital brasileiro na implantação de investimentos e projetos no exterior, mas com ênfase comercial, especialmente ligados aos projetos de integração regional*”. Será marcada pela falta de transparência aos critérios empregados para conceder tais empréstimos, sequer ocorrendo indicações sobre o repatriamento dos lucros obtidos no exterior, não existindo “*qualquer menção explícita a critérios ou fatores sociais, ambientais e trabalhistas para os financiamentos brasileiros no exterior*”. A falta de transparência deste processo, indica um procedimento, generalizado no segundo mandato de Lula, o da centralização destas decisões na figura do presidente e seu gabinete, obrigando os grandes capitalistas brasileiros a negociarem diretamente em Brasília seu acesso ao “Bolsa Capital”. Dentre as empresas subsidiadas figuram: Sadia e Perdigão (a Brasil Foods, sua fusão), Bertine, JBS, Ambev, Aracruz e Votorantim, Petrobrás, Ipiranga, Braskem, CSN, Gerdau, Usiminas, Vale, Embraer e Odebrecht. E sua política externa baseou-se na contradição, já que “*ao mesmo tempo que busca enfatizar sua autonomia e independência, deixa intactas as verdadeiras causas das assimetrias internacionais*”. Não interessado em alterar, ou até denunciar, as desigualdades inerentes ao capital-imperialismo, o governo Lula lutou para “*ser parte do jogo internacional como um jogador reconhecido, para poder se tornar mais um dos que 'ditam as regras', perpetuando e aprofundando os mecanismos de poder*”[247]. Como assinala Anderson:

> Nunca antes o capital foi tão próspero quanto no governo Lula. Basta apontar para o mercado de ações. Entre 2002 e 2010, a Bovespa superou todas as outras bolsas do mundo, subindo rapidamente 523 por cento, e agora representando o terceiro maior complexo de valores mobiliários de futuros de commodities na Terra. Enormes ganhos especulativos obtidos por uma burguesia moderna acostumada a apostar nos preços das ações. Para os setores mais numerosos e avessos a riscos da classe média, as taxas altíssimas de juros geraram rendimentos mais do que satisfatórios sobre os depósitos bancários simples. Transferências sociais duplicaram desde a década de 1980, mas os pagamentos da dívida pública triplicaram. Gastos com o *Bolsa Família* totalizaram meros 0,5 por cento do PIB. Os rendimentos obtidos da dívida pública tiveram um aumento massivo para 6-7 por cento. Receitas fiscais no Brasil são maiores que da maioria dos outros países em desenvolvimento, em 34 por cento do PIB, principalmente por causa dos compromissos sociais inscritos na Constituição de 1988, o ponto alto da democratização do país, quando o PT era ainda uma força crescente e radical. Mas os impostos continuaram assustadoramente regressivos.

---

[246]GARCIA, A. S. “Empresas transnacionais brasileiras: dupla frente de luta”. *In*. INSTITUTO ROSA LUXEMBURG STIFTUNG (org.). *Empresas transnacionais brasileiras na América Latina*: um debate necessário. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 11.
[247]Idem. p. 14-15.

> Aqueles que vivem com menos de dois salários mínimos perdem metade de sua renda para o Tesouro, aqueles que vivem com 30 vezes o salário mínimo perdem cerca de um quarto[248].

Em relação às classes subalternas, este período foi marcado pela ampliação das políticas de transferência direta de renda (através de programas federais), pela ampliação do crédito, e pelo encapsulamento das lutas da classe trabalhadora, através do movimento de cooptação das lideranças sindicais e pelo transformismo ocorrido dentro do Partido dos Trabalhadores. Os programas de combate à miséria estrutural do país foi o maior compromisso afirmado por Lula na sua campanha de 2002, que logo em seu primeiro ano deu origem ao fracassado Fome Zero. "*A acomodação dos ricos e poderosos seria necessário, mas a miséria teria de ser tratada com mais seriedade do que fora no passado*"[249]. Após esta experiência, no seu segundo ano de mandato, tendo como base os programas já existentes, é criado o Bolsa Família. Trata-se da transferência direta de renda para mães de baixíssima renda, que exige a matricula dos filhos da família na escola, bem como acompanhamento obrigatório do calendário de saúde (vacinas, etc.). Os valores são muito baixos, doze dólares por criança, em média trinta e cinco dólares mensais. Mas eles são feitos diretamente pelo governo federal, através de um cadastro único, e que atinge mais de doze milhões de domicílios, quase um quarto da população. Este programa, malgrado seu baixo custo efetivo teve enorme repercussão social, tornando-se o trunfo político mais eficiente de Lula. Ele alterou profundamente o quadro eleitoral, quebrando as correntes de poder local sobre os "currais eleitorais", como conhecidos popularmente, para vinculá-los diretamente ao governo federal – efeito ampliado pelos investimentos federais nos Estados, através do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Da mesma forma, aproximando a figura do presidente com a população mais pobre, que anteriormente só conhecia a faceta repressiva do Estado, retirou parte do poder das famílias que controlam a grande imprensa brasileira:

> Para a mídia, a popularidade de Lula significou uma perda de poder. A partir de 1985 e com o fim do regime militar, foram os donos da imprensa e da televisão que, na prática, selecionaram os candidatos determinaram o resultado das eleições. O caso mais notório foi o apoio de Collor pelo império Globo, mas a coroação de Cardoso

---

[248]"*Never has capital so prospered as under Lula. It is enough to point to the stock market. Between 2002 and 2010, Bovespa outperformed every other bourse in the world, rocketing by 523 per cent; it now represents the third largest securities-futures-commodities complex on earth. Huge speculative gains accrued to a modern bourgeoisie accustomed to gambling on share prices. For more numerous and risk-averse sectors of the middle class, sky-high interest rates yielded more than satisfactory returns on simple bank deposits. Social transfers have doubled since the 1980s, but payments on the public debt trebled. Outlays on the Bolsa Família totalled a mere 0.5 per cent of GDP. Rentier incomes from the public debt took a massive 6-7 per cent. Fiscal receipts in Brazil are higher than in most other developing countries, at 34 per cent of GDP, largely because of social commitments inscribed in the constitution of 1988 at the high point of the country's democratisation, when the PT was still a rising radical force. But taxes have remained staggeringly regressive. Those living on less than twice the minimum wage lose half their income to the Treasury, those on 30 times the minimum wage a quarter of theirs*". ANDERSON, P. "Lula´s Brazil". *London Review of Books*. op. cit. Tradução nossa.

[249]"*Accommodation of the rich and powerful would be necessary, but misery had to be tackled more seriously than in the past*". ANDERSON, P. "Lula´s Brazil". *London Review of Books*. op. cit. Tradução nossa.

> pela imprensa, mesmo antes de apresentar suas intenções a candidatura, foi não menos impressionante. O relacionamento direto de Lula com as massas quebrou este circuito, cortando o papel da mídia na formação da cena política. Pela primeira vez, um governante não dependia de seus proprietários, e foi odiado por isto[250].

Do mesmo modo, os aumentos do salário mínimo tiveram importância, especialmente porque começaram ao mesmo tempo em que o governo petista enfrentava a exposição ampla da mídia sobre diversas práticas de corrupção. Até 2010, o aumento acumulado do mínimo foi de 50% (mesmo assim, o salário mínimo hoje é menor que o de 1986, em plena crise financeira[251]). Estes aumentos beneficiaram não só a população produtivamente ativa, mas como as pensões são indexadas ao salário mínimo, dezoito milhões de beneficiários da Previdência Social. Somando-se a estes aumentos, é necessário sublinhar o crescimento generalizado do crédito consignado. Estes empréstimos com desconto em folha, antes negados para a maioria da população, passaram a ser oferecidos para compra dos mais diversos bens, de eletrodomésticos até a casa própria, assim como a ampliação gigantesca do mercado de crédito. "*Combinados, transferências condicionais de dinheiro, salários mínimos mais altos e o novo acesso ao crédito desencadeou um aumento sustentado do consumo popular, e uma expansão do mercado interno que, finalmente, depois de uma longa estiagem, criou mais empregos*"[252].

Graças ao crescimento econômico, efeito da conjuntura internacional durante o primeiro mandato de Lula, e o aumento da exportação da soja e de minério, especialmente pela demanda chinesa, e com as taxas de juros financeiras nos EUA mantidas artificialmente até o estouro da bolha imobiliária em 2008, o Produto Interno Bruto brasileiro cresceu cerca de quatro por cento entre os anos de 2004 e 2006. Recuperação que passou a gerar para o Estado receitas maiores, garantidas prioritariamente para o pagamento dos juros da dívida interna, superior a dois trilhões de reais, e externa, superior a trezentos e cinco bilhões de dólares (a dívida externa chegou a ser dada como paga pela publicidade oficial, quando na verdade significava que o acúmulo das reservas cambiais brasileiras se igualara a dívida).

Tais posicionamentos apontam como resultado principal a maior redução da pobreza na história brasileira, sendo que o número de pobres teria caído de cerca de cinquenta para trinta milhões em seis anos, e o número de indigentes diminuiu pela metade. Isto não significa que o

---

[250]"*For the media, Lula's popularity meant a loss of power. From 1985 and the end of military rule, it was the owners of the press and television who in practice selected candidates and determined the outcome of elections. The most notorious case was the backing of Collor by the Globo empire, but the coronation of Cardoso by the press, before he had even thrown his hat into the ring, was scarcely less impressive. Lula's direct rapport with the masses broke this circuit, cutting out the media's role in shaping the political scene. For the first time, a ruler did not depend on their proprietors, and they hated him for this*". ANDERSON, P. "Lula´s Brazil". *London Review of Books*. op. cit. Tradução nossa.

[251]DIEESE. *Médias anuais do salário mínimo*. Disponível em http://www.dieese.org.br/esp/salmin/tabela.zip, acessado em 10.09.11.

[252]"*Together, conditional cash transfers, higher minimum wages and novel access to credit set off a sustained rise in popular consumption, and an expansion of the domestic market that finally, after a long drought, created more jobs*". ANDERSON, P. "Lula´s Brazil". *London Review of Books*. op. cit. Tradução nossa.

problema social tenha sido solucionado, ou mesmo que a desigualdade tenha diminuído. O país ainda possuí cerca de nove milhões e meio de famintos, vinte por cento da população com mais de quinze anos é analfabeta, há um déficit de oito milhões de moradias, além de mais de onze milhões de moradias em domicílios inadequados, e uma taxa de desemprego na média de quatorze por cento nas Regiões Metropolitanas, segundos dados de 2009, taxa que aplicada ao número total da população economicamente ativa no país nos dá o número de cerca de quatorze milhões e cem mil desempregados.

Então, concordando com Maciel, não podemos ser ingênuos diante dos números, estas mudanças tiveram um impacto modesto na estrutura social brasileira, se analisadas tendo em vista a concentração de renda e a superexploração do trabalho. Primeiro, se o acumulado do PIB entre 2004 e 2008 foi de cerca de vinte e seis por cento, o crescimento do emprego foi de apenas treze e meio por cento, sendo a maioria destes na geração de empregos de menor qualificação e de menor renda. Segundo, embora uma pesquisa do IPEA, que dividiu a população total do país em três faixas de renda entre os anos de 1995 e 2008, a faixa mais pobre teria diminuído de trinta e quatro para vinte e seis por cento da população, a faixa média teria aumentado de cerca de vinte e dois para trinta e sete por cento e a faixa superior de renda teria diminuído de cerca de quarenta e quatro para trinta e sete por cento, o mesmo IPEA apontou em 2008 a pobreza extrema atingia cerca de vinte e nove por cento da população total[253]. E esta "nova classe média", anunciada no exterior como a maior das vitórias do capitalismo na América Latina, precisa ser compreendida socialmente, pois apesar de seu aumento nos rendimentos, ela corresponde à classe trabalhadora, em condições de expropriação e exploração cada vez mais agudas:

> […] desde a virada de 2005 em diante, os rendimentos dos salários do decil mais pobre da população teria crescido quase o dobro em comparação com os salários do decil mais rico. Melhor de tudo, cerca de 25 milhões de pessoas moveram-se para as fileiras da classe média, daqui para diante a maioria da nação. Para muitos comentaristas, nacionais e estrangeiros, este é o desenvolvimento mais esperançoso da presidência de Lula. Esta é a *pièce de résistance* ideológica nas contas brilhantes de ladrões de loja como o editor responsável pela América Latina para o *Economist*, Michael Reid, ansioso para tremular esta nova classe média no Brasil como o farol de uma estável democracia capitalista na "batalha pelas almas" de um "continente esquecido"contra perigosos agitadores e extremistas. Grande parte deste aclamação repousa sobre um artifício de categorização, sendo que alguém com um rendimento tão baixo quanto 7000 dólares por ano (o pauperismo está outros lugares) é classificado como "classe média", enquanto que de acordo com o mesmo esquema utilizado pela classe mais alta - a super elite de sociedade brasileira, compreendendo apenas 2 por cento da população - começa em quase o dobro da renda média per capita da população do mundo. Márcio Pochmann, chefe do principal instituto do país em pesquisa econômica aplicada, tem incisivamente observado que uma descrição mais acurada do que a tão falada nova classe média, seria simplesmente a

[253]MACIEL, D. "'Melhor impossível': a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula". *Universidade e Sociedade*. op. cit. p. 126.

de “trabalhadores pobres”[254].

A desigualdade continua nos mesmos patamares. Mesmo as pesquisas mais otimistas apontam somente a diminuição de cerca de meio por cento[255]. Indica-se uma estimativa em que “*entre 10.000 e 15.000 famílias recebam a sua parte no leão dos 120 bilhões de dólares de pagamentos anuais da dívida pública (o custo do Bolsa Família é de 6,9 bilhões de dólares)*”, sendo que na última década existiu um aumento sem precedentes no números de milionários brasileiros. “*A explosão do mercado de ações por si só deveria ser advertência suficiente contra qualquer ingenuidade acerca deste assunto*”[256].

Mas o alcance hegemônico do projeto ultraliberal nos anos de Lula não se deu pela mera manutenção das políticas estatais anteriores, trata-se de uma mudança qualitativa, que teve como principais fatores os movimentos transformistas operados sobre as entidades representativas da classe trabalhadora. Notadamente a CUT, que passa da independência e reivindicação para a institucionalização dentro de espaços no Estado capitalista e assume plenamente o papel de mediador entre o capital e trabalho – justificados pela manutenção da “governabilidade” nos primeiros anos da gestão federal petista, e depois pela sua contribuição num “novo” projeto para o Estado brasileiro.

A partir de 2003, a CUT abdica plenamente sua postura crítica, deixando de organizar a classe trabalhadora para enfatizar seu papel na gestão de Lula, apoiando a reforma sindical governista, que “*sem abolir o sindicalismo de Estado, conferirá um enorme poder decisório em econômico às centrais sindicais em relação às entidades sindicais e estruturas confederativas*”, o que para Maciel significará “*a adesão definitiva do núcleo duro do novo sindicalismo ao estatismo da estrutura sindical brasileira*”[257]. Este movimento desdobrará cisões, seja pela saída de setores da esquerda, que irão vir a formar novas centrais combativas, como a Intersindical e a Conlutas (mais tarde CSP-Conlutas), ou de partidos e grupos ditos de esquerda que irão aproveitar as vantagens

---

[254]“[…] *from the turning point of 2005 onwards, the incomes of the poorest decile of the population purport to have grown at nearly double the rate of those in the top decile. Best of all, some 25 million people have moved into the ranks of the middle class, henceforward a majority of the nation. For many commentators, domestic and foreign, this is the most hopeful single development of Lula's presidency. It is the ideological* pièce de résistance *in the glowing accounts of boosters like the Latin American editor of the* Economist, *Michael Reid, eager to hold up the new middle class in Brazil as the beacon of a stable capitalist democracy in the 'battle for the soul' of a 'forgotten continent' against dangerous rabble-rousers and extremists. Much of this acclaim rests on an artifice of categorisation, in which someone with an income as low as $7000 a year (pauperism elsewhere) is classified as 'middle class', while according to the same schema the uppermost class – the super-elite of Brazilian society, comprising just 2 per cent of the population – starts at scarcely twice the average per capita income of the world's population. Marcio Pochmann, the head of the country's leading institute of applied economic research, has trenchantly remarked that a more accurate description of the much touted new middle strata would be simply 'the working poor'*”. ANDERSON, P. “Lula´s Brazil”. *London Review of Books*. op. cit. Tradução nossa.

[255]MACIEL, D. “'Melhor impossível': a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula”. *Universidade e Sociedade*. op. cit. p. 126.

[256]“*The explosion of the stock market alone should be warning enough against any naivety on this score*”. ANDERSON, P. “Lula´s Brazil”. *London Review of Books*. op. cit. Tradução nossa.

[257]MACIEL, D. “'Melhor impossível': a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula”. *Universidade e Sociedade*. op. cit. p. 130-131.

econômicas e políticas propiciadas pela reforma sindical, especialmente em "*dotar à direção das centrais sindicais de um controle maior sobre as suas bases e de modo a provê-las com fundos financeiros vultuosos*"[258], tal como o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) que irá fundar a Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), disseminando pelo movimento sindical o apoio organizado ao governo petista e a hegemonia ultraliberal (defendendo sua forma "moderada")[259]. Sobre a CUT no governo Lula, Maciel nos diz que:

> Suas críticas a aspectos da ação governamental como a política de juros altos, o câmbio valorizado ou as metas de superávit primário, não chegam a se transformar em mobilização e oposição ao governo, prevalecendo a orientação corporativista que vem dos anos 90. De fato, a CUT ampliou sua inserção institucional no governo Lula, participando de instâncias tripartites como o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, o Fórum Nacional do Trabalho, além de indicar dirigentes para o governo, entre outros, como Luis Marinho, ex-presidente da central que assumiu o Ministério do Trabalho e Emprego e posteriormente o Ministério da Previdência. Com isto a CUT continuou sendo a maior central sindical do país, reforçando-se como aparelho sindical com a reforma sindical parcial de 2008, que reconheceu as centrais sindicais como instâncias superiores da estrutura sindical estatal e possibilitou-lhes o acesso à uma parte expressiva da contribuição sindical, garantindo assim sua sustentação financeira. Além disso, a reforma sindical do governo Lula contribuiu poderosamente para o crescimento numérico das centrais sindicais, pois se em 2001 apenas 38% dos sindicatos eram filiados a alguma central, em 2011 esta porcentagem subiu para 68,35%. Assim, de central sindical criada para combater a estrutura sindical estatal, a CUT transformou-se em parte de suas instâncias máximas, completando o ciclo transformista iniciado com a reforma sindical do regime militar ainda no final dos anos 70[260].

Este "estilhaçamento" em diversas centrais é característico da crise ainda vivenciada pela esquerda brasileira, que no âmbito sindical concorre pela desmobilização extensiva da classe trabalhadora dirigida pelas centrais e partidos aliados do governo federal. Esta fica evidente nos dados sobre a taxa de sindicalização, se nos anos 1980 a taxa de sindicalizados correspondia a mais de 30% da força formal de trabalho no Brasil, nos dias de hoje ela gira em torno de 17%[261], desconsiderando aqui o aumento massivo da força informal de trabalho entre as duas décadas. "*O governo Lula enredou a esquerda socialista e os movimentos sociais combativos numa armadilha, que, aqui, estamos chamando de armadilha lulista, desdobrada em duas frentes*". A primeira destas é a chamada "*tese do mal menor, ou seja, ruim com Lula, pior com o PSDB/PFL-DEM, o que significa considerar o neoliberalismo moderado de Lula preferível ao neoliberalismo extremado, de* [Geraldo] *Alckmin, em 2006, e agora, de* [José] *Serra*". Já a segunda frente da armadilha

---

[258]BOITO JR., A.; GALVÃO, A.; MARCELINO, P. *Brasil*: o movimento sindical e popular na década de 2000. Disponível em http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal26/05boito.pdf, acessado em 10.11.11.
[259]MACIEL, D. "'Melhor impossível': a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula". *Universidade e Sociedade*. op. cit. p. 131.
[260]MACIEL, D. "Hegemonia neoliberal e trabalhadores no governo Lula". *Anais Marx e o marxismo 2011*: teoria e prática. op. cit.
[261]ANDERSON, P. "Lula´s Brazil". *London Review of Books*. op. cit.

caracteriza-se pelo "*receio de denunciar o caráter anti-popular do governo Lula e fechar a possibilidade de interlocução com as massas lulistas e com parte do próprio movimento social*"[262]. Embora já existam dados que mostram que os movimentos de greve e de contestação popular passaram a se organizar de modo cada vez maior a partir de 2004, estas ações são em sua grande maioria defensivas e com reivindicações salariais[263]. A partir de 2010 surgiram de modo mais explícito greves e ocupações de fundo político, também graças a certa consolidação das centrais de esquerda (onde o próprio aparelho sindical cutista e associados, como a Força Sindical, sua antiga "concorrente", e a CTB fizeram o papel de delegados do capital contra os trabalhadores) e no âmbito estudantil da Assembléia Nacional dos Estudantes – Livre (ANEL), mas ainda não se observa uma resolução breve para esta crise. "*O governo Lula se diferencia dos governos neoliberais anteriores, pois levou à incapacidade dos trabalhadores de viabilizar um projeto histórico alternativo a níveis ainda não vistos depois da Ditadura Militar*", sendo que "*a tarefa de construir uma alternativa política e social é longa e árdua*"[264].

Assim, nos anos Lula, abriu-se um "nicho de mercado", representado pelo interesse na existência e demanda de público para os "serviços" oferecidos pelo MSM. Para este empreendimento alçar estabilidade ainda faltava garantir sua produção e circulação. Em um *site*, tal qual uma revista ou jornal, só há consumo pelo leitor se existe quantidade relevante de material produzido, divulgado em espaços de tempo contínuos. Para se mensurar como isto se dá na internet, podemos utilizar como exemplo as ferramentas de *feed* RSS, abreviatura de *Rich Site Summary* (RSS 0.91), *RDF Site Summary* (RSS 0.9 e 1.0) ou *Really Simple Syndication* (RSS 2.0), padronizado na linguagem XML. Estas ferramentas fornecem listas de atualizações de *sites* assinalados pelo usuário em tempo real. Ou seja, sem uma quantidade assegurada de material a ser disponibilizado regularmente, não há como se manter um índice de visitantes, ou melhor, possíveis leitores e militantes.

Olavo de Carvalho se cercará de diversos associados neste empreendimento, embora cada um destes com pesos simbólicos e culturais distintos. Este peso pode ser mensurado pelo currículo anterior de cada um, como nos casos de Ipojuca Pontes e Denis Rosenfield; ou pela relevância que ganhará com discussões específicas, caso de Graça Salgado acerca da América Latina e o Foro de São Paulo, ou Júlio Severo como ativista "pró-família"; ou ainda como "vulgarizadores", que providenciam leituras cotidianas, baseados em proposições anteriores, como Tibiriçá Ramaglio,

[262]MACIEL, D. "'Melhor impossível': a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula". *Universidade e Sociedade*. op. cit. p. 131.
[263]Estes dados encontram-se em BOITO JR., A.; GALVÃO, A.; MARCELINO, P. *Brasil*: o movimento sindical e popular na década de 2000. op. cit.
[264]MACIEL, D. "Hegemonia neoliberal e trabalhadores no governo Lula". *Anais Marx e o marxismo 2011*: teoria e prática. op. cit.

Klauber Cristofen Pires ou Carlos Azambuja[265]. Obviamente, estas qualificações não são rígidas, mas que em uma leitura posterior do material produzido e somando-se ao peso político específico de cada um, nos ajudam compreender o funcionamento do MSM. Como já indicado, esta rede de autores constituiu-se em torno de Carvalho, que havia utilizado seu próprio *site* como tubo de ensaio para o que veio a ser o MSM, publicando artigos de diversos destes autores, além de utilizar seus cursos de filosofia como momento de cooptação e normatização ideológica. A rede extrapartidária do MSM ainda era incipiente em 2002, como se vê na tabela abaixo:

TABELA 10: Publicações de "alunos e amigos" em 23.09.02:

Publicação	***Site* (alguns já fora do ar)**	**Comentário de Olavo de Carvalho**
O Indivíduo	http://www.oindividuo.com	"*Diz um dos editores, Pedro Sette Câmara: 'Homepage do polêmico jornal lançado por universitários da PUC - Rio, em grande parte inspirado nas idéias de Olavo de Carvalho* […] *O jornal se opõe ao discurso universitário emburrecedor'*"
Ronaldo Castro	http://www.icones.com.br/astra/filo/filo.html	"*Homepage de um dos mais talentosos discípulos de Olavo de Carvalho. Página de filosofia, simbolismo e ciências tradicionais. Traz, além de vários textos de Olavo de Carvalho, a conferência do poeta e filósofo Ângelo Monteiro, Apresentação de Olavo de Carvalho na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, e a tese de Ronaldo Castro, A simbólica na busca da unidade do saber*"
Chez Moi (Equador)	http://www.geocities.com.Paris/LeftBank/2574/	"*Simpática e inteligente homepage de uma ex-aluna. Traz vários textos de Olavo de Carvalho*"
Mendo Castro Henriques	http://www.terravista.pt/PortoSanto/1139/	"*Mendo Castro Henriques, professor da Universidade Católica Portuguesa, mantém esta homepage, onde você encontrará um excelente estudo sobre a 'Política' de Aristóteles, além de ensaios sobre Fernando Pessoa, Eric Voegelin, Pascal e outros autores*"
O melhor abandonado	http://www.geocities.com/Paris/Villa/5364/	"*José Carlos Zamboni, um professor de literatura que – pasmem – sabe escrever, mostra que ainda há vida inteligente no Brasil*"
José Osvaldo de Meira Penna	http://www.meirapenna.org/	"*Artigos e conferência do maior dos nossos escritores liberais*"

FONTE: CARVALHO, O. de. *Publicações de alunos e amigos*. Disponível em http://web.archive.org/web/20021209160006/http://olavodecarvalho.org/links.htm#2, acessado em 09.10.10.

O aumento destas publicações está ligado diretamente com o aumento do alcance da rede no Brasil, o que passou a gerar maior interesse sobre este tipo de atuação política (não só por grupos que já se organizavam em torno da internet como o MSM) e com o desenvolvimento de formas simplificadas para a produção de conteúdos por usuários comuns, como o Blogger ou o Youtube. Mesmo assim, em comparação com outros grupos, esta rede já indicava a preocupação do MSM em ampliar a ocupação destes espaços virtuais. Esta organização pode ser observada na tabela seguinte:

[265]Informações relativas a cada um destes colunistas do MSM encontram-se nas tabelas seguintes.

TABELA 11: Colunistas do MSM em 02.04.03:

Nome	Nacionalidade	Profissão	Artigos	*Site*
Alceu Garcia (pseudônimo)	Brasileira	Não consta	5	http://www.oindividuo.com/; http://offmidia.blogspot.com
Antonio Roberto Batista	Brasileira	Médico, com mestrado em sociologia pela USP	1	Não consta
Argemiro Luis Brum	Brasileira	Professor do DECon/UNIJUI, Doutor pela EHESS de Paris-França, coordenador, analista e pesquisador da Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário (CEEMA).	1	Não consta
Bráulio Porto Matos	Brasileira	Professor da faculdade de Educação da UNB	1	Não consta
Bruno Moretzshon	Brasileira	Não consta	3	http://offmidia.blogspot.com
Carlos Alberto Reis Lima	Brasileira	Médico neurologista, também formado em História e Ciência Política na UFRGS em nível de Mestrado.	18	Não consta
Denis Lerrer Rosenfield	Brasileira	Professor de Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com doutorado de Estado em Filosofia pela Universidade de Paris, é autor, entre outras obras, de *Hegel* e editor da revista *Filosofia Política*.	2	Não consta
Diogo Chiuso	Brasileira	Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda	4	http://www.oexpressionista.com.br
Evandro Ferreira	Brasileira	É jornalista e designer gráfico. Cursou arquitetura por dois anos em Brasília, e se formou em publicidade em Belo Horizonte	7	http://www.outonos.com
Félix Maier	Brasileira	É militar da reserva e escritor	9	http://www.usinadeletras.com.br; http://www.ternuma.com.br; http://www.navedapalavra.com.br; http://www.angelfire.com/sc3/ricardobergamini/
Fernando Carneiro	Brasileira	Não consta	1	Não consta
Graça Salgueiro	Brasileira	Psicóloga clínica	8	Não consta
Guilherme de Almeida	Brasileira	Engenheiro civil e advogado.	1	Não consta
Heitor de Paola	Brasileira	Médico, psicanalista, escritor e comentarista político	10	Não consta

Nome	Nacionalidade	Profissão	Artigos	*Site*
Henri Yves Pinal Carrières	Brasileira	Cursa História na Universidade Federal Fluminense (hoje é diplomata)	6	
Henrique Dmyterko	Brasileira	Engenheiro mecânico, tradutor e professor	2	
Huascar Terra do Valle	Brasileira	Advogado, escritor e poeta	16	http://www.grupoinconfidencia.com.br
Ipojuca Pontes	Brasileira	Cineasta, diretor, jornalista, escritor e ex Ministro da Cultura do governo Collor	2	Não consta
José Osvaldo de Meira Penna	Brasileira	Advogado pela Universidade do Brasil, ingressou na carreira diplomática em 1938. Cursou também a Universidade de Columbia (Nova Iorque), o Instituto Carl Gustav Jung de Psicologia (Zurique), e a Escola Superior de Guerra no Rio de Janeiro. Foi secretário-geral adjunto do Ministério das Relações Exteriores para a Europa Oriental e a Ásia, e embaixador em Israel, Nigéria, Noruega, Equador e Polônia Criou em 1986, a Sociedade Tocqueville. Presidiu o Instituto Liberal de Brasília e é membro da Sociedade Mont Pélérin	3	http://www.meirapenna.org; http://www.essencial.com.br/il/
Jan Lamprecht	Zimbábue	Escritor	0	http://www.africancrisis.org
Janer Cristaldo	Brasileira	Bacharel em direito, graduado em filosofia, é escritor e trabalha como tradutor, e articulista de jornais *online* e *sites* do Brasil.	4	Não consta
João Accioly	Brasileira	Advogado	1	Não consta
José Nivaldo Cordeiro	Brasileira	Economista e mestre em Administração de Empresas na FGV-SP	16	Não consta

Nome	Nacionalidade	Profissão	Artigos	*Site*
Márcio Chalegre Coimbra	Brasileira	Advogado. Professor dos Departamentos de Direito e Relações Internacionais da Universidade Católica de Brasília e UniCEUB - Centro Universitário de Brasília. PIL pela Harvard Law School. MBA em Direito Econômico pela Fundação Getúlio Vargas. Especialista em Direito Internacional pela UFRGS. Mestrando em Relações Internacionais pela UnB. Vice-Presidente do Conil - Conselho Nacional dos Institutos Liberais pelo Distrito Federal. Sócio do IEE - Instituto de Estudos Empresariais	1	http://www.direito.com.br
Maria Inês de Carvalho	Brasileira	Não consta, filha de Olavo de Carvalho	2	Não consta
Maria Lucia Victor Barbosa	Brasileira	Graduou-se em Sociologia e Política e Administração Pública pela UFMG. Socióloga, professora universitária e escritora	8	Não consta
Martim Vasques da Cunha d'Eça	Brasileira	Escritor e jornalista	2	http://www.oindividuo.com/
Milla Kette	Brasileira	Escritora e empresária residente em Ohio/EUA	20	http://www.politicars.com.br/milla.htm; http://www.pd-literatura.com.br; http://www.dominiofeminino.com.br; http://www.oexpressionista.com.br; http://www.offmidia.com/
Olavo de Carvalho	Brasileira	Filósofo, escritor e jornalista	15	www.olavodecarvalho.org, www.seminariodefilosofia.org
Patrícia C. de Andrade	Brasileira	Não consta	3	Não consta
Paulo Diniz Zamboni	Brasileira	Professor de História e Geografia	22	Não consta
Paulo Leite	Brasileira	Jornalista residente em Washington/EUA	26	http://www.offmidia.com/
Pedro Paulo Rocha	Brasileira	Não consta, autor de *A psicanálise no divã*	1	Não consta
Percival Puggina	Brasileira	Arquiteto, empresário e escritor	7	Não consta
Ricardo Alfaya Saravia	Brasileira	Não consta (presidente do Conselho de Meio Ambiente de Candiota/2008)	1	Não consta
Roxane Andrade de Sousa	Brasileira	Não consta, esposa de Olavo de Carvalho	1	Não consta

Nome	Nacionalidade	Profissão	Artigos	*Site*
Sandro Guidalli	Brasileira	Jornalista	64	http://guidalli.blogspot.com
Tadeu Viapiana	Brasileira	Economista, diretor de comunicação e marketing	3	Não consta

FONTE: MÍDIA SEM MÁSCARA. *Colunistas*. Disponível em http://replay.waybackmachine.org/20030402124624/http://midiasemmascara.org/autor.asp?cod=69, acessado em 13.04.1.

Não podemos admitir o caráter de empreendimento individual que Carvalho tenta afirmar ao observarmos a pluralidade e quantidade de articulistas que publicaram naquele primeiro ano no MSM. Do mesmo modo observa-se que a quantidade de material produzido não remete diretamente a importância do colunista, atentando para o caráter normatizador, ou editorial, dos textos produzidos por Olavo de Carvalho, Heitor de Paola, José Osvaldo de Meira Penna ou Percival Puggina, que não constituem a maior parte do material produzido. Neste momento foi marcante a participação dos colunistas menores em difundir o MSM através do confronto ideológico em espaços virtuais, especialmente através do *site* Mídia Independente[266]. Neste *site* qualquer cadastrado pode enviar textos, opiniões e comentários de caráter jornalístico, e foi amplamente explorado por colunistas menores, "vulgarizadores", como Paulo Leite, Sandro Guidalli e Milla Kette. Estes foram responsáveis por uma série de discussões naquele *site*, fazendo uma divulgação importante para o MSM em seu início.

Os *links* listados na primeira edição do MSM dão conta de dois colunistas (Diego Casagrande e Martim Vasques da Cunha), dois jornais nacionais, *O Estado de São Paulo* e o *Zero Hora*, além de órgãos de imprensa e jornalistas estrangeiros. A mera comparação com a lista de *sites* mantidos diretamente pelos atuais colunistas do MSM (que no mês de dezembro de 2010 encontrava-se em sua "edição" de número 214) cujo domínio hoje é propriedade de Edson Camargo Alves, morador de Curitiba, Paraná, descrito como editor-executivo do *site*[267] (e que tem disponível mais de 300 megas de conteúdo), nos permite vislumbrar o seu crescimento quantitativo e qualitativo:

[266]O Centro de Mídia Independente (CMI Brasil) apresenta-se como "*uma rede de produtores e produtoras independentes de mídia que busca oferecer ao público informação alternativa e crítica de qualidade que contribua para a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente. O CMI Brasil quer dar voz à quem não têm voz constituindo uma alternativa consistente à mídia empresarial que frequentemente distorce fatos e apresenta interpretações de acordo com os interesses das elites econômicas, sociais e culturais*". Sua estrutura permite que "*que qualquer pessoa disponibilize textos, vídeos, sons e imagens*", assim tornando-se um lugar privilegiado para a disseminação e confrontação dos textos do MSM. Sua ferramenta de busca indica 290 postagens que incluem o nome de Olavo de Carvalho e 264 relativos ao MSM. Mais informações disponíveis em CMI Brasil. *Leia com atenção*. Disponível em http://prod.midiaindependente.org/indymediabr/servlet/OpenMir, acessado em 14.11.11.
[267]Dados disponíveis em http://registro.br/, acessado em 10.09.10. O *site* cujo registro foi verificado é o www.midiasemmascara.com.br, o qual é redirecionado automaticamente para o domínio www.midiasemamascara.org.

TABELA 12: Atuais colunistas do MSM:

Nome	Nacionalidade	Profissão*	Artigos**	*Site*
Carlos Azambuja	Brasileira	Historiador	61 artigos desde 2004	Não consta
Marcus Boeira	Brasileira	Advogado, doutorando em Direito do Estado pela USP e professor universitário	19 artigos desde 2009	http://marcusboeira.blogspot.com
Leonardo Bruno	Brasileira	Advogado	25 artigos desde 2004	http://cavaleiroconde.blogspot.com
Olavo de Carvalho	Brasileira	Filósofo, escritor e jornalista	101 artigos desde 2004, além do programa de rádio semanal	www.olavodecarvalho.org, www.seminariodefilosofia.org, http://theinteramerican.org/
José Nivaldo Cordeiro	Brasileira	Empresário, economista, mestre em Administração de Empresas pela FGV	101 artigos desde 2009	Não consta
Fernando Lobo d´Eça	Brasileira	Advogado tributarista	2 artigos desde 2008	Não consta
Alejandro Peña Esclusa	Venezuelana	Ex-candidato à presidência na Venezuela e presidente das ONG´s Fuerza Solidária e da Uno América	44 artigos desde 2005	http://www.fuerzasolidaria.org, http://www.unoamerica.org
Cicero Harada	Brasileira	Advogado, ex-procurador do Estado de São Paulo e Conselheiro da OAB	2 artigos desde 2009	Não consta
John Haskins	Estadunidense	Escritor e jornalista	Seção internacional	www.undergroundjournal.net
Ubiratan Iorio	Brasileira	Economista e presidente do Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista (CIEEP)	29 artigos desde 2004	www.ubirataniorio.org
Alan Keyes	Estadunidense	Advogado, ex-diplomata norte-americano (administração Reagan) e ex-candidato à presidência do mesmo país	1 artigo desde 2009	www.alankeyes.com, www.aipnews.com, www.selfgovernement.us
Eduardo Mackenzie	Franco-colombiana	Jornalista, escritor e investigador ligado ao *Institut d´Histoire Sociale* (Nanterre, França)	36 artigos desde 2009	Não consta
Félix Maier	Brasileira	Escritor	45 artigos desde 2004	Não consta
Jeffrey Nyquist	Estadunidense	Sociólogo	30 artigos desde 2004	www.jrnyquist.com
Heitor de Paola	Brasileira	Médico, psicanalista, escritor e comentarista político	91 artigos de 2004	www.heitordepaola.com, www.escolasempartido.org
Daniel Pipes*	Estadunidense	Historiador, especialista em Oriente Médio e professor universitário	45 artigos desde 2004	http://www.danielpipes.org

Nome	Nacionalidade	Profissão	Artigos	*Site*
Klauber Cristofen Pires	Brasileira	Bacharel em Ciências Náuticas, analista da Receita Federal, condecorado como Colaborador Emérito do Exército Brasileiro	110 artigos de 2009	http://libertatum.blogspot.com
Ipojuca Pontes	Brasileira	Cineasta, diretor, jornalista, escritor e ex Ministro da Cultura do governo Collor	91 artigos desde 2004	Não consta
Percival Puggina	Brasileira	Arquiteto, empresário e escritor	105 artigos desde 2005	www.puggina.org
Cel. Luis Alberto Villamarin Pulido	Colombiana	Coronel na reserva do Exército Colombiano, escritor e membro das Academias de História de Huila, Militar da Colômbia e da Sociedade Bolivariana de História	56 artigos desde 2005	http://www.luisvillamarin.co.nr
Tibiriça Ramaglio	Brasileira	Blogueiro	32 artigos desde 2009	http://observatoriodepiratininga.blogspot.com
Carlos Reis	Brasileira	Médico neurologista, mestre em história e ciência política pela UFRGS	31 artigos desde 2004	Não consta
José Antônio Giusti Tavares	Brasileira	Doutor em Ciência Política e Professor de Ciência Política no Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi Pesquisador Associado no *Centre d'Études et de Recherches Internationales*, *Fondation Nationale des Sciences Politiques*, em Paris; *Guest Scholar* e *Visiting Fellow* do *Helen Kellogg Institute for International Studies*, *Notre Dame University*, em Indiana, US. Autor dos livros *A estrutura do autoritarismo brasileiro*, *Sistemas eleitorais nas democracias contemporâneas* e *Representação política e governo*. Organizador e coautor de *Totalitarismo tardio – o caso do PT*	02 artigos desde 2011	Não consta
Cel. Jorge Batista Ribeiro	Brasileira	Coronel do Exército e cientista social	Não consta	Não consta
"The Rightwatcher"	Presume-se que brasileira	Blogueiro especialista em ficção "nerd"	7 artigos desde 2009	Não consta
Graça Salgueiro	Brasileira	Psicóloga clínica e analista política	70 artigos desde 2004	http://notalatina.blogspot.com
Julio Severo	Brasileira	Ativista cristão e escritor	77 artigos desde 2004	www.juliosevero.com, http://escolaemcasa.blogspot.com

*Descrição fornecida pelo próprio MSM. **Número de artigos também fornecidos pelo MSM, e que não correspondem nem ao total de artigos de todos os autores nem todos os que já publicaram no portal. FONTE: MÍDIA SEM MÁSCARA. *Colunistas*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/colunistas.html, acessado em 10.05.11.

Esta tabela nos indica que o MSM foi bem sucedido em sua estratégia para a consolidação de seus quadros, mesmo com a diminuição numérica indicada pela segunda tabela, observou-se um salto qualitativo na organicidade destes. Caso da formação de "especialistas" em determinadas áreas sociais, caso já citado de Júlio Severo e Graça Salgueiro[268], além de Marcus Boeira e "The Rightwatcher". E aproximando-se de grupos reacionários internacionais, com textos de autores como Alejandro Peña Esclusa (atualmente preso na Venezuela por sua participação na tentativa de Golpe de Estado contra Hugo Chavez), Alan Keyes, Eduardo Mackenzie e o Cel. Luis Alberto Villamarin Pulido. De maneira geral, seus avanços não foram em encontro aos intelectuais acadêmicos brasileiros, sendo o único cooptado neste sentido José Antônio Giusti Tavares, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (que soma-se a Denis Rosenfield). No ambiente acadêmico servem de referência ideológica para grupúsculos fascistas, tal como a União Conservadora Cristã (UCC). A UCC na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde conta com um "núcleo" de duas pessoas, e na Universidade de São Paulo (USP), com quatorze pessoas – mesmo com uma quantidade mínima de militantes, na USP, na eleição para o Diretório Central dos Estudantes da USP em 2011 sua chapa ficou em quinto lugar entre as dez concorrentes[269]. O único grupo no movimento estudantil vinculado organizamente ao MSM é o da Juventude Conservadora da UNB, organizado por Felipe Melo e que coordenam a gestão 2011/2012 do Diretório Central dos Estudantes daquela Universidade. Antonio José de Pinho, bacharel em Letras e mestre em Linguística, já organiza um grupo semelhante na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ao qual são solidários[270]. Em seu "manifesto" declaram que sua existência se daria

> [...] em virtude do recrudescimento das ações e do comportamento dos ditos "libertários" – que se valem de suas bandeiras "emancipadoras" e autoafirmativas para justificar comportamentos reacionários e intolerantes –, faz-se extremamente necessário um contraponto, uma outra visão de tudo o que anda acontecendo. A Juventude Conservadora da UnB surge com essa proposta invocando o sagrado preceito democrático da liberdade de pensamento e expressão [...] e no senso de responsabilidade e justeza imprescindível ao exercício da Cidadania [...] Somos um grupo de estudantes que pensa de maneira semelhante e que, frente à crise instalada na UnB, recusa-se a ficar em silêncio[271].

---

[268]Graça Salgueiro fez "*parte de um grupo de alunos do Recife, que se reúnem mensalmente para assistir às fitas do Seminário de Filosofia e depois me enviam perguntas por e-mail ou telefone. — O. de C.*". CARVALHO, O. de. *Minha aluna e Marcos Bagno*. Carta e comentários. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/bagno.htm, acessado em 23.09.11.

[269]ALVES, N.; GALHARDO, R. **"**Extrema direita universitária se alia a skinheads. Jovens estudantes neo-conservadores fogem ao estereotipo de arruaceiros mas defendem ação violenta das gangues". *Ig.* 26.09.11. Disponível em http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/extrema-direita-universitaria-se-alia-a-skinheads/n1597226175495.html, acessado em 14.11.11.

[270]JUVENTUDE CONSERVADORA DA UNB. *Conservadores da UFSC, bem vindos!* Disponível em http://unbconservadora.blogspot.com.br/2012/05/conservadores-da-ufsc-bem-vindos.html, acessado em 21.04.12.

[271]JUVENTUDE CONSERVADORA DA UNB. *Manifesto da Juventude Conservadora da UnB.* Disponível em

Garantida a produção, faltaria ainda definir o nicho específico do público consumidor a ser atingido, seu público-alvo, a quem se dirigirá preferencialmente, baseando-se seja em pesquisas de opinião ou o supondo, como público que necessita ou deseja determinado produto. Não nos cabe aqui mensurar quantitativamente o público do MSM, mas explicitar que seus intelectuais trabalham conscientemente na apropriação de imagens, preconceitos e conhecimentos cotidianos produzidos e reconhecidos como seus por um estrato social em uma determinada formação social[272]. Sendo então que:

> Linguagem significa também cultura e filosofia (ainda que no nível do senso comum) e, portanto, o fato "linguagem" é, na realidade, uma multiplicidade de fatos mais ou menos organicamente coerentes e coordenados: no limite, pode-se dizer que todo ser falante tem uma linguagem pessoal e própria, isto é, um modo pessoal de pensar e sentir. A cultura, em seus vários níveis unifica uma maior ou menor quantidade de indivíduos em estratos numerosos, mais ou menos em contato expressivo, que se estendem entre si diversos graus, etc. […] Disto se deduz a importância que tem o "momento cultural" também na atividade prática (coletiva): todo ato histórico não pode deixar de ser realizado pelo "homem coletivo", isto é, pressupõe a conquista de uma unidade "cultural-social" pela qual uma multiplicidade de vontades desagregadas, com fins heterogêneos, solda-se conjuntamente na busca de um mesmo fim, com base numa idêntica e comum concepção de mundo[273].

O que buscamos assinalar, é que a efetividade do discurso ideológico irá depender do grupo social a que ele se dirige, dialogando com seu senso comum (reiterando, de nenhum modo o MSM ultrapassa estas barreiras produzindo conhecimento científico). E que a socialização de determinado conhecimento pela propaganda "*é uma condição necessária para sua validação e socialização, construindo, também, um ciclo constante e auto-regenerativo: conhecimento → publicidade → opinião pública → novo conhecimento*". Sendo que é a opinião publicizada deste grupo que irá prover a legitimidade e aceitação, "*condição de reingresso no fluxo de informação e conhecimento*"[274]. O público ao qual o MSM dirige-se, obviamente não é constituído pela classe trabalhadora, sendo que a centralidade da propriedade privada em seu discurso ilustra isto perfeitamente. E quando dirigem-se às frações da burguesia colocam-se como "possibilidade", defendendo alternativas que estas poderiam fazer suas, em formatos de "apelos" e "consultas de consciência", etc. – além disso, tanto a classe dominante quanto a classe trabalhadora possuem suas instâncias próprias de disputas e produção de consenso. O MSM visa especificamente o descontentamento típico da "classe média", inevitável, visto seu lugar intermediário na sociedade de classes: sua "eterna" crise.

---

http://unbconservadora.blogspot.com.br/2010/06/carta-manifesto-da-juventude.html, acessado em 03.03.12.

[272]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 209.

[273]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 398.

[274]BARRETO, A. de A. *Mudança estrutural no fluxo do conhecimento*: a comunicação eletrônica. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19651998000200003&script=sci_arttext&tlng=es, acessado em 13.10.10.

Aqui devemos desviar um pouco nossa narrativa, para explicitar a compreensão do marxismo sobre estes estratos médios. O marxismo entende que cada modo de produção comporta duas classes fundamentais: a classe que explora, dominante política e ideologicamente, e a classe que é explorada, dominada política e ideologicamente. Mas como verifica Nicos Poulantzas, "*uma sociedade concreta, uma formação social, comporta mais de duas classes, na medida que está composta de vários momentos e formas de produção*", sendo então "*que as duas classes fundamentais de toda formação social são as do modo de produção dominante*"[275]. Sendo então que os estratos médios, intermediários entre as classes fundamentais, existem dependentes dos movimentos e conflitos entre estas, no caso do modo de produção capitalista, entre a burguesia e o proletariado. Poulantzas irá demarcar estes estratos entre dois grupos distintos: a *pequena burguesia tradicional* e o que chama de *nova pequena burguesia*.

A primeira é vinculada à pequena produção, à pequena propriedade ou à oficina, o pequeno comércio, pois "*trata-se das formas de artesanato e de pequenas empresas familiares, nas quais o mesmo agente é de uma só vez proprietário dos meios de produção e de trabalho, e trabalhador direto*", que tem como especificidade não explorar o trabalho assalariado, "*ou então só o fazem muito ocasionalmente*". Sendo que "*o trabalho é feito essencialmente pelo proprietário real ou membros de sua família, que não têm retribuição em forma de salário. Esta pequena produção obtém lucro na venda de suas mercadorias e pela participação na redistribuição total da mais valia*", mas "*não arremata diretamente sobretrabalho*"[276]. Já a nova pequena burguesia é constituída pelos "*trabalhadores assalariados não produtivos*", que são "*trabalhadores que não produzem mais-valia. Vendem eles também sua força de trabalho; seu salário está determinado, ele também, pelo preço da reprodução e de sua força-trabalho, mas sua exploração se faz pela extorsão direta do sobretrabalho, e não pela produção de mais-valia*". Ela agrega os funcionários de escritório, "colarinhos brancos", os funcionários do setor de comércio, e também os funcionários de Estado, dentre vários. E situando, que "*estes dois grandes conjuntos ocupam na produção posições diferentes, que não têm nada em comum*", questiona: "*podem ser considerados como constituindo uma classe, a 'pequena burguesia'?*"[277], para em seguida analisar suas diferenças e semelhanças:

> A primeira inclui precisamente critérios políticos e ideológicos. Pode-se, com efeito, considerar que essas posições diferentes na produção e na esfera econômica têm, entretanto, ao nível político e ideológico, *os mesmos efeitos*. De um lado a "pequena propriedade", do outro lado alguns assalariados que não vivem sua exploração senão sob a forma do "salário" e da "competição" longe da produção, apresentariam, por estas razões econômicas e não obstante distintas, as mesmas características políticas

---

[275]POULANTZAS, N. *As classes sociais*. Disponível em http://www.cebrap.org.br/imagens/Arquivos/as_classes_sociais.pdf, acessado em 10.03.10.
[276]Idem.
[277]Ibidem.

e ideológicas: "individualismo" pequeno-burguês, inclinação ao "statu-quo" e temor à revolução, mito da "promoção social", e aspiração ao status burguês, crença no "Estado neutro" acima das classes, instabilidade política e tendência a apoiar "Estados fortes" e bonapartismos, formas de rebelião do tipo "jacquerie pequeno burguesa". Estas características ideológico-políticas *comuns* bastariam, se tal fosse o caso, para considerar que estes dois conjuntos, que ocupam posições diferentes, na economia, constituem uma classe, relativamente unificada, a pequena burguesia. Além disso, ainda neste caso, nada impediria de distinguir *"frações" de uma mesma classe*. Com efeito […] o marxismo estabelece igualmente distinções entre frações de uma classe. Estas se distinguem das simples camadas porque refletem diferenciações econômicas importantes, e podem inclusive se revestir, enquanto frações, de um papel de *forças sociais*, importante e relativamente distinto do das outra frações[278].

Seu posicionamento dependente, incapaz de realizar um projeto próprio, pois subordinado às classes fundamentais, "*não significa que os diversos conjuntos pequeno-burgueses tenham simplesmente posições de classe que os aproximem seja da burguesia, seja da classe operária*", e sim que "*sua própria determinação estrutural de classe só possa ser apreendida em sua relação, no seio da divisão social do trabalho*". Assim, não podendo ser considerada do mesmo modo que as classes fundamentais, pois são estas "*que especificam os lugares, na divisão social do trabalho, da burguesia e da classe operária*", e que não irão se referir "*somente às relações econômicas, mas também às relações ideológicas e políticas da determinação estrutural de classe desses conjuntos*"[279], sempre relacionalmente. Esta leitura permite a Poulantzas afirmar que "*o subconjunto ideológico pequeno burguês é um terreno de luta e um campo de batalha particular entre a ideologia burguesa e a ideologia operária*", ou seja, não constituído mecanicamente, mas resultado entre relações de forças, "*mas com a intervenção própria dos elementos especificamente pequeno-burgueses*". Então "*esse terreno de luta não é um terreno vago: é um terreno desde já circunscrito pela ideologia burguesa e pelos elementos ideológicos pequeno-burgueses*"[280].

Mas a *posição ideológica* da pequena burguesia e da nova pequena burguesia não deriva automaticamente da constatação de sua situação intermediária na sociedade de classes. Ela, que não chega a constituir um conjunto ideológico "*com coerência própria e sistemacidade relativa*", está sujeita às influências ideológicas das duas classes fundamentais da sociedade, a burguesia e o proletariado, capazes de manterem uma posição política relativamente autônoma e de longo prazo. Então, ela teria seu "sub conjunto" ideológico "*constituído pela influência da ideologia burguesa (dominante) sobre as aspirações próprias da pequena burguesia em relação à sua situação específica de classe*"[281], ou seja, um limite muito claro para posicionar-se política e ideologicamente. Então, mesmo estando sujeita às relações de força de determinada conjuntura

[278]POULANTZAS, N. *As classes sociais*. op. cit.
[279]POULANTZAS, N. *As classes sociais no capitalismo hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 221-224.
[280]Idem. p. 314-315.
[281]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. São Paulo: Martins Fontes, 1978. p. 254.

histórica, Poulantzas consegue identificar algumas características, de modo "esquemático", relativas ao seu posicionamento social no mundo do trabalho. No caso da pequena burguesia, da pequena produção ou propriedade, em que o proprietário é também trabalhador direto, ele identifica que este, "*opõe-se ao mesmo tempo à burguesia – é progressivamente esmagada economicamente por ela – e ao proletariado, pelo medo da proletarização e pelo seu apego feroz à (pequena) propriedade*"[282]. Isto implicaria em:

> a) Um aspecto ideológico *anticapitalista do status quo*: contra a "grande riqueza", as "grandes fortunas", mas *status quo* apesar de tudo, porque este conjunto se agarra à sua propriedade e teme a proletarização. Isto conjuga-se muitas vezes com o aspecto "igualitarista", de aspirações contra os monopólios e de um regresso à "igualdade de possibilidades", de uma "justa" concorrência, por um lado, e com o "cretinismo parlamentar" de um igualitarismo pelo sufrágio, por outro: esta pequena-burguesia quer mudanças sem que o sistema mude. Assim, detecta-se igualmente nela a aspiração a uma "participação" na "distribuição" do poder político, sem vontade de transformação radical deste. b) Um aspecto ideológico, ligado não à transformação revolucionária da sociedade, mas ao mito da "*passerelle*". Medo da proletarização, por baixo, atração para a burguesia, por cima, a pequena burguesia aspira a tornar-se burguesia, pela passagem individual, para o topo, dos "melhores" e dos "mais capazes". Este aspecto assume, assim, freqüentemente, formas "elitistas", de uma renovação das elites, de uma substituição da burguesia "que não cumpre o seu papel" pela pequena burguesia, sem que a sociedade seja mudada. c) Um aspecto ideológico do "*fetichismo do poder*" de que falava Lenin. Pelo seu isolamento econômico (que dá igualmente origem ao "individualismo pequeno-burguês") e pela sua aproximação-oposição econômica à burguesia e ao proletariado, crença no Estado "neutro" acima das classes. Esta pequena burguesia espera que este Estado neutro lhe traga "de cima a chuva e o bom tempo", em suma: que detenha o seu declínio. Ainda: isso conduz muitas vezes a uma "estatolatria". A pequena burguesia *identifica-se* neste caso ao Estado, cuja neutralidade se juntaria à sua, concebendo-se como uma classe "neutra" entre a burguesia e a classe operária, pilar, pois, dominante "importações" da ideologia e da classe operária, desviadas de um Estado que seria o "seu" Estado. Aspira à "arbitragem" social, no sentido em que desejaria, como dizia Marx, que toda a sociedade se tornasse pequeno-burguesa[283].

E em relação à nova pequena burguesia, os que "*vivem sua exploração não na produção, mas principalmente sob a forma jurídica – portanto, largamente 'ilusória'*"[284], ele compreende efeitos análogos à ideologia:

> a) Aspecto ideológico anticapitalista do *status quo*. Estando a exploração efetiva aqui oculta, porque principalmente vivida sob a forma do salário, este conjunto aspira a uma "justiça social" pela redistribuição, por meio do Estado, dos rendimentos (salários). Declarações contra a "grande riqueza", que tomam assim principalmente, a forma de reclamação contra o fisco. Aspecto "igualitário", que toma a forma de uma igualização dos "rendimentos" e se conjuga aqui também muitas vezes com o "cretinismo parlamentar". Receio igualmente de proletarização, mas receio sobretudo de uma transformação revolucionária da sociedade, em virtude da insegurança vivida ao nível de salário. Receio de uma convulsão que possa afetar os

[282]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 255.
[283]Idem. p. 255-256.
[284]Ibidem. p. 256.

salários dos trabalhadores que não vivem na produção e do papel dos meios de produção na exploração. Isto manifesta-se, de resto, nas formas corporativistas particulares de que se reveste, neste conjunto a luta social. b) Aspecto ideológico da *passarelle*: aspiração a subir. Esta tendência ideológica da *passarelle* e da "promoção" não decorre aqui, como acontecia no primeiro conjunto, do seu caráter transitório, mas do fato real de este conjunto ser efetivamente afetado numa sociedade capitalista, *pelo mais alto índice de mobilidade social* (simultaneamente, ascendente, e ainda mais, descendente). Se este conjunto não é, *enquanto tal*, transitório, tudo se passa como se, em virtude de suas condições de vida, os seus membros (no decorrer das gerações) se encontrassem aí apenas "*de passagem*". Esta tendência ideológica, na medida em que este conjunto de trabalhadores assalariados passou por uma instrução escolar elevada, que determina a sua qualificação como força de trabalho, assume aqui formas particulares. Trata-se da ideologia da "neutralidade" democrática da "cultura", e da consideração do aparelho escolar e universitário "neutro" como meio de promoção e de acesso dos "melhores" à condição burguesa. c) Aspecto ideológico do fetichismo do poder. Também aqui, é o isolamento (que dá origem ao "individualismo pequeno-burguês") que conta, não sob a forma que assume na pequena propriedade, mas sob a forma de isolamento e de concorrência de um salariado, para quem não age o fator de "*trabalhador coletivo*" na produção: isolamento que não é portanto rompido pela progressiva concentração do setor comercial. Crença num Estado neutro acima das classes, e fenômenos de estatolatria, assumindo aqui a forma de "*cesarismo social*", de crença na "justiça" de um Estado forte. Ao que é preciso acrescentar o aspecto ideológico próprio desse conjunto dos trabalhadores assalariados que fazem parte do aparelho de Estado – administração. Produzindo os aparelhos de Estado, enquanto instituições, *a sua própria ideologia interna*, estes assalariados estão-lhe particularmente submetidos: o aspecto ideológico do Estado neutro acima das classes funciona particularmente aqui, enquanto elemento essencial da ideologia interna dos aparelhos de Estado. Neste caso, mais do que em qualquer outro intervêm a estatolatria e a identificação ao estado e às suas "cúpulas", pelo canal do burocratismo e da subordinação hierárquica[285].

Estas percepções pequenas burguesas são exploradas em um sem número de passagens de Olavo de Carvalho, como neste caso discutindo a valorização do "outro" na literatura e artes nacionais:

> Não conheço um único bom livro brasileiro no qual a polícia tenha razão, no qual se exaltem as virtudes da classe média ordeira e pacata, no qual ladrões e assassinos sejam apresentados como homens piores do que os outros, sob qualquer aspecto que seja […] À luz da "ética" daí resultante, não existe mal no mundo senão a "moral conservadora". Que é um assalto, um estupro, um homicídio, perto da maldade satânica que se oculta no coração de um pai de família que, educando seus filhos no respeito à lei e à ordem, ajuda a manter o *status quo*?

Compreendendo "ética" como uma categoria a histórica e universal, Carvalho propositadamente reafirma o senso comum da pequena burguesia como superioridade moral. Neste sentido fica clara a apreensão da função social da arte e da cultura, seja em termos de capital social, a neutralidade do aparelho escolar e universitário destinado a sua ascensão social, ou como mercadoria, objeto de fetiche e status, ao qual espera-se o reconhecimento pelo consumo como

[285]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 256-257.

único horizonte de expectativa que deveria reger sua produção. Com este movimento ele pode culpabilizar o artista engajado socialmente como agente direto e consciente de atuação subversiva contra esta "ética", ou seja, sua associação na luta pela destruição de todo e qualquer parâmetros de ação humana considerada civilizada, o que geralmente é traduzido em termos religiosos (a referência à "moral satânica" não está presente na citação sem motivo).

Obviamente não estamos atribuindo a estes apontamentos esquemáticos de Poulantzas, leituras sociológicas estáticas, um caráter de leitura histórica – de modo algum estamos resumindo os grupos sociais pertencentes aos estratos médios brasileiros nestes esquemas. Pelo contrário, nossa utilização aqui destes parâmetros se dá como hipótese para a verificação em nosso objeto – o que não fazemos de maneira desautorizada, pois uma série de pesquisas históricas e científicas já foram realizadas e consideraram válidas seus apontamentos para a realidade brasileira[286] – ainda sublinhando que aqui não estamos investigando objetivamente a pequena burguesia e a nova pequena burguesia brasileira em seu conjunto nos anos de nosso recorte temporal, mas qualificando e categorizando a expectativa do MSM em atingir este público como seu alvo.

Por sua posição intermediária, a pequena burguesia tradicional e a nova pequena burguesia não são apáticos diante de outros discursos ideológicos, sob uma condição de sujeição passiva, o que faz com que o MSM não dispute simplesmente reconhecimento por parte dos seus leitores, mas estes em si. Como trata Pierre Bourdieu, "*os sofistas invocavam uma noção que me parece muito importante, a de kairos. Professores do uso da palavra, sabiam que não bastava ensinar às pessoas a falar, mas que era necessário além disso ensiná-las a falar a propósito*", sendo que o "*kairos, na origem é a mira do alvo*". Esta extrapola o discurso por si mesmo, sendo que "*para acertar na presa, para que as palavras acertem no alvo, para que as palavras compensem, para que as palavras produzam os seus efeitos, é necessário dizerem-se não só as palavras gramaticalmente corretas mas também as palavras socialmente admissíveis*"[287]. O que Carvalho converte em uma composição mecânica, direta, entre classe e cultura, de maneira propositadamente restrita (cultura como acesso aos objetos culturais "emanados" pela burguesia) para poder torná-la mera caricatura:

> O líder de uma classe é, por definição, aquele que se eleva interiormente acima dela por seu talento e saber, sem abandonar o seu padrão de vida exterior nem a adesão íntima aos interesses e valores do seu meio de origem. Para quem tome a cultura no

---

[286]Dentre estas podemos citar SAES, D. "Classe média e política". *In*. FAUSTO, B. (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III: O Brasil Republicano. Volume 3: Sociedade e Política 1930-1964. Rio de Janeiro, Bertand, 1991; SAES, D. "Classe média e políticas de classe (uma nota teórica)". *Contraponto*: Revista de Ciências Sociais do Centro de Estudos Noel Nutels. Ano II, nº. 2, novembro 1977; SAES, D. *Classe média e sistema político no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979; CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit.; CALIL, G. G. "A pequena burguesia e projeto social". *In*. SILVA, C. L.; CALIL, G. G.; KOLING, P. J. *Estado e poder*: Abordagens e perspectivas. Cascavel: Edunioeste, 2008; BOITO JR, A. "Classe média e sindicalismo". *Politeia*: história e sociedade. nº. 1. Volume 4. Vitória da Conquista: DEHIS UESB, 2004.

[287]BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de século; Sociedade unipessoal, 2003. p. 128-129.

seu sentido verdadeiro de conhecimento interiorizado numa personalidade melhor, e não de mera ostentação de diplomas, a identificação de níveis de cultura com diferenças de classe social é um preconceito sociológico boboca. Se todo operário, ao adquirir cultura, se tornasse um burguês, não teria havido um único líder operário neste mundo. O mesmo aplica-se, analogicamente, a qualquer grupo social de origem. Ao elevar-se, por seus conhecimentos, à condição de pajé, um índio não se torna branco[288].

Primeiro idealiza a figura do líder de uma classe, como se esta "função" fosse plenamente determinada pela meritocracia, o que já vimos ser uma característica ideológica pela qual a pequena burguesia reconhece-se e vislumbra o acesso à ascensão social. E considera ainda o capital cultural como capital social, este como elemento automático de ascensão social, capaz de arrancar os indivíduos de suas classes, ao mesmo tempo, que ainda eliminaria suas origens, suas experiências e vivências anteriores – transforma o "índio" em "branco". Para Carvalho a cultura, ou o que ele acha que a sociologia considera cultura, seria emanada para e pela burguesia, sendo que então seu acesso, logicamente, só poderia ocorrer transmutando indivíduos em burgueses. Ou pior, em indivíduos que viveriam uma vida plenamente frustrada, já que não poderiam possuir o que considerariam como seu direito: o que chama de "*multidão dos semi-intelectuais ressentidos*".

É por esta argumentação que ele "explica" as revoluções modernas, que supostamente teriam sido levadas a cabo por lideranças da classe média intelectualizados: "*os movimentos ideológicos de massa sempre recrutaram o grosso de seus líderes da multidão dos semi-intelectuais ressentidos*". Por estarem "*afastados do trabalho manual pela instrução que receberam, separados da realização nas letras e nas artes pela sua mediocridade endêmica, que lhes restava? A revolta.*"[289]. E retorna a Ortega y Gasset para argumentar:

A "rebelião das massas" a que se referia José Ortega y Gasset (*La Rebelión de las Masas*, 1928) consistia precisamente nisso: não na ascensão dos pobres à cultura superior, mas na concomitante impossibilidade de democratizar o gênio. A inveja resultante gerava ódio aos próprios bens recém-conquistados, que pareciam tanto mais inacessíveis às almas quanto mais democratizados no mundo: daí o clamor geral contra a "cultura de elite", justamente no momento em que ela já não era privilégio da elite[290].

Assim, dada a "democratização" da cultura, é a classe média, celeiro de intelectuais, o objeto de disputa ideológica, já que "*a classe revolucionária não se forma entre os proletários ou camponeses, muito menos entre os miseráveis e desempregados, mas entre as massas afluentes de classe média alimentadas de doutrina comunista nas universidades*"[291]. Que se faça claro, a classe média não se transmuta em classe revolucionária, mas para a lógica que credita irracionalidade para

---

[288]CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. op. cit. p. 85.
[289]CARVALHO. O. de. "Dialética da inveja". *Folha de S. Paulo*. 26.08.03. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/030826fsp.htm, acessado em 20.10.10.
[290]Idem.
[291]Ibidem.

os movimentos coletivos e populares, as lideranças, então, construiriam o grupo de respectivos liderados, formatando-os em determinadas prerrogativas ideológicas, e sendo assim, os sujeitos da história, cuja base social supostamente estaria nos estratos médios da sociedade:

> Basta que os intelectuais envolvidos numa e noutra [os dois planos do "gramscismo": mudança da base moral e reconhecimento de esquerdistas como lideranças populares] comunguem ainda que vagamente de um espírito revolucionário gramsciano, para que, numa espécie de cumplicidade implícita, cada qual realize sua tarefa e todos os resultados venham a convergir na direção dos fins gramscianos. Isto não exclui, é claro, a hipótese de um comando unificado, mas, para o sucesso da estratégia gramsciana, a unidade de comando, ao menos ostensiva, é bastante dispensável na fase da luta pela hegemonia[292].

E retorna a Otto Maria Carpeaux, que em suas elucubrações acerca do ensino superior, em franco processo de especialização, conclui que a culpa é dos usos da universidade pelos estratos médios da sociedade. "*O século XIX, o século liberal, abre a todos todas as possibilidades. A educação superior é o caminho da ascensão. A preeminência da classe média no século XIX baseia-se na sua cultura universitária. Mas o século XX acaba com isso*", já que o "*grande capitalismo precisa mais de exércitos de pequenos empregados do que de self-made men; as profissões liberais estão superlotadas*", e ao mesmo tempo "*o movimento socialista repele os que resistem à proletarização e suas humilhações e privações*". Assim, "*privada dos privilégios da Inteligência, a classe média quebra furiosamente o instrumento, como uma criança quebra o brinquedo insubmisso*". Sem ter sentido social de suas ações, a classe tornada sujeito homogêneo, "*é uma criança essa nova classe média; mas uma criança perigosa, cheia dos ressentimentos dos déclassés, furiosa contra os livros que já não sabe ler e cujas lições já não garantem a ascensão social. Está madura para a violência*". Sendo o inspirador destas massas de intelectuais, "*pai espiritual comum do fascismo e do bolchevismo, Georges Sorel, o ideólogo da violência* […] *homem profundamente pequeno-burguês, representante típico das classes médias francesas*"[293]. E refere a esta atuação das classes médias:

---

[292]Já adiantando um pouco sobre esta questão, tratada de modo completo adiante, para Carvalho "*o objetivo primeiro do gramscismo é muito amplo e geral em seu escopo: nada de política, nada de pregação revolucionária, apenas operar um giro de cento e oitenta graus na cosmovisão do senso comum, mudar os sentimentos morais, as reações de base e o senso das proporções, sem o confronto ideológico direto que só faria excitar prematuramente antagonismos indesejáveis* […] *Se de um lado jornalistas de esquerda promovem um ataque maciço aos criminosos de colarinho branco e de outro lado intelectuais de esquerda lutam para que os chefes de bandos de assassinos armados sejam reconhecidos como 'lideranças populares' legítimas, o efeito conjugado dessas duas operações é bem nítido: atenuar a gravidade dos crimes contra a pessoa, quando cometidos pela classe baixa e aproveitáveis politicamente pelas esquerdas, e enfatizar a dos crimes contra o patrimônio, quando cometidos por membros da classe dominante. Eis aí a luta de classes transformada em supremo critério da moral, desbancando o preceito milenar, arraigado no senso comum, de que a vida é um bem mais sagrado do que o patrimônio*". CARVALHO. O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/livros/negramsci.htm, acessado em 27.10.10.

[293]CARPEAUX, O. M. *A idéia da universidade e as idéias das classes médias*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/carp3.htm, acessado em 21.10.10.

> O fascismo foi impossível na Rússia. É também um fato fundamental que a Rússia não conheceu, não teve uma classe média. Ora, seguindo a corrente da época, o bolchevismo criou uma classe média. A burocracia soviética, os stakhanovistas e outras camadas privilegiadas do operariado não são outra coisa senão uma nova classe média […] o fascismo e o bolchevismo têm o lado comum de serem expressões das novas classes médias. E a ideologia que permite explicar o espírito das novas classes médias é a ideologia pequeno-burguesa, violentamente revolucionária e antiintelectualista. […] Poder-se-ia acreditar que os grandes obstáculos dessa revolução fossem os capitalistas e os trabalhadores, ou, na Rússia, um regime milenário e eclesiasticamente consolidado. Engano. Vimos a fraqueza incrível do regime tzarista, a derrota fácil dos socialistas, o suicídio dos capitalistas. O verdadeiro obstáculo — e Sorel o previra bem — era a Inteligência. É ela que merece as diatribes mais cruéis dos chefes e dos caudilhos. Para a vitória final, precisa-se acabar com a Inteligência[294].

A questão da "rebeldia" pequeno burguesa aparece caracterizada como sendo de cunho "juvenil", limitada pela má compreensão, ou falta absoluta dela, do papel de provedores que teriam os condutores do capitalismo durante os últimos séculos, inaugurando uma era de felicidade sem deveres nunca vista antes. Antes de comentarmos este tipo de posicionamento, retornamos a Carvalho, em citação longa, mas que ilustra perfeitamente as características tratadas anteriormente:

> O capitalismo distribuiu a imensas massas de classe média benefícios que antes eram privilégios da aristocracia. Mas a aristocracia pagava um alto preço por eles: era a casta guerreira, pronta a morrer no campo de batalha em lugar dos comerciantes e camponeses, isentos *a priori* de obrigação militar. Uma vida de liberdade e prazeres à sombra da morte iminente ou uma vida de trabalho e abstinência na relativa segurança da rotina econômica, eis as duas formas básicas de existência que, no seu equilíbrio mútuo, marcaram o repertório da humanidade ocidental até pelo menos o começo do século XIX. Cento e poucos anos bastaram para que, em amplas áreas da superfície terrestre, não só o acesso a uma quantidade de bens materiais nunca antes imaginados, mas a liberdade e os meios para a busca de prazeres praticamente sem limites fossem abertos à pequena burguesia e a boa parte da classe trabalhadora, sem que a isso correspondesse um acréscimo de obrigações morais. Bem ao contrário, a demanda crescente de satisfações veio acompanhada de uma intolerância cada vez maior ao sofrimento e da revolta geral contra toda forma de "repressão". A eternidade e a morte desapareceram do horizonte, a primeira tornando-se uma ficção de outras épocas, a segunda uma idéia indecente, proibida nas conversações saudáveis. Em pouco tempo a Europa e as Américas povoaram-se de uma nova classe de adolescentes crônicos, ávidos de sensações, rebeldes a toda limitação, desfrutando da obra dos séculos como se fosse um direito natural e vivendo cada dia como se fosse a data inaugural de uma espécie de eternidade terrestre. Postiça, desequilibrada, fútil e baseada na ingratidão radical para com as gerações anteriores, essa forma de vida produziu uma tremenda acumulação de culpas inconscientes, as quais, não podendo recair sobre os culpados autênticos – que toleram a idéia de culpas ainda menos que a da morte – são projetadas de volta sobre a fonte de seus benefícios imerecidos. Daí o aparente paradoxo, tantas vezes notado, de que o ódio ao capitalismo não germine entre suas supostas vítimas, os pobres, mas justamente entre seus principais favorecidos: a classe média, os estudantes e intelectuais, o *beautiful people* da mídia e da moda, os filhinhos-de-papai que vão à universidade num BMW de cem mil dólares e destróem o refeitório porque a comida não é de graça. Não há nisso paradoxo algum: há apenas a lógica implacável da projeção

[294]CARPEAUX, O. M. *A idéia da universidade e as idéias das classes médias*. op. cit.

> neurótica. A premissa oculta dessa lógica é o fato de que o verdadeiro pecado do capitalismo, a ruptura do equilíbrio natural entre prazeres e deveres, não pode ser denunciado. Tornou-se um tabu. É preciso então inventar culpas imaginárias, negar a realidade manifesta da prosperidade geral crescente e, num giro lógico formidável, imputar ao capitalismo até mesmo a miséria dos países socialistas[295].

Pode aparentar que este ressentimento arbitrado em relação aos estratos médios da sociedade impediria este de ser seu público-alvo. Estas atribuições de "caráter" para os estratos médios da sociedade tem uma dupla função no discurso do MSM: ao mesmo tempo implicar a potencialidade de revolta, inclusive fascista, da pequena e nova pequena burguesia, alertando esta burguesia que sem um compromisso em torno de si, este potencial pode vir a voltar-se contra sua classe – ou de modo mais simplista, seria uma força social que estaria deixando de ser utilizada para a manutenção de sua hegemonia. E para o MSM assumir-se como gestor competente para prover sentido e significado para a atuação política destes estratos médios. Ou seja, capazes de serem responsáveis por sua "educação", por certa dramaticidade verborrágica transformada em "domesticação" contra uma esquerda sub reptícia, que supostamente agiria através da

> […] insegurança do homem que prospera no meio de uma multidão de concorrentes menos felizes e, por isto mesmo, forçosamente mais invejosos. A inveja tem o poder de acionar, no cérebro das vítimas, um conjunto de reações automáticas destinadas a exorcizá-la, que constituem todo um complexo ritual de camuflagem: o homem próspero de classe média resguarda-se do olhar perfurante do invejoso desviando-o para alvos genéricos – "o capitalismo", "a sociedade de consumo", etc. – e o neutraliza aliando-se com ele no ataque comum a um bode expiatório que, tendo ademais a reconfortante vantagem de estar distante demais para poder ser atingido, garante que toda a operação não passará dos efeitos verbais. O invejoso, se é por sua vez invejado por outro menos próspero ainda, pode passar adiante o mesmo jogo de impressões, e assim *ad infinitum*. Ninguém parece se dar conta de quanto essa eterna vigilância contra a inveja mútua alimenta a própria inveja na medida em que a consagra como mola mestra das ações e reações humanas. Esse estado de coisas reduz a vida da nossa classe média alta a um permanente jogo de simulações que termina por corromper todos os sentimentos humanos e rebaixar as consciências ao nível da insensibilidade mais pétrea[296].

Deste modo, a pequena burguesia tradicional e a nova pequena burguesia, por sua posição social, têm seus indivíduos, especialmente os trabalhadores intelectuais, com certo grau de instrução, disputados por projetos históricos antagônicos, sendo que em relação ao projeto revolucionário, o MSM necessita abrir o combate em sua defesa por que ao deixar de resistir contra o proletariado, assumindo sua luta, acabaria por tornar-se não mero cúmplice, mas executor ativo de sua própria destruição. E se qualificam negativamente a classe média, não o fazem sem sublinhar a capacidade política desta, que mesmo qualificada como "força destruidora", não deixa de ser uma

---

[295]CARVALHO, O. de. "A farsa radical". *Jornal do Brasil*. 21.06.07. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070621jb.html, acessado em 13.04.11.
[296]CARVALHO, O. de. "Moral postiça". *Jornal da Tarde*, 23.12.99. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/991223jt.htm, acessado em 13.04.11.

força, a quem só faltariam seus verdadeiros representantes para guiá-los.

O MSM constrói sua peculiaridade linguística, sua reconhecibilidade textual, centrando fogo no uso do humor, da grosseria. Seu discurso apreende uma série de chavões humorísticos, de estereótipos constitutivos do conhecimento mais superficial, de preconceitos (ou conceitos pré-concebidos) utilizados para uma orientação não problematizada do cotidiano, e que trazem à tona através do riso, um modo de ridicularizar o outro dentro de padrões aceitáveis por determinados grupos sociais – como visto a pequena e nova pequena burguesia. A citação seguinte, sua interpretação sobre o modelo universitário brasileiro, ilustra o quanto esta dimensão discursiva se faz considerável para o MSM:

> […] sendo os mestres da persuasão elíptica os senhores do mundo acadêmico no momento, é inevitável que seus alunos tomem o seu modus argumentandi como modelo principal senão único da aquisição de autoridade intelectual, e gastem os melhores anos de suas vidas no esforço de aprender a imitá-lo, galgando etapas na ascensão profissional à medida que se impregnam dos cacoetes de seus professores e tornando-se, por antecipação, os mistificadores das gerações vindouras. Ou rompemos agora essa maldita cadeia de transmissão, *ou dia virá em que o povo brasileiro, para ser persuadido de qualquer bobagem, não exigirá qualquer razão mais séria do que o estalar do chicote da Tiazinha*[297].

Como visto, Carvalho situa a linguagem como sinal de *status*, de diferenciação, mesmo que para desconsiderar o discurso alheio, como no caso ilustrado. Mas o que é importante assinalar é que ele reconhece que em seu conteúdo veicula toda uma visão de mundo, o que fica claro quando pergunta-se: “*como unir senso de humor, eloquência de argumentação e lucidez filosófica? Essas coisas vêm sempre juntas ou então não vêm*”[298]. Então seu discurso, é articulado através de uma das técnicas mais incisivas, em termos de eficácia política que existe, o humor, que, sem entrar necessariamente no conteúdo alheio, visa “*diminuir o adversário, suscitando o riso num determinado auditório*”[299] tendo em mente que “*numa assembléia que ri, é muito difícil conservar a liberdade de não rir... É preciso correr o risco de se isolar do grupo, rompendo sua homogeneidade. Eis por que o riso solitário permanece um signo negativo, sugerindo falta de sociabilidade ou, pior, anormalidade patológica*”[300]. Como argumenta Barbieri:

> No cômico é o imaginário que prevalece, a imagem patética, ridícula, estranha, diferente e por isso risível. Explora-se a diferença como abjeção, usando-se o exagero, o bizarro, o não senso, para marcar a distância do semelhante tomado como normal. O cômico surge como descarga direta, pois, o sujeito se alivia por não ser

[297] CARVALHO, O. de. *Lógica da mistificação, ou: o chicote da tiazinha*. 05.04.99. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/tiazinha.htm, acessado em 23.10.10. Grifos nossos.

[298] CARVALHO, O. de. *A filosofia não é para os tímidos*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/timidos.htm, acessado em 10.10.10.

[299] BARONAS, R. L. *Derrisão*: um caso de heterogeneidade dissimulada. Disponível em http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/7.pdf, acessado em 30.10.10.

[300] YONNET. P. “O planeta do riso, sobre a midiatização do cômico”. *In*. *Le Débat*. nº. 59, março-abril, 1990. p. 153. *apud* MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003. p. 623.

esse outro: "antes ele do que eu", pois o eu não suporta estar nesse lugar de derrisão. No humor, assim como na sublimação, trata-se de transcrever algo do registro do não dizível que, se atinge a forma de dito, passa ao registro da linguagem. Como disse Lacan, a linguagem alcança "*seu ponto máximo de eficácia quando ela consegue dizer alguma coisa dizendo outra*"[301].

Obviamente não estamos afirmando uma única dimensão ao humor ou ao discurso do MSM, mas o que marca a fala de seus intelectuais é o que na análise do discurso é chamado de derrisão, a técnica que une no discurso o humor e a violência, o dissociando e diferenciando da injúria[302], e que supostamente, ou melhor, quanto mais aprimorada for sua utilização, seria capaz de tornar o sujeito pronunciador do discurso não suscetível a sanções jurídicas. É um discurso que utiliza como mote figuras de agressão, que se assemelham tanto com a "*injúria e a metáfora polêmica quanto o sarcasmo, a antífrase e o calembur*", explorando "*a fronteira entre injúria e palavras espirituosas (ou jogos de palavras) pode ser extremamente tênue e móvel*". O "efeito" de derrisão dependerá "*amplamente do contexto, da intenção que se pode atribuir ou não ao autor, da reação da pessoa atingida, da atitude do público e de seu pertencimento ou não ao mundo social e ideológico do autor, etc.*"[303]. Além disto, a derrisão tem maiores chances de ser aceita socialmente, já que escapa da agressão simples, atingindo outras dimensões da realidade social para fazer emergir o riso. "*O leitor/ouvinte terá que buscar amparo no contexto, uma vez que a piada vai 'brincar' tanto com fatos linguísticos, como com fatos concernentes ao entorno sócio-cultural para veicular discursos geralmente 'não-autorizados' socialmente*"[304].

Olavo de Carvalho em mais de uma ocasião "explicou" o seu uso de palavrões como contraposição em relação às agressões de críticos – que se estende a qualquer um que ele entenda que deva criticar – mas mesmo assim, afirma sobre seu programa de rádio: "*a linguagem e o estilo do programa serão exatamente iguais aos de minhas conversas domésticas com meus alunos, amigos e familiares, sem nenhuma estilização radiofônica*", o que tornaria a agressão uma suposta "*última defesa pessoal*" contra um "*estado de barbárie mental*"[305]. Segundo o próprio, "*mais vale um bom palavrão atirado em público à cara de um Tarso Genro, de um Marco Aurélio Garcia, do que mil palavras construtivas atiradas ao vento*"[306]. O que tenta situar contextualmente:

---

[301] BARBIERI, C. P. *Perversão, humor e sublimação*. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372009000100005&lng=pt&nrm=iso, acessado em 30.09.10.

[302] BONNAFOUS, S. "Sobre o bom uso da derrisão em J. M. Le Pen". *In*. GREGOLIN, M. do R. *Discurso e mídia*: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 35.

[303] Idem. p. 40.

[304] MUNIZ, K. da S. *Piadas*: conceituação, constituição e práticas – um estudo de um gênero. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 145.

[305] CARVALHO, O. de. *Apresentação do True outspeak*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/true_outspeak.html, acessado em 09.09.10.

[306] CARVALHO, O. de. "Geração maldita". *Diário do Comércio*. 08.12.09. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/091208dc.html, acessado em 18.09.10.

> Os palavrões, segundo entendo, foram inventados precisamente para as situações em que uma resposta delicada seria cumplicidade com o intolerável […] No Brasil de hoje é assim: qualquer acusação cretina jogada ao ar sem o menor respaldo se arroga a dignidade intelectual de um "argumento" e exige resposta cortês daqueles cujos sentimentos acaba de ferir da maneira mais impiedosa e crua. Incitando a repulsa e ao mesmo tempo sufocando sua expressão, esse ardil prende o interlocutor numa camisa-de-força verbal, usando maliciosamente as regras mesmas do debate educado como peças de uma armadilha psicológica maliciosa e sádica. É um truque inventado pela propaganda nazista e comunista, mas, "nêfte paíf", tornou-se procedimento usual nas discussões públicas hoje em dia[307].

Nota-se a importância que a derrisão assume em seu discurso, tomando a forma efetiva de argumento, tanto em suas tentativas de desacreditar o discurso alheio quanto para desmistificar a realidade vivida. A ofensa torna-se mais importante que o argumento racional, as "*mil palavras construtivas atiradas ao vento*", já que o meio ao qual se direciona tal discurso estaria já impregnado pelas "*armadilhas psicológicas do inimigo*". É uma tentativa elucubradora da prática política do MSM, pois seus próprios emissores entendem as limitações de seu discurso diante da sociedade, constatando a resistência real contra a aceitação de suas propostas políticas. Mas como já discutimos, sua organização é toda voltada visando à crise aberta, sendo que então qualquer resistência é justificada como constatação da interiorização das categorias "esquerdistas" pelo corpo social, parte estratégica fundamental para a guerra cultural.

Então este suposto "ato de defesa" suscitado seria suficiente para utilização como estratégia discursiva. Afinal, se o uso pelo "inimigo" é permitido, seria então ingenuidade negar-se o uso de uma dimensão discursiva, que tem considerável penetração, pois se faz popular, já que "sem rebusqueios", etc. Este tipo de dimensão é especialmente valorizada em ações de sua base, especialmente através de *e-mails*[308]. Este tipo de leitura social é reafirmada na tentativa de Ipojuca Pontes, outro colunista do MSM desde seu início, de resumir o carisma de Lula em uma atitude que remeteria somente à "aparência" deste diante do jogo político. "*Por trás de tudo, claro, um espectro se abate sobre a Era Vertiginosa - o espectro de Lula, um tipo que engana bem o país (e o mundo, segundo dizem)*", cujo caráter é julgado, "*pelo viés da psicologia*", como remetendo "*à imagem do criminoso reincidente*".

Para Pontes a essência da personalidade do ex-presidente seria dissimulada pela sua aparência, pelos "*seus truques, arroubos e impulsos incontroláveis, o uso do deboche e do palavrão como arma de represália, a sistemática adoção da mentira enquanto norma de conduta, o fato de aceitar com naturalidade atos desonestos e justificá-los*". Deste modo Lula teria a capacidade de dissimular qualquer atitude sua ordenando discursivamente "*valores no qual o crime parece fazer*

---

[307]CARVALHO, O. de. "Barbárie mental". *Jornal do Brasil*. 15.02.07. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070215jb.html, acessado em 09.09.10.

[308]Somente o autor desta dissertação durante a eleição de 2010 recebeu cerca de 150 correios eletrônicos de propaganda anticomunista, destes, quase sua totalidade composta de ofensas pessoais e/ou caricaturas de políticos petistas – para o MSM a esquerda moderada é o pior dos inimigos, o que será discutido adiante.

sentido, etc.". Ele irá buscar "confirmar" esta sua percepção sobre Lula, resgatando um acontecimento da adolescência deste: "*é bom não esquecer que um dos primeiros gestos conscientes de Lula, ainda adolescente, segundo ele próprio, foi justamente o de tentar enganar a mãe: ao cabo do primeiro dia no emprego, para impressionar D. Lindu, sujou de graxa o macacão de trabalho*", julgando que "*na troca da essência pela aparência, deu-se por feliz*"[309].

Deste modo, apropriando-se de uma cisão metodológica oriunda do marxismo de maneira propositadamente errônea, ele busca resumir o ex-presidente em uma suposta "essência", a de um "*criminoso reincidente*", que seria mascarada pela "aparência", seu carisma seria sua capacidade de dissimulação – e assinale-se que Lula, de qualquer modo, *teria afinal trabalhado naquele dia*. Esta é uma acusação grave, e que não escaparia de sanções jurídicas caso a autonomia política do PT não estivesse limitada pela sua política de conciliação de classes – onde a defesa da integridade de um de seus militantes históricos, e que ocupava a presidência da República, é menos importante que um possível "mal estar" político que viesse a impedir a governabilidade do Estado (obviamente não estamos estendendo aqui este tipo de sanção somente ao MSM, mas a maioria da grande mídia brasileira, como já discutido). Pontes, afirmando-se em posição de sujeito que denuncia, aponta um alvo para uma indignação social – a corrupção – e busca revestir-se de uma superioridade moral, de uma importância social e política do mesmo porte que seu alvo de acusação.

Sobre a banalização que é gerada pela utilização sistemática da derrisão, Georges Minois nos diz que:

> *A zombaria política generalizada, longe de desembocar na subversão, acaba contribuindo para banalizar as práticas que denuncia*. Os meios políticos conseguem exterminar o cômico, tornando-se eles próprios cômicos. Certos políticos, tanto homens quanto mulheres, parecem mais grotescos que suas marionetes. Para uns, é dom natural; outros chegam a isso à custa de trabalho e graças às opiniões esclarecidas de seus conselheiros em comunicação[310].

O autor entenderá que este tipo do uso do humor, foi tornado habitual na contemporaneidade, onde "*tudo deve ser tratado de forma humorística*", em que "*até os filmes mais violentos, ou mais sombrios, encarregam-se de um lado humorístico – uma piscadela para o espectador o faz compreender que não é preciso acreditar muito no que vê*"[311], é parte de um processo social, que revela o relativismo em sua característica mais obscena, a da incredulidade cética, que escapa ao ateísmo, pois não se trata de racionalmente opor-se ao clericalismo, por exemplo, mas o cinismo, em um mundo onde a violência é tratada com uma insensatez

---

[309]PONTES, I. *Se Lula existe, tudo é permitido*. 22.12.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/governo-do-pt/10628-se-lula-existe-tudo-e-permitido.html, acessado em 12.12.10. Grifos nossos.

[310]MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. op. cit. p. 596. Grifos nossos.

[311]Idem. p. 620.

inconcebível. “*O humor agressivo e maldoso, chafurdando no obsceno e no escatológico, tal como o estampam certas revistas e desenhos animados, confirma essa tendência: a ferocidade caricatural não choca porque não é levada a sério*”. Sendo que “*os excessos do grotesco, que aumentaram ao longo do século XX*”, no que considera um “*empenho desesperado e numa vertigem de degradação em Arrabal, Michaux, Artaud, Céline ou Günter Grass, traduzem a raiva impotente diante do absurdo universal. Mas essa banalização do grotesco foi integrada na visão desenvolta do mundo*”[312], ao contrário de outros tempos, como o de Denis Diderot, que escreveu que o “*gracejo de uma sociedade é uma espuma leve que se evapora no palco; o gracejo de teatro é uma arma cortante que feriria na sociedade. Não se tem com seres imaginários o comedimento que se deve ter com seres reais*”[313].

Seja qual for a justificativa para o uso da agressão, seja através da derrisão ou da violência simples, ela é justificada como técnica discursiva para a disputa ideológica, onde, supostamente, atacar a aparência automaticamente significaria revelar automaticamente a essência do inimigo, sua realidade obscurecida pelo discurso. Sobre isto, Carvalho em seu *True outspeak* irá considerar seu uso, porque “*palavrões são um instrumento de comunicação, o único possível em certas circunstâncias*”, usando como exemplo um artigo de Dráusio Varella (não descobrimos o conteúdo deste artigo), preparado para ser discutido ao vivo, que segundo o próprio, “*a única resposta para aquilo ali é o famoso vai tomar no cu, porque tem coisa que você não pode discutir seriamente, vocês está entendendo, tem coisa que é de uma sem-vergonhice, de uma safadeza tão grande, que a única reação possível é aquela que vem direto do coração*”. Sendo esta, “*que vem direto do coração é o que? É uma reação de raiva, de indignação, e é mandar o sujeito tomar no cu mesmo*”. E segue:

> […] eu até os cinquenta e oito anos de idade, cinquenta e sete, cinquenta e oito, não falava palavrão, tá certo. Eu era um sujeito até bem educado, agora, acontece que chega um momento em que eu me toquei: pera aí, a educação, a polidez está servindo de instrumento de controle do meu comportamento, tá servindo de instrumento opressivo encima [sic] de nós. Quer dizer, o sujeito vem e te fala coisas mortalmente ofensivas em linguagem adocicada, naquele estilo Paulo Evaristo Arns, naquele estilo untuoso, né, sugere até as vezes o seu assassinato, né, começa a justificar homicídio em massa etc., etc. e quer ser respondido polidamente, tá certo. Ora, eu vejo, por exemplo, esses polemistas de mídia brasileira, conservadores e liberais, que discutem com essa turma esquerdista, e mesmo quando eles provam o seu ponto, provam a superioridade das suas ideias, eles saem perdendo, porque eles não têm a violência psicológica do outro lado. Esse pessoal da esquerda, todos eles, são de uma violência psicológica fora do comum. Para eles, quando conversam com você, eles olham pra você já vendo em você o cadáver, tá certo. A ideia deles é homicídio, é genocídio em massa, é homicídio em massa, é genocídio. Eles acham que eliminação do inimigo de classe não tem problema nenhum, e até um mérito, e eles tão olhando pra você e vendo o inimigo de classe, vendo teu cadáver ali. E você

---

[312] MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. op. cit. p. 620-621.
[313] DIDEROT, D. *Paradoxo sobre o comediante*. São Paulo: Escala, 2006. p. 47.

> achando que é apenas uma divergência de ideias, e querendo manter a discussão na esfera polida, até talvez até com todo aquele formalismo acadêmico. É por isto que, polemistas que em outro contexto seriam brilhantes, como Denis Rosenfield, Zé Nivaldo Cordeiro, etc., às vezes levam desvantagem porque, porque eles são educados demais. E outra coisa, quando o sujeito vem com uma ideia maligna, maliciosa, capciosa, tá certo, e agressiva, às vezes até uma ideia homicida, ideia assassina, tá certo, como essas desse pessoal do vermelho.org, que fazem apologia de Stálin. Fazer apologia de Stálin é fazer apologia do genocídio, tá certo, o pessoal vem com essas ideias e se você lhe responder educadamente, você está conferindo dignidade a estas ideias. Viu ora, refutar polidamente nós refutamos polidamente ideias que ainda estando erradas tem aquela dignidade mínima da vida acadêmica, da vida intelectual. Agora, apologia de Stálin não tem isso meu Deus do céu, apologia de Che Guevara não tem isso, porque o sujeito está fazendo apologia do Che Guevara está dizendo o seguinte: nós vamos matar você, é isto que ele quer dizer. Você é da direita, tá certo, e nós vamos fazer como o Che Guevara, nós vamos matar você. É isto que o sujeito está dizendo, e quer ser respondido com educação? Educação o caralho! Vai tomar no cu, seu filho de uma puta! Tá entendendo?[314].

Imputando "razão" sobre a realidade para sua atuação política, "*a superioridade ou a comprovação de seus pontos na divergência de ideias*", passa a creditar ao tom bem educado, a polidez acadêmica a causa de seus fracassos no convencimento, pois este tom não seria condizente com o tipo de combate que estaria sendo levado ao cabo, que seria definido em termos de vida ou morte, pela existência ou não do ser que defende determinada posição. Deste modo, reduz o campo político eleitoral burguês em uma leitura binária, como arena de confrontamento de seres de naturezas opostas e irreconciliáveis, e que tem de ser refutado, já que permite a existência "democrática" destes "*apologistas da violência*". Este tipo de leitura só é possível quando descredita-se qualquer racionalidade a atuação política dos homens, abandonando qualquer pauta, questão ou projeto social existente dentro de uma realidade histórica, em que se vive e se atua, para compreender *qualquer decisão* como "tarefa" para o cumprimento de um "fim da história", marcado entre os conservadores e revolucionários, sendo que os primeiros sempre estariam com a superioridade da razão simplesmente porque defendem o que "já existe" (iremos retornar a este entendimento em nossa discussão sobre anticomunismo). E qualquer consideração sobre um uso "preventivo" da derrisão de modo algum sustenta-se, indo até contra esta noção, que explicita a impossibilidade de qualquer analogia profilática para a agressão – tal qual a violência ela só se faz "defensiva" quando praticada em relação a alguém e/ou algo.

Nas próximas imagens a relação do MSM com a derrisão emerge de modo grotescamente explícito. Elas foram veiculadas na sua seção "humor" do *site*, publicadas durante a eleição estadunidense de 2008. Naquele país, a disputa presidencial é polarizada entre dois partidos: o Republicano, com o qual o MSM identifica-se, mas de maneira crítica, sempre o exaltando a explicitar de maneira agressiva suas posições, e cujo animal simbólico é um elefante. E o Partido

---

[314] CARVALHO, O. de. *True outspeak*, sem data. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=OhGx8NXX5V4, acessado em 12.12.10. Transcrição nossa.

Democrata, que combatem como o maior dos "responsáveis" pela contaminação da sociedade estadunidense pelos "valores esquerdistas", e seu animal simbólico, o burro. Segundo Carvalho, "*nas fotos abaixo, vemos como ambas as agremiações são atenciosas para com a opinião pública*"[315]:

FIGURA 4: "Flagrantes da vida real", segundo Carvalho:

Diálogo entre um representante da mídia e a liderança republicana.

Porta-voz do movimento gay expõe suas reivindicações à liderança democrata.

FONTE: CARVALHO, O. de *Flagrantes da vida real*. 13.03.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/humor/28-flagrantes-da-vida-real.html, acessado em 18.09.10.

A primeira fotografia, que nos mostra um elefante, o Partido Republicano, comandado por uma adestradora, a mídia. Isto se alinha a crítica que fazem aos membros daquele partido, que seriam corretos em suas propostas e atuações políticas, mas que teriam abdicado "ingenuamente" o combate cotidiano aos seus inimigos externos e internos (leiam-se comunistas), considerados desaparecidos após a queda da União Soviética em 1989, permitindo-se ser "domesticado" por estes mesmo inimigos, de maneira sub reptícia. A segunda fotografia é muito mais violenta em seu significado, pois embora a girafa não seja costumeiramente associada a nenhum estereótipo

[315] CARVALHO, O. de *Flagrantes da vida real*. 13.03.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/humor/28-flagrantes-da-vida-real.html, acessado em 18.09.10.

relacionado ao homossexualismo, a inusitada foto busca considerar como "espécie distinta", cuja organização em grupos de luta por seus direitos e pelo reconhecimento jurídico específico, seria para o MSM uma das formas de atuação subterrâneas da esquerda mundial, cujo domínio sobre as tendências liberais seria completo – pela lógica machista do MSM representada na subjugação sexual.

O MSM busca através da atribuição de sentido político para a potencialidade do riso e do escárnio a interiorização do estereótipo, que configura-se deste modo como padrão de reconhecimento e atuação diante do cotidiano, proposição ideológica explicita-se como estratégia política quando é afirmada como parte do seu combate, especificamente em relação ao politicamente correto, que é compreendido como cerne fundamental na guerra de posições (ou como eles preferem guerra cultural) levada a cabo contra uma suposta esquerda mundial, tomada como sujeito "obscuro" a ser plenamente "desmascarado"[316]:

> I. **O "Politicamente correto" é, se quiserem, um silencioso marxismo cultural.** Se o velho marxismo era uma coisa de massas, este novo marxismo é uma coisa silenciosa. O politicamente correto não é uma ideologia coletiva. É, isso sim, uma crença privada. Mas, atenção, é uma crença privada partilhada, em silêncio, por milhões. É um **manual de comportamento e de policiamento do pensamento e do vocabulário**. II. O velho marxismo assentava numa simples dicotomia moralista: havia os "bons", os operários, e os "maus", os burgueses. O novo marxismo cultural readaptou essa lógica para a esfera cultural, religiosa e étnica: **há o "mau", o Ocidente branco, e há o "bom", o resto do mundo não-ocidental. Isto, como é óbvio, gera a farsa moral do politicamente correto.** Uma farsa que mina o debate das nossas sociedades[317].

Assim, pensar criticamente os motivos pelos quais um discurso como este leva ao riso, ao tratar indolentemente o que é intolerável, nos permite ao menos refletir, já que é difícil mensurar o riso, sobre o quanto uma visão de mundo restrita e excludente acaba por ser interiorizada por boa parte da população. "*Atrás dessa cacofonia de risos organizados está, sabe-se bem, o novo tirando que zomba perdidamente dos valores morais: o índice de audiência, ele próprio agente do deus supremo, que é a economia*", sendo que, com certeza, "*o cômico que vende bem é aquele que o público exige. Produz-se então uma osmose entre as tendências profundas e os interesses, terminando em um cômico de supermercado, do qual se louva o 'caráter liberador e oxigenante'*

---

[316]Para situar já o leitor, adiantemos o que Olavo de Carvalho entende como o "truque maior" das esquerdas pós-1989: "*E que cazzo de diferença existe afinal entre 'linha justa' e 'politicamente correto?' De que adiantou destruir a máquina da censura mental comunista se agora é a intelectualidade em peso que cai em cima de nós como um bando de comissários-do-povo para fiscalizar, patrulhar, pressionar, chantagear, ameaçar, denegrir? Pior: abrigados sob a convicção geral de que 'o comunismo morreu', os novos comissários estão livres para agir igualzinho aos antigos sem que ninguém os possa acusar de comunistas. É o derradeiro truque da mais histriônica das ideologias: fingir-se de morta para assaltar o coveiro*". CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. op. cit. p. 74.

[317]RAPOSO, H. "*O que é o politicamente correto?" Jornal Expresso*. 23.04.10. *apud* FONSECA, J. C. S. da. *Farsa moral do politicamente correto*. 09.05.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/movimento-revolucionario/11055-farsa-moral-do-politicamente-correto.html, acessado em 13.10.10. Grifos do autor.

num mundo pouco propício ao exercício do riso”[318].

É baseado nestes matizes de senso comum e bom senso que, como já vimos, são compartilhados pela pequena burguesia tradicional e a nova pequena burguesia, que o MSM constituiu seu discurso ideológico, buscando o convencimento destes, não só pelo conteúdo que disseminam, mas pela forma escolhida. Então o estereótipo, o preconceito, o senso comum, são utilizados como figuras de linguagem (ou até como ilustrações) para o ataque, para a atribuição de descrédito ao outro, o que constitui o cerne da utilização da derrisão. Utilizam a potencialidade do riso e do escárnio para fortalecer imagens interiorizadas por estes estratos sociais, como a meritocracia, a subordinação hierárquica, a defesa do *status quo*, a atribuição de externalidade da origem da corrupção no Estado, que teria sua neutralidade corrompida por determinados agentes políticos, a neutralidade da cultura (a cultura popular resumida como preconceitos e imagens estereotipadas) como sedimentação a histórica, da exclusão dos que não assumem ativamente a moral dominante, etc. Como afirma Bourdieu, “*o produto linguístico só se realiza completamente como mensagem se for tratado como tal, isto é, decifrado*”[319].

Ainda sobre as possibilidades de mistificação através do discurso jornalístico, sobre os modos de manipulação da mídia sobre a informação, Perseu Abramo nos oferece uma leitura contundente. Ele aponta padrões, “*tipos ou modelos de manipulação, em torno dos quais gira, com maior ou menor grau de aproximação ou distanciamento, a maioria das matérias da produção jornalística*”, que são utilizados cotidianamente, e sublinha-se articulados, para criar uma realidade esvaziada de seu conteúdo social, na qual situa quatro grandes padrões que atingem toda a imprensa. O primeiro é o padrão de ocultação, “*que se refere à ausência e à presença dos fatos reais na produção da imprensa*”, anotando que “*não se trata, evidentemente, de fruto do desconhecimento, e nem da mera omissão diante do real. É, ao contrário, um deliberado silêncio militante sobre determinados fatos da realidade*”. Esta técnica é vital para a tomada de decisão de que determinado fato é “não-jornalístico”, este incorrendo que “*não há menor chance de que o leitor tome conhecimento de sua existência por meio da imprensa*”[320], sendo também como “tática zero”, baseado em uma estratégia de guerra estadunidense, pela qual não se fala abertamente sobre o inimigo, evitando criar qualquer tipo de clima, favorável ou desfavorável, que possa ser utilizado politicamente por este. O segundo é o padrão de fragmentação, em que já “*eliminados os fatos definidos como não-jornalísticos, o 'resto' da realidade é apresentado pela imprensa ao leitor não como uma realidade, com suas estruturas e interconexões, sua dinâmica e seus movimentos e processos próprios, suas causas, suas condições e suas conseqüências*”. Assim, “*o todo real é*

[318]MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. op. cit. p. 622.
[319]BOURDIEU, P. *Economia das trocas linguísticas*: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 24-25.
[320]ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 25-27.

estilhaçado, despedaçado, fragmentado em milhões de minúsculos fatos particularizados, na maior parte dos casos desconectados entre si, despojado de seus vínculos com o geral, desligados de seus antecedentes e de seus conseqüentes no processo em que ocorrem". Este padrão, que articula a fragmentação da realidade com sua descontextualização, soma-se à eliminação de fatos no padrão anterior, sendo "*essenciais, assim, à distorção da realidade e à criação artificial de uma outra realidade*"[321]. O terceiro padrão é o da inversão "*que opera o reordenamento das partes, a troca de lugares e de importância dessas partes, a substituição de umas por outras e prossegue, assim, com a destruição da realidade original e a criação artificial de outra realidade*". Abramo nota que existem várias formas deste padrão se apresentar, sendo as principais: a inversão da relevância dos aspectos: "*o secundário é apresentado como principal e vice-versa; o particular pelo geral e vice-versa; o acessório e supérfluo no lugar do importante e decisivo; o caráter adjetivo pelo substantivo; o pitoresco, o esdrúxulo, o detalhe, enfim, pelo essencial*". A inversão da forma pelo conteúdo, onde "*o texto passa a ser mais importante que o fato que ele reproduz; a palavra, a frase, no lugar da informação; o tempo e o espaço da matéria predominando sobre a clareza da explicação; o visual harmônico sobre a veracidade ou a fidelidade; o ficcional espetaculoso sobre a realidade*". A inversão da versão pelo fato: "*não é o fato em si que passa a importar, mas a versão que dele tem o órgão de imprensa, seja essa versão originada no próprio órgão de imprensa, seja adotada ou aceita de alguém – da fonte das declarações e opiniões*", sendo que "*tudo se passa como se o órgão de imprensa agisse sob o domínio de um princípio que dissesse: se o fato não corresponde à minha versão, deve haver algo errado com o fato*". E a inversão da opinião pela informação, sendo que este se faz quase inevitável quando ocorre a articulação sistemática dos outros padrões, sendo que é caracterizado por "*substituir, inteira ou parcialmente, a informação pela opinião*", e é feita através da "*negação, total ou quase total, da distinção entre juízo de valor e juízo da realidade*"[322].

Isto corrobora com a leitura de Gramsci sobre a mídia italiana de seu período, entre que chamou jornais de informação, "*um serviço de informação, isto é, o jornal em questão oferece diariamente aos seus leitores, ordenados e separados, os juízos sobre os eventos publicados pelos outros jornais*". E os jornais de opinião, cuja "*rubrica tem uma outra função: serve para reafirmar os próprios pontos de vista, para detalhá-los, para apresentar, em contraditório, todas as suas facetas e toda a casuística*", estes "didaticamente" repetindo-se, "*de forma não mecânica e sem pedantismo as próprias opiniões*", e assim tendo "*um caráter quase 'dramático' e de atualidade, como obrigação de responder a um adversário*"[323]. Mas sendo distintos, confundem-se propositada e intencionalmente.

---

[321]ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. op. cit. p. 27-28.
[322]Idem. p. 28-31.
[323]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 243.

O quarto padrão de Abramo é o padrão de indução, "*resultado e ao mesmo tempo o impulso final da articulação combinada de outros padrões de manipulação dos vários órgãos de comunicação com os quais ele tem contato*" e é marcado, através do "*reordenamento, ou recontextualização da realidade, pelo subtexto – aquilo que é dito sem ser falado*", pela "*presença/ausência de temas, segmentos do real, de grupos da sociedade e de personagens*". Isto é verificado quando "*alguns assuntos jamais, ou quase nunca, são tratados pela imprensa, enquanto outros aparecem quase todos os dias. Alguns segmentos sociais são vistos pela imprensa apenas sob alguns poucos ângulos, enquanto permanece na obscuridade toda a complexa riqueza de suas vidas e atividades*". Então, enquanto "*alguns aspectos são sistematicamente relembrados na composição das matérias sobre determinados grupos sociais, mas igualmente evitados de forma sistemática quando se trata de outros*". No que o autor conclui, que "*depois de distorcida, retorcida e recriada ficcionalmente*", a realidade é também "*dividida pela imprensa em realidade do campo do Bem e realidade do campo do Mal, e o leitor/espectador é induzido a acreditar não só que seja assim, mas que assim será eternamente, sem possibilidade de mudança*"[324].

O leitor já deve ter notado que o MSM absorve estes padrões de manipulação de modo ostensivo para a constituição de seu discurso ideológico (não interessando se consciente ou inconscientemente, no sentido de conhecer diretamente a obra de Abramo), utilizando politicamente as consequências deste uso abusivo, indiscriminado, pois:

> Assim, o público – a sociedade – é cotidiana e sistematicamente colocado diante de uma realidade artificialmente criada pela imprensa e que se contradiz, se contrapõe e freqüentemente se superpõe e domina a realidade real que ele vive e conhece. Como o público é fragmentado no leitor ou no telespectador individual, ele só percebe a contradição quando se trata da infinitesimal parcela da realidade da qual ele é protagonista, testemunha ou agente direto, e que, portanto, conhece. A imensa parte da realidade, ele a capta por meio da imagem artificial e irreal da realidade criada pela imprensa; essa é justamente, a parte da realidade que ele não percebe diretamente, mas aprende por conhecimento. Daí que cada leitor tem, para si, uma imagem da realidade que na sua totalidade *não é real*. É diferente e até antagonicamente oposta à realidade. A maior parte dos indivíduos, portanto, move-se num mundo que não existe, e que foi artificialmente criado para ele justamente a fim que ele se mova nesse mundo irreal. A manipulação das informações se transforma, assim, em manipulação da realidade[325].

Ainda como etapa para a afirmação do empreendimento, o MSM foi à busca de seus consumidores, através da propaganda, entendida como publicidade. "*A propaganda está ligada à catequese e ao convencimento, enquanto a publicidade refere-se a tornar público, remetendo ao que não deve ser mantido em segredo, ao que todos devem saber*", distinção básica, mas crucial, já que "*a propaganda pode não ser pública, isto é, ela não supõe a generalização ampla de seus*

---

[324]ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. op. cit. p. 33-35.
[325]Idem. p. 24.

próprios pressupostos, estando mais voltada diretamente para o convencimento". Virgínia Fontes irá explorar as duas categorias em seu sentido histórico, pois "*a transformação da publicidade em propaganda – isto é, a mercantilização da difusão e da informação – faz parte da expansão contemporânea do capitalismo*"[326]. Já a publicidade está diretamente ligada com o mito liberal do Estado neutro, sujeito idôneo acima das classes e seus conflitos, e foi uma das lutas levadas a cabo pelo trabalhadores, no sentido de tornar público votações de representantes, dos debates políticos. "*Tornar público, socializar informações provenientes dos Estados e dos governos – foi uma das conquistas dessas lutas dos trabalhadores e estes o fizeram, muitas vezes, por meio de seus próprios jornais e impressos*", cujo processo resultou na incorporação de demandas populares na própria ossatura material do Estado, em um processo específico, o de sua ampliação. "*Traduz-se na introdução de elementos de democratização – esparsos e tendenciosos – e, por que não, de alguma dimensão pública no Estado*"[327].

A propaganda é relacionada com a produção e difusão de visões de mundo, "*de livros para leitura popular que pudessem contrapor-se às formas de propaganda dominante, traduzidas pela publicação de folhetins disciplinadores, de literatura de ordem moralizante, de 'catecismos' diversos*", sendo elemento central para os movimentos organizados da classe trabalhadora: "*Aliás, uma das primeiras preocupações desses partidos (que fossem anarquistas, socialistas ou marxistas) era exatamente a difusão não apenas de suas próprias palavras de ordem ou visões de mundo, mas também de uma cultura mais ampla para as camadas populares*", que através de seus "*setores partidários de 'agit-prop' – agitação e propaganda – constituíram-se em formas de aprendizado social e de acesso à literatura, ao debate internacional, às discussões filosóficas ou econômicas*"[328]. Assinalando, segundo Gramsci, que

> […] uma associação normal concebe a si mesma como uma aristocracia, uma elite, uma vanguarda, isto é, concebe a si mesma como ligada por milhões de fios a um determinado agrupamento social e, através dele, a toda humanidade. Portanto, esta associação não se considera como algo definitivo e enrijecido, mas como tendente a ampliar-se a todo um agrupamento social, que é também considerado como tendente a unificar toda a humanidade[329].

O movimento de confluência entre a propaganda e a publicidade, é partícipe do mesmo processo que desencadeia uma "*verdadeira analfabetização política*", cuja inculcação "*vem se exercendo de forma regular e insidiosa através da imprensa e da mídia em geral, que crescentemente adota a fórmula banalizante do marketing. Para este, quanto menos o consumidor*

---

[326]FONTES, V. *Reflexões im-pertinentes*: história e capitalismo contemporâneo. Rio de Janeiro, Bom texto, 2005. p. 179-180.
[327]Idem. p. 179-180.
[328]Ibidem. p. 183-184.
[329]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. op. cit. p. 231.

pensar, melhor será para a venda do produto”[330]. A citação seguinte é longa, mas devido ao caráter normatizador para a propaganda do MSM, iremos citá-la integralmente no que se refere a internet:

> A idéia é a seguinte: DIVULGAÇÃO, EXPOSIÇÃO E TOMADA DE ESPAÇOS. Seguem algumas sugestões para a ação na internet: 1) Se você não tem um blog, faça um. É de graça e você não vai gastar mais que alguns minutos. Não precisa ter textos originais. Encha o blog de textos que julgar interessantes, citando a fonte, claro. Adicione marcadores (ou tags), por exemplo: o texto fala sobre o Foro de São Paulo - coloque “foro de são paulo”, “lula”, “pt”, “Fidel”, “comunismo”, “farc”, “socialismo”, etc. nessas tags. Elas servem para auxiliar alguns mecanismos de busca. Mas seja honesto e liste apenas o essencial. 2) Comente as matérias dos jornais. Cadastre-se nesses meios, a maioria é de graça, e comente sobre as matérias. Não precisa ser uma tese de doutorado, basta uma manifestação enérgica. O que importa, nessa estratégia de ocupação de espaços é a VISIBILIDADE. Deixe as pessoas que irão ler em seguida saberem que a opinião delas tem simpatizantes, que elas não estão sós, afinal sabemos que o povo brasileiro é conservador. Também classifique os demais comentários. 3) Crie tópicos no Orkut em comunidades variadas e neutras. Só não encha a comunidade de tópicos para não ser o chato da história. Use o bom senso para descobrir em qual comunidades [sic] postar e como fazê-lo. Um tópico por dia, apenas isso, em comunidades diferentes, você não será inconveniente. Use como assunto os desmandos comuno-socialistas, as barbaridades petistas, material é o que não falta. É aconselhável acompanhar esses tópicos e respondê-los, se necessário. Use o Twitter; para espalhar coisas é uma ferramenta ótima. RTs, frases soltas, comentários, perguntas capciosas a esquerdistas famosos (eles estão aos montes e simplesmente não saem do Twitter!), qualquer coisa é material para essa pulverização. Idem para MySpace, FaceBook e todas as outras redes sociais. 4) Cuidado para não ser chato, ranzinza, antipático ou violento com as pessoas neutras ou doutrinadas. Elas não tiveram culpa de estudar no Brasil atual. Temos que ser simpáticos e AGREGAR. O frescor do ideário direitista, sem aquele ranço revolucionário, sem as barbas e a bolsa de couro fedida ajuda muito nisso. Não é difícil reforçar as características de LIBERDADE E RESPONSABILIDADE que o pensamento direitista abarca. 5) Não pense que você mudará a opinião daqueles dinossauros. Esses já estão perdidos. Nos resta os apolíticos, os ainda não totalmente doutrinados, os jovens. Lembre-se que, por quase meio século, a esquerda no Brasil realizou uma bem sucedida tomada de espaços nos meios acadêmicos e culturais a partir da doutrina gramsciana. Acontece que temos agora acesso a informações que há algum tempo não tínhamos e hoje ainda temos um instrumento poderoso: a internet, o único lugar onde a esquerda tem chance de apanhar. 6) Textos gigantes e difíceis sobre conjuntura política têm menos visibilidade para a maioria das pessoas que frases curtas. Foque seu público. Use o HUMOR, ridicularize os cocômunistas, num estilo à la Comunistas Caricatos, Opinião Popular, etc. O humor é poderoso! 7) Quem tem conhecimento de línguas pode fazer a mesma coisa em sites de notícias estrangeiros. Fale para os outros habitantes da Terra o que se passa na Bananalândia! Comente as notícias da FOX, CNN, escreva twitts em inglês, conte para o mundo a bomba que se encontra no calcanhar deles! 8) Adesivos em carros, nas janelas de casa e camisetas também ajudam, mas fica ao critério de cada um o uso desses meios de divulgação, por uma questão de auto-preservação. 9) Troque telefone com direitistas da internet da sua região (aqueles que seguramente reconhecer). Contatos pessoais, nem que seja para falar um oi, são mais convincentes do que o mero conhecimento na rede. Cuidado com fakes e clones.10) TENHA CUIDADO. Como sabemos, muitos revolucionários são perigosos e não têm freio moral. Portanto, mude freqüentemente suas senhas, faça senhas complicadas, não abra links nem se envolva pessoalmente nas discussões. Por outro lado, seja enérgico e não demonstre

[330]FONTES, V. *Considerações sobre um debate eleitoral*. Disponível em http://www.artnet.com.br/~gramsci/arquiv236.htm, acessado em 10.10.10.

medo ou fraqueza. Mas se preserve. Se quiser, escreva usando pseudônimos[331].

Como visto, não há necessidade que o partidário do MSM torne-se produtor de conhecimento, articulando sua experiência, seu lugar de classe e atuação no sentido de desmistificar sua vivência cotidiana, mas sim, que dentro das suas possibilidades, ele torne-se reprodutor de um conhecimento já disponibilizado para tanto, desde que "*citando a fonte, claro*". Isto garante uma falsa homogeneização de seus partidários, já que a mera reprodução pela repetição nada mais garante que a interiorização ideológica não mediada pelo sujeito, ou melhor, mediada, pois inevitável, mas que em tese não precisaria sê-la. Ou seja, provoca o efeito duplo de reiterar o senso comum do militante, ao mesmo tempo em que reafirma a superioridade das teorizações do MSM, que não necessitam ser colocadas em xeque, mas veiculadas "passivamente" de acordo com as instruções. E forçando-os ao embate, através do conhecimento fragmentado do adversário (que torna-se deste modo também superficial), obriga-se que o discurso seja construído como oposição – no sentido de abarcar o discurso adversário ao mesmo tempo que reafirma sua caracterização anterior, *como confirmação de suas hipóteses*, o que "evita" a cooptação ou convencimento pelo inimigo –, tendo em vista que, mesmo esgotada a argumentação com determinado opositor, estes simplesmente seriam considerados "dinossauros perdidos". E a necessidade da militância justificada pelo espaço que supostamente não possuiria o projeto político que o MSM defende, obrigado a enfrentar uma luta injusta, já que "*a esquerda no Brasil realizou uma bem sucedida tomada de espaços nos meios acadêmicos e culturais a partir da doutrina gramsciana*", dá-se o mote para a atuação partidária do indivíduo, visando atingir prioritariamente, "*os apolíticos, os ainda não totalmente doutrinados, os jovens*"[332]. Pretende-se tão somente normatizar o discurso de seus militantes, não os dotando de referencial teórico-metodológico adequado para a intervenção em distintos campos do corpo social, nos quais teriam de buscar por si próprios a análise para a atuação adequada, e assim compondo ativamente o projeto político com o Estado-maior do MSM, mas sim buscando instrumentalizá-los verticalmente, sem nenhum tipo de participação decisória, para a ocupação de espaços, para a guerra de posição. Guerra entendida em termos literais, já que "*revolucionários são perigosos e não têm freio moral. Portanto* [...] *seja enérgico e não demonstre medo ou fraqueza. Mas se preserve*". Afirmando a emergência do combate organizam seus militantes em torno do pressuposto da crise que se aproxima, justificativa para a necessidade da atuação em termos violentos e virulentos.

O MSM, tal qual um pequeno empreendimento, tomou como caminho para a propaganda, baseando-se no antigo boca a boca, no convencimento individual pela argumentação, o que na

---

[331] MARTINS, T. F. *Resistência e reação*. 17.07.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/11247-resistencia-e-reacao.html, acessado em 13.10.10.
[332] Idem.

internet se faz possível pelo acesso às redes sociais, em especial o Orkut (Carvalho já algumas vezes foi denominado com o epiteto de "filósofo de Orkut"). A popularização das redes sociais acompanhou a difusão do acesso à *web* no país e a queda do preço do *hardware*. O Orkut é uma rede social *online* filiada ao Google, criada em 2004, por um funcionário desta, chamado Orkut Büyükkökten. Ela possibilita a interação entre indivíduos através de perfis (que formam redes de "amigos") e comunidades (redes de interesses semelhantes). No Brasil ela foi a primeira rede social *online* de massas, ganhando sua versão em português no ano seguinte, seu sucesso foi tão grande que em 2008 a sede do Orkut foi transferida dos EUA para o Brasil. Sobre seu alcance, o CGI.br nos traz dados:

> Segundo os dados apurados, 86% dos usuários ativos de Internet no Brasil acessaram redes sociais. A Itália ocupa o segundo lugar no número de acessos, com (78%); seguida por Espanha (77%); Japão (75%); Estados Unidos (74%); Inglaterra (74%); França (73%); Austrália (72%); Alemanha (63%); e Suíça (59%). O Orkut segue como a rede social mais acessada pelos brasileiros, com 26,9 milhões de visitantes únicos no mês de maio. Facebook e Twitter aparecem empatados com 10,7 milhões. Cada brasileiro dedica, em média, mais de cinco horas a esses tipos de *sites*. O número de visitas em redes sociais em todo o mundo aumentou 24% em comparação com o ano passado e os internautas gastam, em média, 66% mais tempo nesses *sites* do que há um ano. Segundo o estudo, a expansão e a presença das redes sociais e *blogs* é uma tendência irreversível[333].

A utilização estratégica desta rede social possibilitou ao MSM alcance imediato ao leitor, rapidez na crítica cotidiana e penetração em termos de massa. "*Os sites de redes sociais, assim, parecem estar atuando bastante na sociabilidade no mundo offline. Estão sendo apropriados como formas de criação e manutenção de grupos com menor investimento, como formas de acesso a capital social e mesmo, como espaços sociais*", cuja opção como investimento permite "*ser apropriada com um fim diferente, expondo grupos sociais que perpassam a existência de um mesmo ator em diferentes níveis e com diferentes tipos de valores associados*"[334]. A comunidade oficial do MSM nesta rede, posse da usuária Priscila Garcia e moderada por *Cristina, Isabela Y e Ana Maria Nunes, possui cerca de quatro mil membros e existe desde 20.11.04[335]. Sobre estes espaços de disputa, Raquel Recuero diz que

> […] as redes sociais na Internet não deveriam ser vistas como um reflexo completo

[333] CGI.BR. "No *podium*". *CGI.br*. nº 3. op. cit.
[334] RECUERO, R *Uma reflexão sobre redes sociais online e offline*. Disponível em http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/uma_reflexao_sobre_redes_sociais_online_e_offline.html, acessado em 13.10.10. Apontamos que a noção de rede *offline* tem de ser compreendida criticamente, visto que naturaliza as redes *online*, dando uma impressão de determinismo tecnológico, o que recusamos.
[335] Uma comunidade no Orkut é criada por um usuário, que encarrega-se e pode encarregar outros usuários de sua moderação. Uma comunidade pode ter seus tópicos de discussões abertos ao público em geral, para leitura e comentários, pode ter ser restrita a possibilidade de comentar e pode ser somente acessível aos membros, que são aceitos ou rejeitados pelo moderador. A rede social não informa o crescimento de dada comunidade, sendo que os dados da comunidade do MSM são referentes ao dia 22.10.10.

> das redes sociais offline, mas como desveladoras de vários aspectos destas e como complexificadoras de seu espaço de atuação. É inegável que a apropriação das ferramentas vai afetar as redes sociais offline, pois há maior espaço de circulação de informações, por conta da maior clusterização das redes online e da maior conectividade. Além disso, o espaço online permite que as redes fiquem em permanente conexão, influenciando também os valores que circulam nessas redes e a percepção dos atores destes[336].

Dentre os resultados obtidos por esta iniciativa, podemos observar o tópico "Novo na comunidade", de 10.01.05 da mesma comunidade, onde um usuário da rede social, Breno, apresenta-se: "*eu não sabia da existência do Mídia sem Máscara até conhecer essa comunidade. Eu sentia muita falta de ter aonde ler matérias que contam a verdade. Agora além de ler diariamente o Mídia sem Máscara eu recomendo para os amigos*". E continua, discorrendo que "*sempre leio a esquerdista e mentirosa revista 'Caros amigos' apenas para saber o tamanho da lavagem cerebral que eles tentam fazer no povo brasileiro. Depois de ser torturado voluntariamente lendo a revista 'Caros amigos' nada melhor do que ler Mídia Sem Máscara*". Ao que Cristiano, no dia seguinte, responde: "*seja bem vindo Breno. Igual a você existem milhares de brasileiros que nunca ouviram falar do MSM mas querem desesperadamente algo assim*", no que acaba indo além para afirmar, meio fantasticamente, que "*a meta é essa, expandir além da Internet para versão impressa e TV*". E comentando sobre uma matéria do MSM, sobre o apoio de Chico Buarque ao regime cubano, escreve sobre a mídia em geral: "*muitos, ao comentar, diziam: 'Ninguém fala nada?', 'Nenhuma voz para denunciar esse tipo de postura psicótica? desse cantor?', 'Nenhuma notinha? Umazinha sequer?' Isso acontece com inúmeros artigos postados no MSM*", citando casos de outros segmentos sociais que encontraram na rede espaço para expressão, como "*Judeus, por exemplo, em via de regra encontram ali, fora os jornais da comunidade, o único contraponto, o famoso outro lado tão elementar ao jornalismo e a democracia*"[337]. O público, mesmo que segmentado, é atingido através da rede, não só como leitor, mas também encontra espaço para expressar suas impressões, dúvidas ou simplesmente reafirmar o que é escrito, além da possibilidade de inserção em um grupo social específico, determinado pelas suas concordâncias ideológicas.

Para fins de visualização montamos as seguintes tabelas (as comunidades relacionadas são propostas pelo moderador da comunidade original, no caso da tabela a seguir, do MSM, e os moderadores destas comunidades relacionadas aceitam ou não esta proposta):

---

[336]RECUERO, R. *Redes sociais online x redes sociais offline*. Disponível em http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/redes_sociais_online_x_redes_sociais_offline.html, acessado em 23.10.10. Grifos da autora.

[337]TÓPICO DA COMUNIDADE "MÍDIA SEM MÁSCARA". *Novo na comunidade*. Disponível em http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=775794&tid=6254698, acessado em 20.12.10. Optamos por corrigir os erros de português das mensagens do Orkut.

TABELA 13: Comunidades relacionadas à comunidade Mídia Sem Máscara no Orkut:

Comunidade relacionada e número de membros	**Data de criação**	**Comunidades relacionadas em 2º grau e número de membros**
Julio Severo, conte conosco (441)	19/06/07	Olavo de Carvalho (6.350); Eu Amo a Rozangela Justino (70); ABRACEH (253); VIVA À CONSTITUIÇÃO DE 1988 (77); Encontro p/ Consciência Cristã (687).
Cinema sem máscara (88)	16/11/07	RGE (151); HQ em FOCO! (130); Yolhesman Crisbelles (132); Olavo de Carvalho (6.350); Ancelmo Gois, jornalista do PT (37); Oba! Morreu um comuna! (200); Jornada nas Estrelas: Original (1.645); Bush: Eu faria o mesmo (887).
GloboNews: canal do governo (69)	02/05/08	Olavo de Carvalho (6.350); Ancelmo Gois, jornalista do PT (37); Cinema sem máscara (88); Yolhesman Crisbelles (132); Olavo 40oC (116); Oba! Morreu um comuna! (200); Chicuzinho Alencar (21);
Yolhesman Crisbelles (132)	15/09/07	Olavo de Carvalho (6.350); Roberto Campos 1917-2001 (2.012); Ancelmo Gois, jornalista do PT (37); Olavo 40ºC (116); Diga não a Eduardo Paes (36); Cinema Sem Máscara (88); Oba! Morreu um comuna! (200); GloboNews: canal do governo (69).
Oba! Morreu um comuna! (200)	29/09/08	Chicuzinho Alencar (21); Baranga Feghali (25); Paulo Ramos, ninguém merece... (12); Não a Molon, petralha do Rio (11); Ancelmo Gois, jornalista do PT (37); GloboNews: canal do governo (69); Peidou pra mussenga (12); Política social é o cacete! (88); Comunistas caricatos (974).
Comunistas caricatos cariocas (18)	24/09/09	FORA LULA (121.873); Olavo de Carvalho (6.350); Oba! Morreu um comuna! (200); Yolhesman Crisbelles (132); Olavo 40ºC (116); Cinema Sem Máscara (88); Chicuzinho Alencar (21); Comunistas caricatos (974).
Olavo 40ºC (116)	24/11/06	Olavo de Carvalho (6.350); Yolhesman Crisbelles (132); Ancelmo Gois, jornalista do PT (37); Chicuzinho Alencar (21); Baranga Feghali (25); Diga não a Eduardo Paes (36); Olavos da Garoa (9); ODC in SM (17); Não voto em defensor d bandido (4.756).
Comunistas caricatos (953)	10/04/06	FORA LULA (121.872); Eu Defendo o Cel. Ustra (95); A RESISTÊNCIA!!! (262); Olavo de Carvalho (6.350); Oba! Morreu um comuna! (200); Yolhesman Crisbelles (132); Olavo 40ºC (116); Bush: Eu faria o mesmo (887).
Olavo de Carvalho (6350)	21/04/04	Filosofia em Olavo de Carvalho (887); Ciranda com Olavo de Carvalho (188); TrueOutspeak Olavo De Carvalho (769); Educação Liberal (623); Moderação OdeC (8); Escola Sem Partido (1.077); ÍnclitoAceno Olavo de Carvalho (217); Eric Voegelin (649).

FONTE: SEM AUTOR. *Descrição da comunidade "Mídia Sem Máscara"*. Disponível em http://www.orkut.com.br/, acessado em 13.10.10.

Ao que completa-se com um quadro das descrições desta mesmas comunidades:

TABELA 14: Descrição das comunidades relacionadas à comunidade Mídia Sem Máscara no Orkut:

Comunidade relacionada	**Descrição da comunidade***
Julio Severo, conte conosco	"*Por estar sendo procurado pelo Ministério Público Federal, o escritor evangélico JULIO SEVERO (herói nacional), autor do livro 'O Movimento Homossexual' (editora Betânia) teve que sair do Brasil, sem condições para isto, juntamente com três filhos pequenos, um destes recém-nascido. Em sua incansável luta pró-família, JULIO SEVERO tem denunciado o que está por trás do Movimento Homossexual, não só no Brasil, mas também em todo o mundo. JULIO tem escrito, traduzido ou adaptado artigos denunciando as artimanhas não só do movimento homossexual, mas também sobre pedofilia, aborto e sobre desconstrução da família. Por conta desta coragem, SEVERO e sua família tem pago um preço muito alto. Antes de sair do Brasil, o que se deu recentemente, ele andou durante muito tempo escondido, aprisionado em sua casa*"
Cinema sem máscara	"*Esta é a nova versão da antiga comunidade 'Cinema Sem Máscara', que foi sabotada por petralhas e retirada do Orkut. Esta é a crônica do bizarro cinematográfico nacional!*"
GloboNews: canal do governo	"*Se você está cansado desse canal de 'notícias' politicamente correto, que sempre 'pega leve' com o governo, que nunca mencionou o Foro de S. Paulo, que faz campanha contra os Estados Unidos, que chama Raul Castro de 'presidente' ao invés de ditador, que chama bandido de 'cidadão', então este é seu lugar*"
Yolhesman Crisbelles	"*Yolhesman Crisbelles é uma gozação, um troféu fictício criado pelo jornalista Augusto Nunes, dado semanalmente a políticos e personalidades. O nome 'Yolhesman Crisbelles' não significa rigorosamente nada. Por isso mesmo, foi escolhido para batizar o troféu reservado a frases sem pé nem cabeça, declarações cretinas ou delírios retóricos. Bote aqui seu 'Yolhesman', compartilhe com a gente a pérola que você encontrou em jornais, revistas ou no Orkut!*"
Oba! Morreu um comuna!	"*Se você não tem peninha quando morre alguém que durante toda vida apoiou o que a humanidade tem de pior (comunismo, banditismo, pedofilia, invasão de propriedade privada...) aqui é seu lugar. Eu não comemoro morte de gente que tem apenas opinião diferente. Mas gente que se envolve com comunismo, que esteve envolvido em crimes, ou que apoia ferrenhamente e faz parte dos desinformantes, que arrasam o nome de gente boa pela 'causa'? Esses eu acho ótimo quando morrem. Não sou eu que decido o que acontece com a alma deles. Mas que faz bem pro mundo, faz. COMUNA DA CAPA: Che Quer-Vara, o psicopata, o assassino, o porco fedorento. Herói dos canalhas, dos retardados e dos comunistinhas de boutique*"
Comunistas caricatos cariocas	"*Comunidade dedicada a mostrar o que a esquerda festiva carioca têm de melhor: o humor involuntário! Comunista do mês: Jaguar*"
Olavo 40ºC	"*Comunidade criada por admiradores, alunos e amigos do filósofo Olavo de Carvalho que moram na cidade do Rio de Janeiro e região (integrantes de outros estados também são bem-vindos!). Vamos debater os problemas do Grande Rio!*"
Comunistas caricatos	"*Comunidade dedicada a mostrar o que os comunistas têm de melhor: o humor involuntário! Depois de um longo inverno, estou resgatando minha antiga comunidade. Caricato da vez: Paulo Vannuchi, o esqueropata do direituzumano*"
Olavo de Carvalho	"*OLAVO DE CARVALHO é considerado como um dos mais originais e audaciosos pensadores brasileiros. A tônica de sua obra é a defesa da interioridade humana contra a tirania da autoridade coletiva. Crê num vínculo indissolúvel entre a objetividade do conhecimento e a autonomia da consciência individual. É autor de dezesseis livros, dentre os quais se destacam 'O Jardim das Aflições' e 'O Imbecil Coletivo'. É também jornalista, e escreve hoje para os jornais Diário do Comércio e Jornal do Brasil. Mantém um programa de rádio semanal, líder de audiência no site onde é transmitido. Contrastando com a imagem rancorosa que seus adversários quiseram sobrepor à sua figura autêntica, é na realidade um homem de alma generosa e temperamento equilibrado, que sabe amar, socorrer e perdoar. Sites:* http://www.olavodecarvalho.org*;* http://www.seminariodefilosofia.org*;* http://www.institutoolavodecarvalho.com*;* http://theinteramerican.org*; Audioblog:* http://www.blogtalkradio.com/olavo"

*Excluímos da citação avisos sobre regras, contra linguagem obscena, *spans*, etc. Disponível em http://www.orkut.com.br/, acessado em 20.12.10.

E, tendo como centro a comunidade de "Olavo de Carvalho", já citada acima, montamos a

seguinte tabela:

TABELA 15: Comunidades relacionadas à comunidade Olavo de Carvalho no Orkut:

Comunidade relacionada e número de membros	**Data de criação**	**Comunidades relacionadas em 2º grau e número de membros**
Filosofia em Olavo de Carvalho (930)	21/10/04	Mário Ferreira dos Santos (968); Rene Girard (206); O Jardim das Aflições (245); Mortimer Adler (277); Ciranda com Olavo de Carvalho (186); TrueOutspeak Olavo De Carvalho (815).
Ciranda com Olavo de Carvalho (186)	27/05/06	Filosofia em Olavo de Carvalho (930); Ângelo Monteiro (130); CONSERVADORES DE PERNAMBUCO (30); Mário Ferreira dos Santos (968); René Guénon e a Tradição (386).
TrueOutspeak Olavo De Carvalho (815)	06/12/06	Filosofia em Olavo de Carvalho (930); Alunos do Olavo de Carvalho (109); Olavo de Carvalho - Acústico (28); Mídia Sem Máscara (4.111); Eric Voegelin (660); Pobreza NÃO gera criminalidade (116); Hernán Cortez, o conquistador (19).
Educação Liberal (652)	23/02/07	Conservadorismo (1.777); Mortimer Adler (277); Educação Liberal (71); Liberal Education (159); Clube do Livro Liberal (211); Escola Sem Partido (1.106); Olavo de Carvalho do B (696).
Moderação OdeC (8)*	29/06/07	
Escola Sem Partido (1.106)	26/04/08	Educação Liberal (652); Sou Historiador! Não Comunista (1.095); Eu respeito todas as religiões (81.166); Marx é inquestionável?! (1.805); Homeschooling (392); Mídia Sem Máscara (4.111); Ambientalismo Cético (259); Contra o Relativismo Moral (390); Minorias Não Sabem Brincar (1.905).
ÍnclitoAceno Olavo de Carvalho (237)	23/03/09	Olavo de Carvalho do B (696); Karl Marx - o embusteiro (388); Casa do Aumentador (18); René Guénon e a Tradição (386); Prof. Luiz Gonzaga de Carvalho (190); Platão,Sócrates e Aristóteles. (16.164); Revista *Filosofia Concreta* (44); PROCCON - Conservador Cristão (71).
Eric Voegelin (660)	24/06/04	Roger Scruton (52); Julián Marías (134); P-CON Partido Conservador (330); CONSERVADORES DE PERNAMBUCO (30); Rene Girard (206); Ortega y Gasset (1.031); Bruno Tolentino (500); Embaixador Meira Penna (517); Filosofia em Olavo de Carvalho (930); Mário Ferreira dos Santos (968); Conservadorismo (1.777).
Mídia Sem Máscara (4.111)	20/11/04	Julio Severo, conte conosco ! (441); Cinema Sem Máscara (86); Yolhesman Crisbelles (134); GloboNews: canal do governo (72); Oba! Morreu um comuna! (227); Comunistas caricatos cariocas (22); Olavo 40ºC (119); Comunistas caricatos (953).

*Comunidade criada para hospedar as regras da comunidade Olavo de Carvalho. FONTE: SEM AUTOR. *Descrição da comunidade "Olavo de Carvalho"*. Disponível em http://www.orkut.com.br/, acessado em 20.12.10.

E do mesmo modo, as descrições das comunidades:

TABELA 16: Descrição das comunidades relacionadas à comunidade Mídia Sem Máscara no Orkut:

Comunidade relacionada	**Descrição da comunidade***
Filosofia em Olavo de Carvalho	“*Comunidade para discussão da filosofia na vida e obra de Olavo de Carvalho*”
Ciranda com Olavo de Carvalho	“*Comunidade voltada para todos os PERNAMBUCANOS e NORDESTINOS em geral, admiradores da obra do filósofo OLAVO DE CARVALHO ,com o intuito de formarmos uma grande CIRANDA através do estreitamento dos laços e da comunhão de idéias*”
TrueOutspeak Olavo De Carvalho	“*Comunidade destinada a discussões sobre os temas veiculados pelo Professor OLAVO DE CARVALHO em seu talk show semanal 'True Outspeak', que estreou no dia 4/12/06, transmitido dos EUA. Sintonize* www.blogtalkradio.com/olavo *e ouça o programa TODA SEGUNDA, ÀS 20H, HORA DE BRASÍLIA. Mais detalhes em* www.olavodecarvalho.org/true_outspeak.html. *Vamos relembrar os temas abordados em cada semana e discuti-los. ATENÇÃO: esta comunidade é exclusiva de admiradores do Professor e de suas idéias. Portanto, se você tem algum problema com ele, vá dormir (se é que você já não está dormindo o profundo sono da consciência moral)*”
Educação Liberal	“*Em contraste às demais artes, aqui entendidas como artes ou ofícios utilitários (produção de utilidades que servem às necessidade dos homens) e as sete belas-artes (produção de obras que têm o poder de elevar o espírito humano), o indivíduo elevar-se-á acima de seu ambiente material para viver uma vida intelectual -- racional --, portanto livre para adquirir a verdade. Mais sobre Educação Liberal em:* http://www.olavodecarvalho.org/palestras/2001educacaoliberal.htm *Aristoi é um grupo dedicado a implantar projetos de revitalização intelectual em nosso país através da promoção da educação clássica.* http://www.aristoi.com.br/”
Moderação OdeC	“*Este espaço foi criado para hospedar as regras da comunidade Olavo de Carvalho, assim como para comunicados da moderação. A entrada de membros não é permitida*”
Escola Sem Partido	“*Se você sente que seus professores estão comprometidos com uma visão unilateral, preconceituosa ou tendenciosa das questões políticas e sociais; se percebe que outros enfoques são por eles desqualificados ou ridicularizados e que suas atitudes, em sala de aula, propiciam a formação uma atmosfera de intimidação incompatível com a busca do conhecimento; se observa que estão engajados na execução de um projeto de engenharia social, que supõe a implementação de uma nova escala de valores, envie-nos uma mensagem relatando sua experiência (acompanhada, se possível, de elementos que possam comprová-la). Ajude-nos a promover a liberdade de pensamento e o pluralismo de idéias nas escolas brasileiras.* www.escolasempartido.org”
ÍnclitoAceno Olavo de Carvalho	“*'HALL OF JUSTICE FOR THE ILLUSTRIOUS AND EMERITUS'.* *Comunidade dos admiradores, simpatizantes e críticos da obra do filósofo e jornalista Olavo de Carvalho. Aberta para debates construtivos. Site:* http://www.olavodecarvalho.org*; Site:* http://www.seminariodefilosofia.org*; Site:*http://www.institutoolavodecarvalho.com/*; Audioblog:* http://www.blogtalkradio.com/olavo*;* http://dennymarquesani.sites.uol.com.br/semana/biblioc.htm*;* https://twitter.com/OdeCarvalho”
Eric Voegelin	“*'In order to degrade the politics of Plato, Aristotle, or Saint Thomas to the rank of 'values' among others, a conscientious scholar would first have to show that their claim to be science was unfounded. And that attempt is self-defeating. By the time the would-be critic has penetrated the meaning of metaphysics with sufficient thoroughness to make his criticism weighty, he will have become a metaphysician himself. The attack on metaphysics can be undertaken with a good conscience only from the safe distance of imperfect knowledge.' The New Science of Politics; Introduction, §3*”**
Mídia Sem Máscara	“*Mídia Sem Máscara é um website destinado a publicar as idéias e notícias que são sistematicamente escondidas, desprezadas ou distorcidas em virtude do viés esquerdista da grande mídia brasileira. Se você ainda não conhece, não perca!* www.midiasemmascara.org *Aqui no orkut, a comunidade Mídia Sem Máscara foi criada para debater os artigos e notícias publicados no website*”

*Excluímos da citação avisos sobre regras, contra linguagem obscena, spans, etc. Disponível em http://www.orkut.com.br/, acessado em 20.12.10. ** “'*A fim de rebaixar a política de Platão, Aristóteles ou São Tomás para o posto de 'valores' entre outros, um pesquisador consciente deveria primeiro ter de mostrar que as pretensões destes de ser ciência eram improcedentes. No momento em que o aspirante a crítico penetra no significado da metafísica com rigor suficiente para fazer sua crítica ter peso, ele terá se tornado um metafísico ele mesmo. O ataque à metafísica pode realizada com uma boa consciência, somente a partir da distância de segurança de conhecimento imperfeito'. The New Science of Politics; Introduction, §3*”. COMUNIDADE ERIC VOEGELIN. *Apresentação*. Disponível em http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=114660, acessado em 20.12.10.

Mesmo que esta rede pareça singela, uma simples busca pelo MSM no Orkut nos permite vislumbrar a penetração na rede social, existindo 22 comunidades relacionadas ao seu material, 47 para Olavo de Carvalho, e mais de 1.000 para usuários relacionados e tópicos para cada um deles (infelizmente a versão atual da ferramenta de busca da rede social não informa mais o resultado total[338]). A rede social atua como mais uma frente de atuação para o MSM, uma das mais importantes, pois propicia o "infiltramento" de seus militantes em uma série de comunidades, onde abrem fogo contra seus inimigos políticos e alinham-se com outros grupos reacionários. Como visto esta estratégia alinha-se à guerra de posições, uma bem organizada guerrilha em uma série de frentes virtuais, que acabam por ter um alcance muito mais amplo que somente o *site* obteria.

A propaganda no Orkut sem dúvida foi fundamental na estruturação e afirmação do MSM como partido. O que não significa que não existam conflitos nesta atuação, sendo que o próprio Carvalho oferece um comentário sobre as reações na rede social contra ele: "*um breve exame das páginas do Orkut dedicadas à nobre e aparentemente dificultosa tarefa de dar cabo da minha reputação é sempre, para mim, uma surpresa renovada. Existem, é verdade, páginas a meu favor, e até superam em número as de esculhambação*", mas a "*atenção permanente e incansável que aí recebo de inimigos a quem em geral nunca vi e dos quais nada sei – muitos deles ocultos sob pseudônimos exóticos – ultrapassa tudo quanto uma vaidade mesmo demencial poderia exigir. Eles parecem não pensar em outra coisa, noite e dia*"[339]. Mesmo quando suas proposições políticas são rejeitadas, não significa de modo algum sua completa desqualificação, pois colocando o discurso em movimento, criando reações e discussões, ele passa a suscitar interesse por parte dos que a observam, seja por uma afinidade política anterior ou mera curiosidade, expediente explorado francamente[340].

Esta contraposição que MSM "cumpre", é colocada contra uma suposta generalização "esquerdizante" que enxergam no conjunto da mídia brasileira. A citação que se segue, do *Quem somos* do MSM de 2002, é decisiva para sua compreensão:

> Essa manipulação é geral e não está limitada aos militantes ou colaboradores de um partido. A corrente que nos domina hoje é constituída da totalidade da oposição esquerdista dos anos 70, que se diversificou em agremiações distintas para poder mais facilmente dominar o conjunto sem dar uma impressão demasiado flagrante de controle monolítico. Mas o controle monolítico existe. A uniformidade da censura seletiva nos vários jornais e canais de TV é evidente demais para que alguém possa negá-la com honestidade. Mais notável ainda é a unanimidade das reações da imprensa diante de qualquer ameaça comum ao esquerdismo dominante. Como a própria campanha eleitoral [para a presidência em 2002] está demonstrando, as

---

[338]Disponível em ORKUT. *Serviço de busca*. Disponível em http://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch?origin=box&q=, acessado em 10.10.10.
[339]CARVALHO. O. de. *Karl Marx na fonte da juventude*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070730dc.html, acessado em 22.10.10.
[340]ROBSON, R. *Sobre o medo de ser flagrado lendo Olavo de Carvalho*. 26.12.08. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/081226sobreomedo.htm, acessado em 12.10.10.

> várias facções da esquerda estão separadas apenas por picuinhas, mas cada vez mais unidas no propósito de caluniar, criminalizar e excluir do processo político qualquer coisa que seja ou pareça direitista. O movimento comunista sempre teve, dentro de suas fileiras, uma divisão entre esquerda e direita. Isso faz parte até do vocabulário historicamente consagrado com que os líderes do Partidão rotulavam as dissidências internas: "desvio pequeno-burguês de esquerda", "revisionismo de direita", etc. A esquerda brasileira se prevalece da total ignorância popular sobre a história do movimento comunista para nos impingir, a título de "direita", a sua própria ala direita, isto é, o tucanato. Tudo o que esteja portanto à direita do tucanato já não é uma direita legítima - é uma facção marginal, criminosa, que deve ser reprimida, calada e excluída da vida pública... em nome do pluralismo e da democracia. Toda a mídia nacional é instrumento dócil a serviço dessa manobra. O pior é que, ao mesmo tempo, os jornais que a isso se prestam são ainda rotulados de "conservadores" pela própria esquerda, que assim se serve gostosamente de instrumentos "acima de qualquer suspeita"[341].

A acusação deste "esquerdismo generalizante" em 2002 assume o sentido imediato de acusação contra o suposto apoio de grupos midiáticos, como as empresas do grupo Roberto Marinho para a eleição de Lula, em sua versão "*light*" como já apontamos, visando reunir entre seus simpatizantes da burguesia as frações que rejeitam e ou desconfiavam da possibilidade de gestão do Estado capitalista por agentes políticos que não foram originários de sua própria classe. Após os oito anos de Lula e sua sucessão por Dilma Roussef este discurso sobre as empresas midiáticas nacionais estarem "*cada vez mais unidas no propósito de caluniar, criminalizar e excluir do processo político qualquer coisa que seja ou pareça direitista*" faria pouco ou nenhum sentido, visto o ataque massivo que desencadearam contra o governo federal. Mas para o MSM, o espectro "esquerdizante" de modo algum resume-se à esquerda, indo além da hipótese da "absorção entrista" da intelectualidade revolucionária da década de setenta pela mídia burguesa, ou como se os casos em que efetivamente ocorreram não fossem subordinados a uma mudança ideológica, o MSM arroga-se de enxergar uma "ala direita" do movimento comunista no PSDB. E justifica este julgamento "logicamente", pois se *toda* a mídia é de domínio da esquerda, e esta exclui qualquer manifestação "à direita do tucanato" – como se o antigo Partido da Frente Liberal (PFL), atual Democratas, herdeiro autorizado da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e seus intelectuais estivessem excluídos aqui – só pode significar que então o PSDB é uma "ala direitista do movimento esquerdista", o que seria "comprovado" pela origem esquerdista de seus intelectuais, especialmente José Serra, Fernando Henrique Cardoso ou José Arthur Gianotti (sendo que para formular este tipo de acusação o MSM propositadamente esquece a origem política de alguns de seus principais articulistas). E este tipo de leitura acaba por acertar seu público-alvo, que partindo da premissa da existência de imparcialidade na mídia, reivindica que este "estado" atual que a mídia brasileira atravessa é parte de um "estado das coisas" maior. Como um leitor que se identifica pelo *nickname* de Ipanades comenta, "*nossos governantes são tal e qual nossos meios de comunicação -*

[341]CARVALHO, O. de. *Quem somos*. op. cit.

absolutamente imorais, anti-éticos, indecentes e corruptos. A diferença reside no fato dos governantes viverem de aparências que os meios de comunicação produzem"[342].

Deste modo, é claro que o MSM não compreende o papel de um observatório da imprensa na perspectiva da ampliação do acesso à informação, entendido como bem público, mote habitual para este tipo de iniciativa: "*A idéia do media-watching surgiu nos Estados Unidos agregando-se às experiências anteriores do ombudsman e do media-criticism, como forma de sensibilizar a comunidade e os profissionais da mídia para a complexidade da função jornalística na sociedade moderna*". Um dos muitos exemplos é o Observatório da Imprensa mantido pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp, que se afirma como "*fórum permanente onde os usuários da mídia – leitores, ouvintes, telespectadores e internautas –, organizados em associações desvinculadas do estabelecimento jornalístico*" supostamente podem "*manifestar-se e participar ativamente num processo no qual, até há pouco, desempenhavam o papel de agentes passivos*"[343].

O MSM oferece uma réplica a este observatório: "*esquadrinhando as múltiplas edições do Observatório fica evidente que se trata de um órgão monopolizado pela esquerda, sobretudo a esquerda mais radical, petista. Nele não há lugar para opiniões de outros quadrantes político-ideológicos*"[344]. Tal qual o já citado *Quem somos*, é esta a argumentação padrão, é a mera constatação do mito da idoneidade jornalística que irá justificar a atuação partidária do MSM. Este tipo de iniciativa de universalização (mesmo que truncada e dissociada das condições reais de produção) ainda adquire sentido e significado como expressão de um movimento maior de desqualificação intelectual:

> O que torna as coisas ainda mais difíceis é que nos últimos anos o estímulo geral à expressão de crenças esquerdistas encorajou todos os analfabetos do país a dar opiniões. Cada um deles, armado do sentimento de certeza que lhe infunde o fato de estar do lado da maioria falante, recorre com a maior sem-cerimônia ao argumentum ad ignorantiam ("isso nunca chegou ao meu conhecimento, portanto isso não existe") e é reforçado nesse vício pela totalidade da mídia que lhe sonega, precisamente, os conhecimentos que ele não deseja ter. Será preciso mais do que esse hábito generalizado para explicar o descenso abissal das capacidades intelectuais no país, justamente na década em que as verbas de "educação" foram centuplicadas, a indústria livreira progrediu formidavelmente, o ensino universitário cresceu como nunca e já não há mais de dois ou três por cento de crianças fora da escola primária? Não, os brasileiros não estão emburrecendo por falta de livros, jornais ou escolas. Estão emburrecendo porque em vez de educação e informação receberam propaganda esquerdista e se acostumaram a identificá-la com a cultura e a inteligência[345].

---

[342] Comentário de "lpanades", em 10.09.2010, no artigo de FONSECA, J. C. S. da. *Dilma na luta armada*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/eleicoes-2010/11403-dilma-na-luta-armada.html, acessado em 20.12.10.

[343] OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. *Objetivos*. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/objetivos.asp, acessado em 10.10.10.

[344] GARCIA, A. *Observando o observatório*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/convidados/0156.htm, acessado em 19.09.10.

[345] CARVALHO, O. de. *Quem somos*. op. cit.

Novamente aqui o papel de mistificação assume proporções de crítica social, neste caso inventando um suposto "centuplicamento das verbas da educação", que correspondem à mesma porcentagem do Produto Interno Bruto há décadas, incapaz sequer de dar conta da ampliação da população brasileira, e que foi obrigado a dar conta da "universalização" dos ensinos básicos e médio (embora exista um número relevante de indivíduos da faixa etária que deveria ser atendida nestes anos de ensino que continua fora da escola), ou seja, maquiando a queda brutal da qualidade de ensino, para ficarmos somente neste argumento, para julgar que o brasileiro estaria "emburrecendo" não "*por falta de livros, jornais ou escolas*", mas porque "*em vez de educação e informação receberam propaganda esquerdista e se acostumaram a identificá-la com a cultura e a inteligência*".

Esta manipulação massiva do papel da grande mídia seria então colocada em xeque pelas possibilidades que o jornalismo *on-line* oferece. Ele supostamente estaria mais distante das nefastas influências estatais aos quais os outros meios de comunicação estariam sujeitados. Isto é retomado quando, em sua reafirmação da necessidade da derrubada do governo petista, aproveitando o ensejo criado por em uma discussão de um editorial da Folha de S. Paulo de fevereiro de 2009, sobre o caráter suave da nossa ditadura, que perto das outros regimes latino-americanos do período teria sido uma simples "ditabranda"[346]:

> Os únicos "golpistas", por assim dizer, são alguns jornalistas corajosos e independentes, que não se vendem ao governo, como também a internet e seus milhares de blogs. Os blogs, por assim dizer, estão salvando a honra do vergonhoso e vendido jornalismo brasileiro. Direi mais: estão salvando a política brasileira de uma falta de oposição, já que o PSDB, espiritualmente, colabora com o petismo, de alguma forma. Os milhares de cidadãos comuns, honestos, que escrevem em sites independentes e blogs e comentam no twitter ou mesmo revistas e jornais que publicam matérias de grande interesse ao público, agora são acusados de "golpistas". As forças armadas estarão de prontidão, esperando nossa ordem. Nós, os blogueiros, somos sustentados pelo capitalismo internacional e pela burguesia malvada, que financia nossas opiniões. Os "movimentos sociais" como o MST; revistas esquerdistas camaradas do tipo Carta Capital ou Caros Amigos; e sites que ninguém lê, como Carta Maior, dos Emires Saderes da vida, coitadinhos, são pobrezinhos, não vêem um centavo do dinheiro do contribuinte[347].

Observa-se que o MSM inverte a leitura da esquerda, que associa socialmente, através da análise concreta, a grande mídia, o Estado capitalista e os conglomerados empresariais, já que como agora o Estado estaria sendo gerido por um partido "proletário" esta correlação social também teria sido invertida, ou em caminho de o ser, gerando uma leitura politicista completamente dissociada da própria realidade. Isto para afirmá-los em uma situação de "independência" (que por si só já seria

[346]TOLEDO, C. N. de. "Crônica política sobre um documento contra a 'ditabranda'". *Sociologia Política*. nº. 34. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v17n34/a14v17n34.pdf, acessado em 20.03.11.
[347]BRUNO, L. *Diga não aos verdadeiros golpistas*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/governo-do-pt/11425-diga-nao-aos-verdadeiros-golpistas.html, acessado em 20.12.10.

mentirosa), mas que em última instância seria garantida pela distância que mantém-se do Estado. Ipojuca Pontes comenta sobre a função do jornalismo *online* ("*diante da grande imprensa um espectro se impõe e apavora: o do jornalismo on line, livre e altivo como um falcão em vôo pleno*"[348]) para as direitas:

> Muita gente boa aponta o jornalismo eletrônico como o principal responsável pela ruína dos jornalões. Os motivos não são nada desprezíveis: blogs e sites não gastam com papel nem mantêm grandes redações, nem tampouco sofrem com perdas de receitas publicitárias - embora hoje, como se tornou evidente, o jornalismo on line comece a morder firme nas contas das grandes e pequenas agências de propaganda. Por outro lado, graças ao avanço da tecnologia digital, o jornalismo eletrônico conta com um dispositivo excepcional: sua dinâmica permite acompanhar e refazer a notícia a cada segundo, sempre em cima do fato, possibilitando até mesmo a transmissão de imagens ao vivo […] No entanto, não é apenas no plano da operacionalidade que o jornalismo on line causa rebuliço. Se a imprensa é, em essência, notícia e análise, o jornalismo eletrônico permite as duas coisas - o que o torna mais ágil, denso e promissor, cumprindo, em qualidade e quantidade, um papel sem paralelo no jornalismo de todos os tempos. Ademais, para fazer a análise qualificada, o jornalismo de site dispõe de tempo, espaço e liberdade (inimagináveis nas folhas de hoje em dia) […] Por sua vez, o jornalismo eletrônico, quando exercido à vera, sem a inibição dos códigos de redação e intermediários de praxe, cria uma ambiência especial, feita de independência, pesquisa e ousadia que só encontra paralelo no extraordinário clima de parceria que se estabelece entre quem escreve e quem lê. Não é por outro motivo, penso, que há quem passe entre 10 e 12 horas por dia navegando (termo preciso) na internet, transformando-se o navegador num potencial repassador de matérias, ou seja, num internauta[349].

Esta postura em relação a "revolução das telecomunicações", como parte integrante do imperialismo monetário, já era esperada pela direita latino-americana, em especial no que se refere na sua "convergência" – entre empresas transnacionais de telecomunicação, da mídia e da tecnologia da informação, capazes de forjar o consenso em termos globais ou regionais –, o "*que promete ser o grande protagonista na próxima etapa dos meios de comunicação audiovisuais do século XXI*"[350]. Segundo Pedro Simoncini, empresário argentino da mídia:

> O desenvolvimento dos meios de comunicação quebrou o isolamento dos primeiros núcleos da sociedade nos períodos iniciais de nossa história, permitindo um enriquecedor encontro e intercâmbio de culturas entre os povos a medida que esses meios se foram fazendo cada vez mais eficientes e velozes, em seu modo de vincular indivíduos e comunidades. As últimas novidades no mundo das comunicações, e especialmente as eletrônicas, impulsionam as transformações tanto no campo do entretenimento como no da informação. Fusões, aquisições, vendas, têm mudado a estrutura de empresas que haviam permanecido quase inalteradas desde o início da era eletrônica no começo ou meados de nosso século. Por sua vez, a ação destas

---

[348]PONTES, I. *Jornalismo falido x jornalismo on line*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/cultura/11284-jornalismo-falido-x-jornalismo-on-line.html, acessado em 20.12.10.

[349]Idem.

[350]"[...] *que promete ser el gran protagonista em la próxima etapa de los medios de comunicación audiovisulaes del siglo XXI*". SIMONCINI. P. "Garantizar el acesso a la información". *In*. FUNDACIÓN LIBERTAD (org.). *Los desafios a la sociedad abierta a fines del siglo XX*. Buenos Aires: Ameghino, 1999. p. 54. Tradução nossa.

> empresas transformadas em organizações multinacionais, cada vez maiores e diversificadas, que empregam tecnologia de ponta, tem mudado o panorama dos mercados, tanto, que hoje pode-se afirmar que são peças estratégicas de mosaicos regionais ou mundiais que cobrem zonas inteiras classificando a população de usuários em setores, ao quais oferecem serviços diversificados e cada vez mais segmentados[351].

Assim a tecnologia de informação não foi apropriada somente no processo de implementação das políticas ultraliberais na América Latina, como já discutido, mas "*a diversificação dos mecanismos tecnológicos permite também multiplicar os serviços que os meios podem prestar a distintos setores ou áreas da sociedade*"[352], neste caso, prestando-se à exploração política. Como num comentário no MSM, "*se tem uma coisa que existe na internet e não existe mais em lugar nenhum é a publicidade do pensamento conservador. Quem não tem internet tem que se esmerar para ter acesso a coisa remotamente semelhante ao Mídia sem Máscara*"[353].

Este processo de convergência relaciona-se diretamente com o que José Arbex Jr., da citada revista *Caros Amigos*, chama de "'*revolução conservadora' propiciada pela tecnologia*", mais "*um eficaz instrumento de dominação*", que facilita e amplia a profundidade da fabricação social da amnésia, que já era praticada, mas que agora é pautada "*mediante a imposição da velocidade informativa*", pois "*notícias do mundo inteiro são despejadas em tamanha quantidade, e com tanta rapidez, que mal tomamos conhecimento de um assunto e logo outro já ocupa os telejornais e, conseqüentemente, as manchetes da mídia impressa*", E que tornam esquecido em um espaço de tempo muito curto, "*aquilo que havia pouco ainda era considerado 'fundamental'*"[354].

Sobre o papel da mídia, sua atuação política e ideológica para a dominação e reprodução das relações sociais vigentes, outro teórico que nos traz elementos é Octavio Ianni, sendo que suas argumentações já abordam a questão da mídia em alcance global, através da internet. Ele tinha um

---

[351]"*El desarollo de los medios de comunicación quebró el aislamiento de los primeros núcleos de la sociedad em los períodos iniciales de nuestra historia, permitiendo un enriquecedor encuentro e intercambio de culturas entre los pueblos a medida que esos medios se fueron haciendo cada vez más eficientes y veloces, em su modo de vincular indivíduos y comunidades. Las últimas novedades em el mundo de las comunicaciones, y especialmente las electrónicas, motorizam las transformaciones tanto em el campo del entretenimiento como de la información. Fusiones, adquisiciones, ventas, han cambiado la estructura de empresas que habían permanecido casi inalteradas desde comienzos de la era electrónica a comienzos o a mediados de nuestro siglo. A su vez, la acción de estas empresas transformadas em organizaciones multinacionales, cada vez más grandes e diversificadas, que enplean tecnología de punta, ha ca cambiado el panorama de los mercados, tanto, que hoy puede afirmarse que son piezas estratégicas de mosaicos regionales o munidales que cubren zonas enteras clasificando la población de usuarios en sectores, a los cuales se brindam servicios diversificados y cada vez más segmentados*". SIMONCINI. P. "Garantizar el acesso a la información". *In*. FUNDACIÓN LIBERTAD (org.). *Los desafios a la sociedad abierta a fines del siglo XX*. op. cit. p. 53-54. Tradução nossa.

[352]"*La diversificación de los mecanismos tecnológicos permite también multiplicar los servicios que los medios pueden prestar a distintos sectores o áreas de la sociedad moderna: educación, capacitación, medicina, etc.*". SIMONCINI. P. "Garantizar el acesso a la información". *In*. FUNDACIÓN LIBERTAD (org.). *Los desafios a la sociedad abierta a fines del siglo XX*. op. cit. p. 55-56. Tradução nossa.

[353]Comentário de "Visitante", em 26.09.2009, no artigo de SALGUEIRO, G. *Brasil*: opção preferencial pela ilegalidade – Parte 2. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/governo-do-pt/8935-brasil-opcao-preferencial-pela-ilegalidade-parte-2.html#comment-15925, acessado em 12.12.10.

[354]ARBEX JR., J. "O legado ético de Perseu Abramo e Aloysio Biondi". *In*. ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. op. cit. p. 9.

entendimento distinto da questão do Príncipe moderno de Gramsci, que não seria mais um partido, mas o que chama de "Príncipe Eletrônico", formado pela "*mídia em geral, particularmente a mídia eletrônica*", estando "*presente no mundo todo, formando a opinião pública mundial numa escala excepcional*", ou seja, a modalidade partidária formadora de opinião por excelência. Obviamente ele refere-se às grandes corporações midiáticas globais, que ao divulgarem interpretações próximas dos acontecimentos, atuam como "*uma agência, uma instituição, que é ubíqua, que está presente em todos os lugares do mundo, que registra fatos, que esquece muitos fatos e que, em geral, transmite já com interpretação*"[355].

Ele entende o Príncipe de Maquiavel e o Moderno Príncipe de Gramsci, como arquetípicos, mas que tem suas funções sociais plenamente enraizadas, pois "*respondem a diferentes desafios histórico-sociais*" resultando "*em diferentes avaliações sobre o dirigente e as condições de sua atuação, visto em suas especificidades e em suas interrelações, tensões, e acomodações e dissociações*"[356]. E exatamente neste sentido ele interroga se os formatos e modos associativos que os autores prenunciaram e/ou teorizaram são válidos tendo em vista "*os desafios históricos-sociais da globalização*" que colocariam em crise uma série de "*categorias 'clássicas' da política*". Para tanto afirma suas considerações na seguinte conjuntura:

> Em primeiro lugar, a globalização do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório, propicia o desenvolvimento de relações, processos e estruturas de dominação política e apropriação econômica de alcance mundial. Alteram-se as formas de sociabilidade e os jogos das forças sociais, no âmbito de uma vasta, complexa e contraditória sociedade civil mundial em formação. Isto significa a emergência e dinâmica de grupos sociais, classes sociais, estruturas de poder, acomodações, tensões e lutas em escala mundial. Em segundo lugar, no bojo desse mesmo processo de globalização político-econômica e sócio-cultural, desenvolvem-se tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas que agilizam, intensificam e generalizam as articulações, as integrações, as tensões, os antagonismos, as fragmentações e as mudanças sócio-culturais e político-econômicas, pelos quatro cantos do mundo. Em terceiro lugar, e simultaneamente a todos os desenvolvimentos, nexos, contradições e transformações em curso, desenvolve-se uma nova configuração histórico-social de vida, trabalho e cultura, desenhando uma totalidade geohistórica de alcance global, compreendendo indivíduos e coletividades, povos, nações e nacionalidades, culturas e civilizações. Esse é o novo e imenso palco da história, no qual se alteram mais ou menos radicalmente os quadros sociais e mentais de referência de uns e outros, em todo o mundo[357].

Estas são considerações importantes e coerentes, mas temos que levar em conta que não se dá um novo momento, supostamente "pós-moderno", que alteraria o quadro anterior como ruptura revolucionária dos processos históricos anteriores, como imagina boa parte dos teóricos da

---

[355]RODA VIVA. *Entrevista com Octavio Ianni*. 25.11.01. Transcrição disponível em http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/pgm0776, acessado em 20.12.10.
[356]IANNI, O. "O príncipe eletrônico". *Questiones*. nº. 4. Disponível em http://www.journals.unam.mx/index.php/cuc/article/view/2033/1595, acessado em 20.12.10.
[357]IANNI, O. *O príncipe eletrônico*. Disponível em http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/ianni.rtf, acessado em 20.12.10.

“sociedade da informação”, e que sim, o quadro que situa se dá no bojo do aprofundamento das relações sociais sob o capitalismo. Como Virgínia Fontes e Stefano Garroni situam, “*nós continuamos a viver sob o domínio do capitalismo. O que era um movimento mais ou menos reduzido à Europa e aos Estados Unidos no século XIX tornou-se o modo de existência (e de produção) dominante na maior parte do planeta, um pouco mais de um século depois*”, mas que “*no entanto temos o sentimento de viver em outro mundo* [...] *O mesmo reino da acumulação ampliada parece trazer um outro modo cultural de existência!*”[358]. Este movimento é percebido por Ianni também em sua massificação do consenso forjado, da dominação que sente-se quase como sufocante, pois cria uma série de tarefas para a libertação do homem que lhe dão a impressão de “escaparem” das formações nacionais, colocando-se acima dos povos. É necessário frisar, embora o campo de luta das contradições seja nacional, em uma dada formação social, não é possível do mesmo modo minimizar a atuação dos grandes *think tanks*, dos oligopólios midiáticos, que tem uma atuação impessoal, mas crucial para o destino dos mais diferentes países.

Para ele, o novo Príncipe Eletrônico, apresenta-se como “*uma entidade nebulosa e ativa, presente e invisível, predominante e ubíqua, permeando continuamente todos os níveis da sociedade, em âmbito local, nacional, regional e mundial*”. É uma instância organizativa, “*o intelectual coletivo e orgânico das estruturas e blocos de poder presentes, predominantes e atuantes em escala nacional, regional e mundial*”. E exatamente por ser um formulador do consenso, não é “*homogêneo nem monolítico*”, pois “*além da competição evidente ou implícita entre os meios de comunicação de massas*” e que também é passiva de ser colocada em contradição, pela “*irrupções de fatos, situações, relatos, análises, interpretações e fabulações que pluralizam e democratizam a mídia*”. A grande capacidade destas instâncias estaria em expressar “*a visão do mundo prevalecente nos blocos de poder predominantes, em escala nacional, regional e mundial, habitualmente articulados*”, atingindo “*desde o narcotráfico e o terrorismo transnacionais às guerras e revoluções, dos eventos mundiais da cultura popular aos movimentos globais do capital especulativo*”, já que estes eventos acabam refinando “*o príncipe eletrônico, tornando-o mais sensível ao que vai pelo mundo, desde a perspectiva das classes e grupos sociais subalternos tanto quando de permeio à perspectiva das classes e grupos sociais predominantes*”[359].

Compreendendo esta mídia como técnica social,

> Trata-se de um meio de comunicação, informação e propaganda presente ativo no cotidiano de uns e outros, indivíduos e coletividades, em todo o mundo. Registra e interpreta, seleciona e enfatiza, esquece e sataniza o que poderia ser realidade e o imaginário. Muitas vezes, transforma a realidade, seja em algo encantado seja em algo escatológico, em geral virtualizando a realidade, em tal escala que o real

[358]FONTES, V.; GARRONI, S. “O trabalho abstrato e a cultura contemporânea, os desafios atuais do pensamento histórico” *In.* FONTES, V. *Reflexões im-pertinentes*: história e capitalismo contemporâneo. op. cit. p. 54.
[359]IANNI, O. *O príncipe eletrônico*. op. cit.

> aparece como forma espúria do virtual […] O que singulariza a grande corporação da mídia é que ela realiza limpidamente a metamorfose da mercadoria em ideologia, do mercado em democracia, do consumismo em cidadania. Realiza limpidamente as principais implicações da indústria cultural, combinando a produção e a reprodução cultural com a produção e reprodução do capital; e operando decisivamente na formação de "mentes" e " corações" , em escala global […] Assim, o que parece neutro, útil, positivo, logo se revela eficiente, influente ou mesmo decisivo, no modo pelo qual se insere nas relações, processos e estruturas que articulam e dinamizam as diferentes esferas da sociedade, em âmbito local, nacional, regional e mundial [...] São organizados, mobilizadas, dinamizadas e generalizadas como técnicas de comunicação, informação, propaganda, entretenimento, mobilização e indução de correntes de opinião pública, mitificação ou satanização de eventos, figuras, partidos, movimentos e correntes[360].

Para nós, não trata-se de aceitar plenamente as proposições de Ianni acerca do Príncipe Eletrônico, que não abarca as particularidades de cada formação social (seus conflitos de classes e intraclasses), já que atenta para o modo de produção vigente, de certo modo, não realizando suas mediações. Mas sim, reafirmar que existe na generalização do "pensamento único" uma tentativa de homogeneização do que circula midiaticamente em nível global, baseada solidamente nos órgãos de comunicação transnacionais. A própria existência de discursos como o do MSM contradiz o "pensamento único", mas atentando também para indicar que um discurso ideológico na contemporaneidade deve ser investigado em uma pespectiva global e não como fenômeno isolado. Ianni também torna explícito que existe uma relação consciente entre quem constrói a informação, explorada em uma série de perspectivas como visto em Abramo, e desigual, pois mesmo com sua amplificação através da internet, que acaba por "permitir" novas possibilidades de atuação contra hegemônica, não amplia automaticamente o entendimento do vivido a que o indivíduo poderia ter acesso. Ao contrário, através da convergência faz-se ainda mais impactante, e como assinalado, constituí-se em um cenário global no capital-imperialismo, o que trataremos detalhadamente adiante.

O posicionamento do MSM como observatório da imprensa nem de longe corresponde à democratização pregada pela pluralidade de leituras sociais, mas objetiva levar a cabo a liberdade de expressão em termos que sejam definidos pelo mercado: a censura, que desde a transição democrática perdeu seu caráter de política estatal para se tornar privada, regulada pelas grandes corporações midiáticas. Não conseguimos compreender o MSM se deixamos de analisar sua organização como a de um partido. Ou seja, sua busca por "*representar – mesmo que sem mandato real ou delegação explícita e consciente – valores e interesses de segmentos da sociedade*" que não estão "*acima dos conflitos de classe, da disputa do poder ou das divergências partidárias*"[361]. Neste sentido conseguimos estabelecer algumas características pelas quais o MSM apresenta-se para a

---

[360]IANNI, O. *O príncipe eletrônico*. op. cit.
[361]ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. op. cit. p. 46-47.

atuação política, que serão retomadas e, em alguns casos aprofundadas, nos próximos capítulos. Sua autocaracterização, destinada a possibilitar sua inserção como agente político competente, para a atuação crítica da realidade, foi estrategicamente seu maior ponto de apoio para o agrupamento e normatização de seus quadros assim como para a disseminação ideológica, para fins de propaganda através da internet. Também vimos que seu discurso, seu público-alvo e sua forma de propaganda são cuidadosamente preparados, visando a sua consolidação e de seus intelectuais como referências maiores para a direita fascista e para os agrupamentos reacionários da sociedade.